

IVANA APARECIDA COSTA CAVALCANTI

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA E A POESIA COMO UM ELEMENTO
ARTICULADOR NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO CURSO DE PEDAGOGIA**

Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa: Teoria e Prática Pedagógica na Educação Superior da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno

**CURITIBA
2001**



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

Exame de Dissertação n.º 231

Aos vinte e três dias do mês de abril de dois mil e um, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada **"A PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA E A POESIA COMO ELEMENTO ARTICULADOR NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO DE PEDAGOGIA"**, apresentada por **Ivana Aparecida Costa Cavalcanti**, ano de ingresso 1998, para obtenção do título de Mestre. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno	
Prof.ª Dr.ª Léa das Graças C. Anastasiou	
Prof.ª Dr.ª Marilda Aparecida Behrens	

De acordo com as normas regimentais a Banca Examinadora deliberou sobre os conceitos a serem atribuídos e que foram os seguintes:

Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno	Conceito <u> A </u>
Prof.ª Dr.ª Léa das Graças C. Anastasiou	Conceito <u> A </u>
Prof.ª Dr.ª Marilda Aparecida Behrens	Conceito <u> A </u>
Conceito Final <u> A </u>	

Observações da Banca Examinadora:

Prof.ª Dr.ª Lillian Anna Wachowicz
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Educação

AGRADECIMENTOS

A vida é um álbum de recordações
que reúne inúmeras e significativas imagens
dos momentos vividos.
Imagens que por serem marcantes
se perpetuam no tempo.

Quantas imagens o Mestrado em Educação propiciou...
Das imagens reveladas,
visualizo o convívio positivo e enriquecedor
com os colegas de classe.

Doces surpresas
entraram em foco permanente no álbum
como a colega de classe : Luciana Bracarense Fernadez
que de colega tornou-se amiga.
Compartilhamos...vivemos delírios ,
feito Don Quijote de La Mancha,
ponderamos, sugamos a essência
que esse estado febril nos propiciou.

Num flash de luz intenso
privo-me da visão.
Passo a enxergar com a alma
o despojamento total e irrestrito
que os professores do Mestrado: Marilda Behrens, Peri Mesquida,
Lilian Wachowicz, Jamil Iskandar, Jayme Ferreira Bueno (meu orientador)
tiveram para partilhar...compartilhar o saber.
Inserida nesse processo, vejo a imagem da competência silenciosa,
da sensibilidade, da amizade expressa/impressa
na pessoa de Solange Helena Corrêa Barbosa.

Seguindo essa luz
Prossigo o folhear do álbum de recordações
Chego na página das estações do ano.
Estações identificadas e reveladas
em cada ser do grupo: Dilma Montagnoli, Marina Mirlis Baader Girolla,
Rita de Cássia Vanin, Leonir Pessate Alves.
Primavera, verão, outono, inverno
com a convivência entraram em estado de fusão.
Emergindo o pólen da vida,

espalhando nos ares da PUC
e de nossas vidas
o aroma incomparável que a amizade possui.
Fecundando em nossos corações a fusão ocorrida.

Imagem...Imagens

Nossa!!!...quantas imagens foram registradas nessa época,
a da Escola de Ensino Fundamental “ Alberto Bauer”
que deixou translúcido a existência do companheirismo,
do amor e da amizade;
a UNERJ (Centro de Ensino Superior de Jaraguá do Sul)
e aos meus alunos do Curso de Pedagogia
meu vulcão impetuosamente ardente
na busca do profissionalismo competente.

Agrego a essas imagens

A imagem do Homem íntegro, sensível
que antes de ser o chefe do Departamento de Pedagogia da UNERJ
comprometido com a educação,
é meu referencial de irmandade: Ivaristo Antônio Floriani;
A imagem da Mulher de voz mansa com gestos fortes...
consciente do seu papel de ser luz :
Léa das Graças Camargos Anastasiou.
A imagem dos laços familiares maternos,
meu referencial do que significa apoio íntegro e irrestrito.
A imagem da minha segunda família, meu porto seguro II:
Júlia, Alceu Hermann e família
A imagem da amiga incondicionalmente presente: Monica Parucker Manteufel
A imagem dos amigos não nomeados,
partículas importantes do meu ser.

Mas, de todas as imagens que pulsam
nesse álbum de recordações
a mais significativa
é a imagem amarelada pelo tempo
que se renova diariamente
pela força e consistência que transmite:
a imagem dos meus pais.

Meu pai Carlos Francisco Costa Cavalcanti
os ensinamentos da vida o graduaram a filósofo
de sabedoria ímpar, ética.
Seu referencial é tão representativo no meu ser
que ultrapassa o ciclo da sua vida
que se fechou quando ele partiu desse plano material.

Minha mãe: Terezinha Cavalcanti
Ah....minha mãe!!!
Que mulher humana, perspicaz, guerreira!
Ela é a imagem mais elevada , inteireza e perene
que carrego no meu álbum de recordações.

Seu exercitar diário do verbo amar
alquimicamente transcende!

Agora, é momento de ouvir no silêncio
de degustar, regozijar
com a singularidade das imagens vividas.
Para então, introspectivamente confluir com Deus
compilando numa palavra valores de: convivência,
partilha,
aprendizado,
crescimento.
renovação.

Palavra esta, que por ser sobrenaturalmente mágica
Desvela o sentimento que sinto por todos.
A palavra que fecho (momentaneamente)
o álbum de recordações é: OBRIGADA!
Sem vocês, meu álbum estaria órfão de experiências,
desnutrido de vida.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	01
1.1 TEMA.....	11
1.2 DEFINIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	14
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.3.1 Objetivo Geral.....	16
1.3.2 Objetivos Específicos.....	16
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 PARADIGMA EMERGENTE.....	20
2.2 RAZÕES DA POESIA.....	32
3 INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE	43
3.1 INTELIGÊNCIA, CRIATIVIDADE E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO.....	50
4 PRÁTICA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	50
4.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARADIGMA TRADICIONAL.....	58
4.2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARADIGMA EMERGENTE.....	63

4.3 A POESIA COMO ELEMENTO ARTICULADOR NA TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	67
5 O CAMINHAR	75
5.1 A PESQUISA-AÇÃO E A POESIA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	75
5.2 AS ATIVIDADES DISCENTES E DOCENTES.....	87
6 O QUE O ESPELHO DA PESQUISA REVELA.....	112
6.1 O DESCORTINAR DA POESIA.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
ANEXOS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	150

RESUMO

A presente pesquisa propôs investigar se a prática pedagógica da poesia como elemento articulador no Ensino da Língua Portuguesa contribui na transformação da atividade de aprendizagem, da aquisição do conhecimento para a proposição de uma prática docente inovadora na Educação Superior, num processo colaborativo. Os sujeitos da pesquisa foram: I Fase (30 sujeitos) e VII Fase (21 sujeitos) do Curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior- UNERJ. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, de abordagem qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados utilizados serviram para compor o diagnóstico, fazer o acompanhamento do processo e para a avaliação dos resultados. Proporcionou a todos os envolvidos reflexão sobre a prática pedagógica do Ensino da Língua Portuguesa, clareando que Poesia pode ser um caminho viável na intencionalidade de fazer uma prática pedagógica inovadora. O Processo desencadeado teve como pressuposto essencial a exigência de uma profunda reflexão individual e coletiva dos sujeitos e da pesquisadora envolvidos, atentos as peças fundamentais do processo: as pessoas que sonham, pensam, interrogam, desejam, sendo construtoras e destinatárias das ações projetadas. Adotamos os seguintes princípios, considerados como básicos para o sucesso do trabalho: parte-se de um problema real, negociado com os pesquisadores/alunos; busca-se e seleciona-se fontes de informação incluindo as informatizadas; define-se critérios de seleção e ordenação das fontes; recolhe-se novas dúvidas; relaciona-se com outros problemas e avalia-se e conecta-se com um novo problema a ser estudado. Uma das características importantes dessa prática são a predominância da atitude de cooperação/parceria, o professor é um aprendiz eterno, leva em conta que todos os alunos podem aprender dado seu tempo e lugar para isso e cada percurso é singular, não há roteiro pré-estabelecido. Considera-se ainda a necessidade de se efetivar um currículo norteado por um marco ou eixo temático e ou grupo de problemas a serem desvendados pelos alunos. Essa mudança, considerada emergente, já está situada nas iniciativas de um número de alguns alunos universitários, no entanto ainda não consegue produzir uma mudança estrutural em todos os alunos das fases trabalhadas devido as barreiras paradigmáticas de cada ser. Recomenda-se que o professor que deseja atuar com práticas pedagógicas inovadoras necessita estar disposto à mudanças e em constante formação contínua, romper em suas práticas com os paradigmas dominantes e construir novos paradigmas que tragam no seu cerne a compreensão de um homem criador, o mundo em constante transformação e da prática necessária para a resolução dos problemas do contexto. Em relação à vivência que se relata nesse trabalho, encerra-se, afirmando que, novas experiências serão feitas pela pesquisadora, no sentido de solidificar a idéia de que por meio da Poesia como Elemento Articulador no Ensino da Língua Portuguesa se constrói conhecimentos com mais eficiência, criticidade, viabilizando assim, autonomia do ser.

PALAVRAS – CHAVES:

Pesquisa, poesia, Ensino da Língua Portuguesa, articulação, parceria/colaboração, paradigmas emergentes, práticas pedagógicas inovadoras.

ABSTRACT

To present research intended to investigate if the pedagogic practice of the poetry as element articulator in the Teaching of the Portuguese Language contributes in the transformation of the learning activity, of the acquisition of the knowledge for the proposition of an innovative educational practice in the Superior Education, in a process of collaboration. The subject of the research were: Phase I (30 subjects) and Phase VII (21 subjects) of the Course of Pedagogy of the Higher Education Center - UNERJ. The used methodology was the research-action, of approach qualitative. The instruments of collection of used data were to compose the diagnosis, to do the accompaniment of the process and for the evaluation of the results. It provided to all involved people, reflection on the pedagogic practice of the Teaching of the Portuguese Language, clearing that Poetry can be a viable road in the intention of doing an innovative pedagogic practice. The unchained Process had as essential presupposition the demand of a deep individual and collective reflection of the subjects and of the researcher involved, attentive the fundamental pieces of the process: the people that dream, think, interrogate, want, being building and addressees of the projected actions. We adopted the following beginnings, considered as basic for the success of the work: you begin of a real problem, negotiated with the investigators/students; it is looked for and it is selected sources of information including the computerized; it is defined selection criteria and ordination of the sources; it is picked up new doubts; link with other problems and it is evaluated and it is connected with a new problem to be studied. Some of the important characteristics of that practice are the predominance of the cooperation/partnership attitude, the teacher is an eternal apprentice, he takes into account that all the students can learn given your time and place for that and each course is singular, there is not pre-established route. Is still considered the need to accomplish a curriculum orientated by a mark or thematic axis and or group of problems be unmasked by the students. That change, considered emergent, it is already placed in the initiatives of a number of some academical students, however it doesn't still get to produce a structural change in all the students of the phases worked due the barriers paradigmatic of each being. It is recommended that the teacher that wants to act with innovators practices pedagogic needs to be willing to changes and in constant continuous formation, to break in your practices with the dominant paradigms and to build new paradigms that bring in your kernel a creative man's understanding, the world in constant transformation and of the necessary practice for the resolution of the problems of the context. In relation to the existence that is told in that work, closes up, affirming that, new experiences will be made by the researcher, in the sense of solidifying the idea that through the Poetry as Element Articulator in the Teaching of the Portuguese Language is built knowledge with more efficiency, criticity, autonomy of being, for they treat of the search of solution of problems of the context.

KEYWORDS: Researches, poetry, Teaching of the Portuguese Language, articulation, partnership/colaboration, emergent paradigms, innovative pedagogic practices.

A EDUCAÇÃO DO SER POÉTICO

Carlos Drummond de Andrade

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos do viver – estado de pureza da mente, em suma?

Acho que é um pouco de tudo isso, e mais do que isso, pois, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõe ou absorvem poesia. Mas, se o adulto na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo a proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?

Receio que sim. A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Sei que se consome poesia nas salas de aula, que se decoram versos e se estimulam pequenas declamadoras, mas será isso cultivar o núcleo poético da pessoa humana?

Oh, afastem por favor a suspeita de que estou acalentando a intenção criminosa de formar milhões de poetinhas nos bancos da escola maternal e do curso primário. Não pretendo nada disto, e acho mesmo que o uso da escrita poética na idade adulta costuma degenerar em abuso que nada tem a ver com poesia. Fazem-se demasiados versos vazios daquela centelha que distingue uma linha de poesia de uma linha de prosa, ambas preenchidas com palavras da mesma língua, da mesma época, do mesmo grupo cultural, mas tão diferentes. Se há inflação de poetas insignificantes, faltam amadores de poesia – e amar poesia é forma de praticá-la, recriando-a. O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

Não seria talvez despropositado cuidar de uma extensão poética das escolinhas de arte, esta idéia maravilhosa que Augusto Rodrigues tirou de sua formação humana de artista para a realidade brasileira. Longe de ser uma fábrica alarmante de verzejadores infantis essa extensão, curso ou atividade autônoma ou que nome lhe coubesse, daria a criança condições de expressar sua maneira de ver e curtir sua relação poética entre o ser e as coisas. Projeto de educação para a poesia, principalmente de educação pela poesia (fala-se hoje em educação artística no ensino médio, quando o mais razoável seria dizer educação pela arte). A vocação poética teria aí uma largada franca, as experiências criativas gozariam de clima favorável, sem que tal importasse na obrigação de pleitear resultados concretos mensuráveis em nível escolar. Sei de casos em que um engenheiro, por exemplo aos 30, 40 anos, descobriu a existência da poesia. Mas poderia tê-la descoberto bem cedo, encontrando-a em si mesmo, quando ela se manifestava em brinquedos, improvisações aparentemente absurdas, rabiscos, achados verbais, exclamações, gestos gratuitos.

Alguma coisa que se bolasse nesse sentido, no campo da educação, valeria como corretivo prévio da aridez com que se costumam transcorrer os destinos profissionais remados na especialização, na ignorância do prazer estético, na tristeza de encarar a vida como dever pontilhado de tédio. E a arte, como a educação e tudo mais, que fim mais alto poderia ter em mira senão este de contribuir paradequação do ser humano a vida, o que numa palavra, se chama felicidade(?). (ANDRADE, Carlos Drummond de. A Folha de São Paulo, São Paulo, 28 de julho, 1974).

1 INTRODUÇÃO

O fim do século propicia um momento de reflexão. Nesse momento, questionamos as semelhanças e as diferenças existentes entre o século que termina e as perspectivas para o novo.

O desafio da Universidade está em acompanhar o novo cabedal de informações advindas da sociedade do conhecimento e da revolução tecnológica para que o educador, que nela está inserido ocupe papel atuante e não apenas de coadjuvante nesse processo.

A revolução tecnológica e os novos paradigmas impulsionaram a provocar uma reflexão sobre a mudança e a necessidade de arquitetar estratégias condizentes com as condições produtivas contemporâneas em todos os segmentos da sociedade. No meio universitário, os professores têm sido vítimas de duras críticas à qualidade e à produtividade do ensino oferecido frente às exigências da cibernética, da informática e da robótica... O desafio que se impõe é encontrar um equilíbrio em formar e formar-se. BEHRENS (1998,ps.43,44)

O aluno da atualidade precisa exercitar diariamente sua inteligência criativa, reflexiva e criadora, para poder efetivar-se como cidadão atuante na sociedade.

Especialmente no que diz respeito à arte poética, exige-se da escola habilidades por parte do professor, para que o aluno ouse desnudar a sua inteligência criativa, reflexiva, criadora. Procura-se por estas habilidades desenvolver a amplitude do todo, da cultura de um modo geral, haja vista que a nossa época é marcada pelo processo globalizante. Estar inserido nesse mecanismo faz com que o conhecimento fragmentado seja devorado pela totalidade. Não há mais possibilidade de pensarmos nos fatores educacionais isoladamente. Esses fatores precisam ser analisados nas suas amplitudes. Estar inserido no processo educacional requer principalmente “atitudes”.

A abordagem e a compreensão da educação sob a ótica da totalidade demanda algumas reflexões. É preciso reportar-se a décadas passadas e questionar se havia totalidade educacional. A resposta a este questionamento se faz com outro: quem eram os detentores absolutos do saber e quem ficava (sempre!) como mero espectador, na educação?

A retrospectiva histórica sobre a formação de professores, mostra uma metodologia de “pacotes”. O professor recebia, na graduação, uma pequena injeção de “receitas” que não continham um significado, em si, pois estavam desagregadas da realidade. Os educadores responsáveis pela formação de docentes, preocupavam-se em passar suas experiências para que os futuros professores pudessem reproduzi-las. Com o discurso da abnegação, do sacrifício e da missão, ratificou-se, por muitos anos, uma proposta estéril para a formação de professores, pois a mensagem norteadora era “faça como eu faço”. A cópia não se reproduzia a contento no momento da prática, pois os alunos eram outros e a realidade não se encaixava no que o professor havia aprendido.

Consequentemente, o enfoque circundava os modelos nos quais os problemas educacionais poderiam ser solucionados com a modernização dos métodos de ensino. Assim, a formação de professores alicerçava-se nos modelos funcionais e operacionais. (BEHRENS, 1996, p. 99).

Compreender o mundo, a educação como totalidade, matéria e espírito é compreender que há necessidade de uma renovação educacional, no sentido de privilegiar a liberdade intelecto-crítica do pensamento de cada indivíduo que se apresenta no âmbito educacional.

O problema da qualidade da educação no que tange atingir a “totalidade”, está diretamente ligado à formação do professor. Fazer a passagem da formação inicial, para a formação continuada a fim de atingir a profissionalização é que demarca o grande desafio de nossa década. No entanto: “O que está a acontecer na educação reflete o que está a acontecer noutras áreas: uma crise de confiança no conhecimento profissional[...] Na educação esta crise centra-se num conflito entre o saber escolar e a reflexão-na-acção dos professores e dos alunos.” (SHÖN, in: NÓVOA, 1992, p.80).

Durante décadas, a competência docente era ser a-político, falar sem dar ouvidos, reproduzir os conhecimentos alicerçados dos livros paradidáticos. Essa mudança radical da visão educacional ocasiona conflitos, inquietação, e, por que

não dizer, crise de confiança. Segundo SCHÖN (In: NÓVOA, 1992, p. 85) “é impossível aprender sem ficar confuso”. Acreditamos que estar confuso, sentir medo do novo, dos rompimentos/das mudanças paradigmáticas, é positivo quando esses sentimentos funcionam como estímulo no professor a mudar sua prática pedagógica. Deixando de ser um profissional conflitante nas suas incertezas, nas suas singularidades, nos seus valores educacionais. “Falar de mudanças paradigmáticas é referir-se a determinados momentos históricos em que ocorrem profundas rupturas no processo cumulativo da cultura humana. Esses momentos revolucionários provocam um novo modo de ver a realidade e mais uma nova concepção do que seja a própria realidade”. (CARDOSO, 1995, p.15)

Decorre dessas mudanças a necessidade de o professor ser um pesquisador, investigador que trabalha em parceria (professor/ aluno), lidando com as diversidades do individual e do coletivo, enfrentando de peito aberto o desafio de ser um novo profissional docente que, em parceria, produz o saber. BEHRENS (1996, p.101) analisa esse processo com muita propriedade, quando diz que o professor que vinha caminhando sem uma visão da sua própria prática frente à realidade circundante e de seu próprio trabalho foi impelido a desenvolver plenamente um saber fazer competente para lutar por uma democracia nas instituições escolares. Encarar de frente as duras críticas de que vem sendo objeto nas últimas décadas tem sido um processo dolorido e desafiador, porque, para chegar ao engajamento político do professor, perpassamos várias e controvertidas etapas, mas a ênfase recaiu na capacitação docente profissional, que passou a ser o pano de fundo da valorização do professor. Revolucionar uma metodologia, fazendo-a surgir radicalmente nova, propondo uma atuação e uma concretização de um novo compromisso político do professor, tem sido apontada como a luz no fundo

do túnel. Essa nova metodologia deve ser conquistada, construída, transformada na sua caminhada profissional. Entretanto, a mediação entre a competência técnica e o sentido político da prática pedagógica parece ser um pressuposto inquestionável na construção da profissão do professor. Torna-se necessário ultrapassar a polarização entre o técnico e o político, a teoria e a prática, o saber e o fazer, pois estas dicotomias se apresentam interligadas, e por isso não podem ser vistas como opostas e polarizadas.

De que forma essa revolução metodológica irá acontecer? É um questionamento que precisa ser internalizado, para poder fluir no espaço educacional. Parafraseando NÓVOA, é um conhecimento que precisa ser refletido na/sobre a ação, ação/ reflexão na ação docente.

Não se trata de jogar o saber experienciado fora, trata -se de reciclar conceitos, atitudes. "A formação de um novo paradigma ocorre nas entranhas do anterior" (CARDOSO, 1995, p.17).

Reflexões como essas levam a questionar se a política educacional que as escolas vêm exercendo privilegia a educação pela inclusão, ou se o que se tem feito não fica na dimensão do discurso, sem que a prática o acompanhe. Na verdade, as escolas a cada dia vêm realizando um processo de exclusão. Vale citar LIBÂNEO(1998, p. 20):

É difícil acreditar numa política educacional modernizante, tal como se tem sido incentivada pelo governo federal, quando se observava nos Estados a manutenção do sistema de ensino duplo: o das escolas públicas sem remuneração decente para os professores, sem condições físicas e materiais, sem supervisão pedagógico - didática com qualidade, sem programas de formação continuada, e os das escolas privadas cada vez mais seletivas.

Assim, é falso afirmar e pensar que a educação tenha, no novo paradigma produtivo, um caráter democratizante . A formação da população não tem como

sentido essencial valorizar o saber, num indivíduo. Ela visa formar um homem que supra as necessidades de produção.

Diante dessas afirmações, é necessário, é primordial que o professor esteja engajado no processo educacional da instituição, que ele tenha envolvimento afetivo com os alunos, vivendo (e não sobrevivendo) a prática dentro da instituição.

Os educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino, levando a uma reavaliação do papel da escola e dos professores. Entretanto, por mais que a escola básica seja afetada nas suas funções, na sua estrutura organizacional, nos seus conteúdos e métodos, ela mantém - se como instituição necessária à democratização da sociedade. Por isso, o tema da formação de professores assume no Brasil de hoje importância crucial, ainda que a questão de fundo continue sendo as políticas públicas e as efetivas condições de funcionamento das escolas públicas. Não há reforma educacional, não há proposta pedagógica sem professores, já que são os profissionais mais diretamente envolvidos com os processos e resultados da aprendizagem escolar.[...] Para isso, professores são necessários, sim. Todavia, novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias.

É preciso resgatar a profissionalidade do professor, reconfigurar as características de sua profissão na busca da identidade profissional. É preciso, junto com isso, ampliar o leque de ação dos sindicatos envolvendo também a luta por uma formação de qualidade, de modo que a profissão ganhe mais credibilidade e dignidade profissional. (LIBÂNEO 1998, ps. 07/10)

A consciência ecológica está fazendo nascer uma nova relação homem-mundo. O modelo clássico de ciência surgiu em meio a um forte sentimento de conquista, de expansão. O homem teve a experiência, como jamais tivera, de que o conhecimento podia representar poder. As transformações sociais, o declínio do poder da Igreja e das monarquias foram desencadeados pela ciência traduzida em técnica e tecnologia. Conquista, desbravamento, exploração econômica, expansão política, foram os resultados dessa nova relação entre o homem com seu semelhante e com a natureza como um todo. O espaço conquistado pelas minorias dominantes teve o custo do sacrifício da maioria e da natureza. A consciência dos limites possíveis para a ocupação e dominação parece ter chegado, ainda que muito superficialmente.

É nos momentos em que o saber se renova, em que a sociedade muda, que a universidade deve cumprir mais plenamente seu papel: realizar seu destino e legitimar - se diante do mundo. A crise do mundo facilita e exige um novo papel para a universidade[...] O que torna difícil à universidade aventurar -se neste novo conhecimento é seu apego ao presente, sua recusa de navegar as mudanças que ocorrem no mundo.(BUARQUE, 1994, ps.32, 33).

Agora, ou muda a consciência, a visão e o modelo de pensamento científico, ou se pagará o preço. Certos fatos históricos apontam para mudanças radicais. A reversão do bloco soviético, a regionalização da economia com a abertura de fronteiras entre países são mudanças que não podem passar despercebidas.

Com a redescoberta do pensamento oriental, com a aceitação de formas alternativas de pensar, o Ocidente começa a contestar seu materialismo como objetivo e como método de pensar. Surge uma valorização do uso da intuição, do sentimento, da globalidade. Ressurge uma prática de espiritualidade sem complexo de inferioridade. O holismo se afirma como uma prática intelectual.

Mas esta prática ainda não chegou à universidade. O surgimento de núcleos de estudos das áreas alternativas, em vez de elemento de criatividade e renovação para o momento, é visto como esoterismo incoseqüente, como ameaça à boa imagem da seriedade da instituição. A universidade ensina todos os nomes de todos os rios, mas anula nos alunos a capacidade de emocionar -se ao ver um deles. Ensina por que a economia se desequilibra, mas leva cada aluno a ignorar que há nomes por trás do desemprego criado. (BUARQUE, 1994, p. 37)

Parece colocar-se o dilema: ou se pensa o todo, ou não se sobrevive à fragmentação. O holismo empresarial já vem sendo pensado, ainda que com extrema parcimônia. Hábito enraigado de pensar as partes está dificultando uma análise de amplitudes mais dilatadas. Estes fatores e muitos outros que apontam para a mesma direção demandam o repensar do todo.

A aprendizagem da visão holística conflita com o interesse e com a necessidade. Não se conseguiu, ainda, fazer a síntese entre os interesses e as necessidades coletivas. As necessidades individuais prevalecem e uma ética dos interesses e do êxito imediato se impõem como limitadores da construção de um mundo de real desenvolvido para todos. A visão sistêmica tenta ver a interdependência de partes distintas. A visão de totalidade não tem certeza de onde começa e onde termina uma e outra parte, ainda que se dê conta de que as partes existem.

Educar para uma cidadania global é ensinar a viver na mudança e não querer controlá-la. Compreender que é impossível querer desacelerar o mundo e, assim, procurar adaptar a nossa forma de educar às mudanças rápidas e aceleradas presentes no mundo. É ter uma atitude interna de abertura e não de fechamento, uma atitude de questionamento crítico e, ao mesmo tempo, de aceitação daquilo que julgar relevante. Implica desenvolver uma boa capacidade decisória, perceber e compreender as diferentes alternativas, os diferentes caminhos que se apresentam, compreender que cada indivíduo é quem decide e constrói o seu próprio caminho e que é preciso ser flexível para perceber quando será necessário refazer o caminho. Pressupõe a compreensão da vida como um processo dinâmico, flexível, criativo, interdependente, um processo individual e coletivo, que lembra que nossos pensamentos e nossas ações repercutem não apenas no contexto em que vivemos, mas numa dimensão muito mais ampla do que podemos imaginar. (MORAES, 1997, ps.225, 226)

Está-se criando um certo consenso entre os educadores de que ministrar disciplinas estanques é problemático. Acredita-se que essas disciplinas não atendem, individualmente, à formação do homem a que os objetivos educacionais visam atender. Os próprios cursos, dentro de uma universidade, produzem efeitos indesejáveis por sua descontextualização.

Uma das causas da amarra da universidade às formas tradicionais de pensar, aprisionando -a ao passado, está na visão da eficiência da produção de pensamento através da especialização. [...] É claro que esta visão robotizada não produz o homem que se deseja em um projeto civilizatório eficiente para atender nossas necessidades materiais de forma livre e culturalmente rica. Para tanto, surge a busca de uma globalidade de pensamento, tal qual uma forma nova de homem da Renascença. [...] Esta globalização ainda não se deu na universidade, que continua reagindo devido a uma visão antiquada do processo de produção do saber, por comodismo e por total incapacidade de muitos professores e alunos de sair da forma de pensar na qual foram formados. [...] Com isso, a universidade mantém um quadro de pessoas despreparadas para o presente ou insatisfeitas com o estado em que estão. E não forma o homem competente e realizado que o futuro exige e que o presente já permite.(BUARQUE,1994,ps. 37,38, 39).

Esta medida parece não estar atingindo o problema cuja solução se busca. Parece que, muito mais que um problema administrativo, é um problema de princípios. Qualidade foi, de modo geral, vinculada à especialidade. A universidade se acomodou à qualidade de entrada, ou seja, acomodou-se às necessidades de alunos provenientes dos graus inferiores com um despreparo evidente. O sistema de acesso, que são os exames vestibulares, ao menos no Brasil, também foi adequado a tal situação. A criticidade não é trabalhada nem no Ensino Fundamental e nem no Ensino Médio. Conseqüentemente, a Educação Superior sofreu uma acomodação compatível com as condições dos vestibulandos. A preocupação crescente com as

especialidades deixou os aspectos qualitativos da educação relegados a planos inferiores. As disciplinas são limites horizontais do saber. Esses limites se estreitaram sempre mais. Com isso, a capacidade criativa e a iniciativa se enfraqueceram. Tendo uma finalidade ordenadora do processo global do saber, as disciplinas estão desvinculadas do todo da educação. Cresceram e crescem, dia a dia mais em número as disciplinas dos currículos, na tentativa de aprofundar cada detalhe ou parte curricular. Contudo, não se tem percebido que isto tenha se transformado em qualificação dos cursos. “A universidade do mundo em transformação necessita criar uma estrutura que lhe permita ser um centro de educação superior de forma permanente para os profissionais de nível superior” (BUARQUE, 1994, p.48). É bem verdade que a especialização se tornou uma necessidade real. É bem verdade que o conhecimento do homem cresceu vertiginosamente, nos últimos séculos e que se torna sempre mais visível a velocidade com que aumenta. A crítica não vai neste sentido.

Se não for capaz de navegar as mudanças que hoje ocorrem no mundo, a universidade tenderá a desaparecer; corre o risco de ser fechada, como ocorreu no passado com algumas, ou de tornar-se irrelevante, como muitas já o são no presente. Se isso ocorrer, o conhecimento e o processo civilizatório estarão impedidos de usar o maior potencial de geração de saber do mundo contemporâneo. O salto para um novo paradigma será adiado ou poderá ser orientado para alternativas também prisioneiras de misticismos em vez da atual racionalista ou do curto prazo das exigências tecnicistas.

Entretanto, se for capaz de navegar as mudanças, de cumprir seu papel de revolucionária das idéias, a universidade pode ser, no próximo século, a principal instituição de construção do novo. Constituir -se - á, assim, a nova universidade. Para tanto, o primeiro passo deverá romper as amarras que aprisionam a universidade hoje. (BUARQUE, 1994, p. 51)

A visão de totalidade não tem como proposta uma formação necessariamente generalista. Pelo contrário, as conquistas do conhecimento requerem esforço sempre mais concentrado para dominá-lo com qualidade. A proposta é a de que se busque com todo empenho a especialidade com qualidade. O pensar das partes exige o pensar do todo. A especialidade representada pela disciplina específica não tem especialidade alguma, se não for pensada para o todo.

Tais pressupostos coincidem com o pensar de CREMA (maio, 1998) , quando afirma que somos filhos de uma promessa. Estamos aqui para fazer uma diferença. Há razão quando dentro dela palpitar um coração, ou seja, ele provoca um mergulho no poço de nossa existência pessoal e intra- pessoal, questionando onde está a alma dos currículos. Afirmando que o currículo tem que estar centrado em cada aprendiz, porque cada criança é um milagre suficiente para não ter que ser comparada com outra, a não ser com ela mesma. Seu pensar é um viés que possibilita ao aprendiz tornar-se o que ele é e não o que queremos que ele seja.

Os terapeutas de Alexandria afirmavam que você troca de roupa em 2 minutos e leva uma vida inteira para mudar o seu coração. Confúcio há 2.600 anos dizia:

Aos 15 anos orientei meu coração para aprender
Aos 30 eu plantei meus pés firmemente no chão
Aos 40 não mais sofria de perplexidade
Aos 50 eu sabia quais eram os preceitos do céu
Aos 60 eu os ouvia com ouvido dócil
Aos 70 eu podia seguir as indicações do meu próprio coração
porque o que eu desejava
não mais excedia as fronteiras da justiça (CREMA, maio, 1998)

Isso, comprova que desenvolver a subjetividade, a psique (dimensão mental, emocional, valorativa), a alma, a essência, interagindo com o conhecimento científico e o tecnológico são caminhos que as escolas deveriam apropriar-se para resgatar o seu papel, a sua real e verdadeira função na sociedade - agente transformador.

A escola tem um grande papel no fortalecimento da sociedade civil, das entidades, das organizações e movimentos sociais. Ora, tudo o que esperamos da escola para os alunos são, também, exigências colocadas aos professores. [...] A escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna ou pós - industrial. A escola tem, o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Compromisso de ajudar os alunos a tornarem -se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade.

Diante dessas exigências, a escola precisa oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade de modo que os alunos que passem por ela ganhem melhores e mais efetivas condições de exercício da liberdade política e intelectual. É este o desafio que se põe à educação escolar neste final de século. (LIBÂNEO ,1998, ps.09 -10).

“ O ser humano será a maior descoberta do século XXI ou então não haverá descoberta no século XXI”. (CREMA, 1998).

Nesse sentido, reiteramos a necessidade de trabalhar na totalidade. Afinal, o mundo do conhecimento é mais mundo, quando o transformamos, ampliamos o nosso “pequeno- mundo”. Quando lhe damos autonomia para crescer, para poder abrigar outros mundos, possibilitando a fusão , a alquimia científico- docente de ser um só.

A pesquisa que propusemos teve como objeto repensar a prática pedagógica em Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela adoção da poesia como elemento articulador. Buscou-se a construção do conhecimento, num paradigma emergente, constituindo etapa inserida ao programa de Mestrado em Educação e insere-se na linha de pesquisa “ Teoria Pedagógica na Educação Superior”, que propõe uma “ reflexão crítica, individual e coletiva, sobre a teoria e a prática pedagógica dos professores que atuam na Graduação¹”.

A partir dessa constatação, a pesquisadora entende ser necessária uma nova postura em relação ao ensino metodológico da poesia na Educação Superior, haja vista que um dos trabalhos de vida, em nossos dias como educadores, é descobrir, despertar e desenvolver a capacidade criadora, para fazer novas formas de vida e novas maneiras de dizer a vida. A prática pedagógica sempre independente da poesia continua a elevar a linguagem, o corpo, a imaginação.

O objeto da pesquisa é, assim, partindo desse repensar, rever os paradigmas tradicionalmente adotados e propor uma prática pedagógica criativa, transformadora, mais apropriada às necessidades da vida atual e à formação dos educandos para atuarem no mundo de hoje.

¹ Manual do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUC, 1998.

1.1 TEMA

A PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA E A POESIA COMO UM ELEMENTO ARTICULADOR NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO DE PEDAGOGIA

A prática pedagógica adquirida no curso de Pedagogia do então Centro de Ensino Superior – UNERJ permitiu à pesquisadora constatar por parte dos alunos da VI e VII fase o despreparo para trabalhar metodologicamente com a poesia, na Educação Básica . O ensino metodológico da poesia tem sido norteado por um paradigma muitas vezes tradicional de recitações, interpretações e criações poéticas com temas previamente estabelecidos.

Um poema, porém, não pode ser reduzido ao seu funcionamento lingüístico. A linguagem é fortemente entrelaçada com o imaginário em todas as dimensões desta palavra. As pessoas devem poder experimentá-lo não só como leitoras atentas, criativas, sensíveis às conotações, mas também como produtoras de poemas.

No dicionário Aurélio (1993, P.177), encontramos **articulação**, significando "juntar formando cadeias; ligar, unir, juntar; estabelecer contatos entre duas ou mais pessoas com a função de..." .

Nesse sentido, intencionamos aplicar o termo articulação... articular a poesia no Ensino da Língua Portuguesa, estabelecendo contatos entre professora pesquisadora e alunos, alunos universitários pesquisados entre si com seus alunos

com a função de constatarmos a viabilidade da poesia ser elo para a produção do conhecimento.

O tema escolhido, " A PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA E A POESIA COMO UM ELEMENTO ARTICULADOR NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO DE PEDAGOGIA , para a dissertação de Mestrado em Educação Superior na linha de pesquisa " Teoria e Prática Pedagógica na Educação Superior" , é , assim, o repensar da prática pedagógica da disciplina de Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa, pela adoção de uma metodologia que objetive estimular e cultivar a imaginação, o desejo, a memória profunda.

Nesse sentido, BEHRENS (1999, p. 73) alerta que os docentes e os alunos precisam trabalhar em parceria significativa num ensino de melhor qualidade, buscando uma prática pedagógica crítica, produtiva, reflexiva e transformadora, estruturando ações que possibilitem a construção de caminhos próprios, de professores e alunos, que buscam autonomia e qualidade no processo pedagógico.

O trabalho isolado, dissociado do contexto, não viabiliza que o processo de produção do conhecimento ocorra de forma abrangente. MORAES (1997,p.227) instiga-nos a repensar nossa prática pedagógica, quando diz:

Uma educação para um mundo em constante transformação solicita o fortalecimento da unidade interior e a necessidade de privilegiar o desenvolvimento da intuição e da criatividade, aquele tipo de conhecimento mais espontâneo, que vem das profundezas do ser, que envolve um tipo de saber que une o mundo interno com o externo, algo que estaria implícito e que se desdobra de forma concentrada e repentina, que se faz presente, que se esclarece e se estrutura. Isso é importante para que o indivíduo possa sobreviver a qualquer tipo de mudança, para que saiba lidar com o imprevisto, as injustiças, o novo e o caos, que exigem um novo pensar, mais coerente, articulado, rápido, múltiplo e exato, para que se possa estabelecer novas relações, novas ordenações e novos significados. Trabalhando os espaços internos, trabalharemos melhor os espaços externos, criaremos uma nova ecologia social...

GUILLOT coloca ainda que o imaginário não é um universo estático, um almoxarifado da fábrica imaginativa, ele é um campo energético que trabalha as imagens percebidas e cria novas imagens. (In: JOLIBERT, 1994, p. 186)

O tema foi especificamente desenvolvido inicialmente junto às turmas da VI e VII fase do curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Jaraguá do Sul², onde a pesquisadora exerce a função docente, permitindo não apenas oferecer uma experiência vivenciada, como também procurar sistematizar cientificamente um trabalho que vem desenvolvendo junto aos discentes do curso de Pedagogia, há 4 anos.

²Posteriormente a pesquisa ficou centralizada na I (30 sujeitos) e VII (21 sujeitos) fase do Curso de Pedagogia da UNERJ, essa mudança ocorreu porque a professora pesquisadora considerou que por haver um espaçamento maior entre as fases o retorno seria maior.

1.2 DEFINIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A existência de uma problemática nos possibilita percorrer dois caminhos: o da estagnação, ou o da inquietação.

Nesse sentido, em decorrência do problema detectado com relação à aplicação metodológica no ensino da poesia, frente aos alunos do curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior - UNERJ, a pesquisadora optou por percorrer o caminho da inquietação. FAZENDA (1995,p.11) ilustra com propriedade esse momento que perpassa a pesquisa e o pesquisador, porque, para ela, quando o pesquisador iniciante se defronta com o dilema da pesquisa, é prisioneiro do desejo de ir além, de criar, de inovar, de caminhar em direção ao que ainda não é. Porém, como ainda não sabe quem é, fica impedido de transgredir seus próprios limites. Entretanto, à medida que vai se aproximando de si mesmo, sua pesquisa experimenta gosto pela autêntica descoberta de sua subjetividade. Como num espelho, vê sua imagem (aquela que nunca a ele fôra revelada), exposta como se não fosse sua. Examina-a em cada detalhe, um ajuste aqui, outro acolá, aproxima-se da imagem de seus desejos. É todo um processo de construir-se e, aos poucos, revelar-se.

Eis o maior desafio: **Como contribuir para o ensino da Língua Portuguesa na Educação Superior no Curso de Pedagogia, tendo a poesia como elemento articulador?**

Tal desafio, está alicerçado nos seguintes questionamentos:

1 Como possibilitar ao aluno universitário a abertura a novas formas de conhecer, sentir, pensar e agir por meio formação profissional ética, crítica, e consciente, para que possa construir seu caminho teórico – prático pela criação/ recriação do conhecimento?

2 Qual o paradigma educacional , articulado pela poesia mais apropriado para nortear a prática pedagógica no ensino de Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa, tornando os alunos sujeitos criativos, com o intuito de levá-los a uma melhor compreensão de si, do mundo, para incitá-los, eventualmente, a entrar no domínio da criação poética?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Repensar uma prática pedagógica capaz de estimular e cultivar a competência crítica, reflexiva e criativa, na aprendizagem da Língua Portuguesa pelos alunos, tendo a poesia como elemento articulador.

1.3.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre a concepção pedagógica da produção de conhecimento.
- Analisar e examinar a parte dinâmica: a palavra.
- Refletir sobre a aplicação dos conteúdos programáticos da poesia, seus objetivos e suas estratégias.
- Desenvolver método de orientação para a análise de textos poéticos pelos alunos universitários.
- Propiciar metodologias específicas para que o aluno seja capaz de analisar, sintetizar e interpretar poemas.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

BACHELARD (1988,p.15) afirma :

Dois vocabulários deveriam ser organizados para estudar, um o saber, outro a poesia. Mas esses vocabulários não se correspondem. Seria vão constituir dicionários para traduzir de uma língua para a outra. E a língua dos poetas deve ser aprendida diretamente, precisamente como a linguagem das almas. [...] Uma imagem poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo, o mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver.

Concordamos com Bachelard e, por esse motivo, pretendemos desvelar as situações que impedem a aquisição metodológica poética: inovadora/ crítica/ reflexiva na prática pedagógica dos discentes que atuam na educação infantil, no ensino fundamental e médio. Acredita-se que este processo reconduzirá a um novo posicionamento quanto ao caminho metodológico do ensino da poesia a ser percorrido.

Acreditamos que uma proposta de encaminhar metodologicamente o “ensinar – aprender – produzir” conhecimento pela poesia como elemento metodológico deva contribuir na concepção solidificada da construção do conhecimento.

BRANDÃO, citado por BEHRENS (1996, p. 1552), diz que a finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com que trabalhamos. Por isso, o estudo da realidade vivida constitui o ponto de partida e a matéria- prima do processo educativo.

Para viabilizar esse processo, nos propusemos a desenvolver o nosso trabalho com os alunos do curso de Pedagogia – I e VII fase do Centro de Ensino Superior de Jaraguá do Sul, nas disciplinas de: Língua Portuguesa I (I Fase) e

Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa (VII Fase) , estabelecendo níveis de atuação, inseparáveis e imbricados um ao outro: técnico, teórico, epistemológico, científico, humano, educacional, histórico, gerador da realidade e /ou da visão de mundo.

Para tanto, optamos por uma abordagem crítico-dialética, a qual viabiliza o estudo e a análise das práticas pedagógicas, o descortinar do conflito dos interesses, o fazer da inter- relação do todo (o professor-aluno universitário) com as partes (seus alunos) e vice-versa, fazer a reprodução das contradições, relacionar o ser social e histórico, de forma a veicular teoria/ prática, pensar/ agir entre o sujeito e o objeto.

Privilegiamos a concepção de pesquisa qualitativa, escolhendo a pesquisa - ação como metodologia mais apropriada para a realização/efetivação do trabalho, haja vista que essa metodologia possibilita estudar cientificamente os problemas que impedem ao aluno- universitário propor metodologias para seus alunos que auxiliem de forma concreta e coesa no processo de criação, apropriação do conhecimento.

A pesquisa- ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLENT, 1988,p.14)

Com esses pressupostos, que deslocam o objetivo da simples aplicação de conteúdos programáticos para a reflexão, intencionamos seguir os seguintes passos metodológicos:

1º) Aplicar questionário para fazer mapeamento das dificuldades encontradas por parte dos alunos universitários em trabalhar com a poesia no ensino da Língua Portuguesa;

2º) A partir dos dados obtidos com o questionário aplicado, discutir e identificar qual o elemento *estaque* na aplicabilidade da poesia.

3º) Diante da centralização do problema evidenciado no item anterior, provocar a reflexão, interferir junto aos alunos universitários, propondo fundamentação teórico/ prática para trabalhar com a poesia em Língua Portuguesa, definindo um caminho metodológico.

4º) Aplicar o processo metodológico em sala de aula com os alunos universitários e instigá-los a que também o apliquem com seus próprios alunos.

5º) Relatar os pontos positivos e os que não produziram efeito por meio das dinâmicas colocadas em prática.

6º) Avaliar o resultado da interferência, com os dados fornecidos pelos alunos universitários com seus próprios alunos.

7º) Analisar o processo evolutivo da aplicação dos seis passos anteriores, para construir com os alunos universitários uma proposta metodológica que priorize o encontro do homem com a poesia.

Na perspectiva valiosa de BEHRENS (1996, p. 159), objetiva-se não só envolver os sujeitos como parceiros nesta pesquisa, mas ter como objeto de trabalho a necessidade de os docentes buscarem novas alternativas para a ação pedagógica. Não se trata de uma pesquisa só para constar em registro, mas para instigar os professores a refletirem sua prática educativa .

Dessa forma, a pesquisadora intenciona trilhar o caminho da parceria e da prática educativa transformadora.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PARADIGMA EMERGENTE

O desenvolvimento social exige cada vez mais uma formação sólida, ampla e profunda de seus membros. O mundo está mudando velozmente. São foguetes espaciais, computadores, fax, telefone celular, TV a cabo, máquinas de lavar roupas e louça, microondas, raio laser, cartões magnéticos e tantas outras invenções, algumas até inacreditáveis. O computador está cada dia mais presente nas casas e nas escolas. Até os brinquedos das crianças baseiam-se nessas invenções. E com a tecnologia, a distância entre os países e as pessoas diminui. Qualquer um pode saber o que acontece no mundo inteiro sem sair de casa. É possível conhecer e conversar com o mundo do próprio lar. E é nessa direção que o mundo caminha. É como a invenção da roda. Não tem mais volta. Hoje, ninguém mais consegue viver e se locomover sem recorrer a uma carroça, bicicleta, trem, carro, ônibus ou avião. Da mesma forma, hoje a sobrevivência das pessoas e do mundo depende cada vez mais das novas descobertas tecnológicas. Tudo é inventado, documentado, mostrado e divulgado a partir delas. Cresce a necessidade de se conhecer novas línguas e a cultura dos diferentes povos.

As maneiras estão sempre em declínio, observou o comediógrafo romano Plauto em tom irônico. Poderia, sem dúvida, ter acrescentado: "e o mundo está sempre mudando...com crescente rapidez." As vastas mudanças em curso no mundo moderno são conhecidas de todos. Seja qual for o campo de atividade - as profissões liberais, os negócios, outros lugares de trabalho, a agricultura, os transportes, os meios de comunicação, a família e o lar - as condições são palpavelmente diferentes do que eram há um século ou mesmo um quarto de século atrás. Redimensionar, reestruturar, reconstruir são características do mundo comercial de hoje; o mundo de amanhã apresentará presumivelmente essas características e outras inovações ainda desconhecidas. (GARDNER, 1999, p. 44)

A Nação que não conseguir responder a tais exigências, fica para trás. Sociedade alguma progride, se não tiver pessoas capazes de realizar o trabalho que o desenvolvimento tecnológico e cultural requer. Assim, países como o Brasil correm o risco de ficar cada vez mais em situação de desigualdade em relação aos países ricos. E o que é pior, ver aumentada a pobreza da população.

Na verdade, poderíamos listar inúmeros problemas que vêm afetando a educação brasileira há várias décadas, mas esse não é o foco ... O importante, neste momento, é compreender que problemas existem há várias décadas, e que eles são completamente interdependentes uns dos outros. Cada um desses fenômenos não acontece isoladamente e, portanto, suas soluções requerem uma visão sistêmica, uma percepção da complexidade da realidade a ser transformada. [...] A presença de uma política educacional fragmentada, desarticulada, descontínua e compartimentada colabora para o prevailecimento das atuais taxas de analfabetismo, evasão, repetência, baixa qualidade do ensino e tantas outras mazelas da educação brasileira. [...] O aspecto mais grave está no fato de que a maioria dos projetos desconsidera o aprendiz como principal centro de referência de toda ação educacional. (MORAES, 1997, ps. 14-15)

O nosso caso é sério, principalmente se considerarmos os altos índices de reprovação existentes. Nem o ensino básico, estamos garantindo em um mundo cada vez mais sofisticado. Habilidades mínimas necessárias a todo esse desenvolvimento, como leitura / escrita, interpretação e operações, não estão sendo aprendidos com a qualidade necessária. Diante de uma realidade cada dia mais computadorizada, o analfabetismo e a baixa escolaridade apresentam-se em todo o seu absurdo. Tal realidade fica ainda mais aberrante, quando consideramos que a escrita e a leitura, inventadas há séculos antes de Cristo, são até hoje desconhecidas de um número significativo de pessoas. No ano 2000, séc. XXI depois de Cristo, ainda não conseguimos ensinar descobertas tão antigas e garantir o direito a um conhecimento tão essencial. As transformações tecnológicas, econômicas e culturais colocam cada vez mais a necessidade do conhecimento ético e da educação do homem em toda a sua multiplicidade.

Nesse sentido, há que se questionar, qual a função educativa da escola?

Para além dos conteúdos científicos, a escola possui uma função formadora. O homem é um ser rico em necessidades e capacidades físicas, emocionais, culturais, espirituais e intelectuais. Buscar uma educação equilibrada, que atenda a essa multiplicidade, é fundamental para a sua formação. Educar em sentido amplo significa considerar as diversas experiências sociais, culturais e intelectuais do aluno, ou seja, respeita suas histórias de vida, linguagem e costumes, condições sociais, moradia e lazer. Significa incluir essas experiências no programa de ensino, ter um tempo para elas, organizá-las em atividades pedagógicas. Todas essas experiências e conhecimentos devem ter uma razão de ser: buscar um mundo melhor, pessoas melhores, mais justas e mais felizes.

A ciência está exigindo uma nova visão de mundo, diferente e não fragmentada. A atual abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona. Por outro lado, acreditamos na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um mundo menos fragmentado de ver o mundo e nos posicionarmos diante dele. (MORAES, 1997, p.20)

O desenvolvimento tecnológico e econômico não trouxe, por si só, o desenvolvimento do homem do ponto de vista ético. A sociedade vive crises de valores que a escola não pode ignorar, como a violência, a competição, a corrupção, a mentira, a inveja, a vaidade, as drogas.

A crise no mundo se estende em todas as dimensões, mas atinge a Educação de maneira acentuada. Na área educacional, o pensamento newtoniano-cartesiano ocasionou marcas relevantes e que afetam significativamente as pessoas que frequentam a escola em todos os níveis de ensino.

A visão fragmentada levou os professores e os alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se a cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza. (BEHRENS, 1999, p.24)

A escola é um local privilegiado para a construção de novos valores e condutas. Agentes do processo educacional somos todos os que participamos de uma determinada comunidade, que vivemos no tempo e espaço de uma dada

sociedade, que recebemos e reconfiguramos permanentemente a realidade. E hoje, essa realidade é atravessada pela presença dos meios de comunicação.

A condição de educar é própria da natureza desses meios, cada vez mais tecnologicamente desenvolvidos, o que lhes permite estar em muitos espaços ao mesmo tempo. Eles ocupam lugar privilegiado no processo educacional, ao lado da escola.

MORAES (1997, p.27) diz que a era das relações requer, por sua vez, uma nova ecologia cognitiva, traduzida na criação de novos ambientes de aprendizagem que privilegiem a circulação de informações, a construção do conhecimento pelo aprendiz, o desenvolvimento da compreensão e, se possível, o alcance da sabedoria objetivada pela evolução da consciência individual e coletiva. Uma nova ecologia cognitiva significa uma nova relação com cognição, com o conhecimento, com os outros, uma nova dinâmica nos processos de construção do saber, que esclareça a existência de relações, diálogos e interações entre diferentes organismos, que indique que tudo o que existe coexiste e que nada existe fora de suas conexões e relações.

Se queremos formar o cidadão crítico, temos que nos preocupar, portanto, com as relações que seremos capazes de estabelecer com os meios. Buscar compreender seus mecanismos possibilitará a cada um de nós, a nossos alunos, a todos os que educamos e somos permanentemente educados quando para a elaboração do novo, tanto no que se refere à atribuição de importância maior ou menos aos fatos que nos apresentam, quanto à crítica do ponto de vista a partir do qual cada fato é apresentado.

Uma das bases para que essa relação com os meios se efetive é o conhecimento da realidade em que vivemos. É ele que possibilitará estabelecer as

inter - relações entre os fatos, ao invés de percebê- los como capítulos de mais uma novela.

Desse modo, pode- se verificar que comunicação/educação formam um único campo, para onde convergem, reelaboradas, as diversas áreas do conhecimento. É desse lugar que poderemos estabelecer relações críticas com a comunicação, quer ela seja veiculada pelos meios, quer ela se manifeste nas falas e nas ações dos outros membros do nosso grupo.

Nesse sentido, concordamos com ISKANDAR (agosto, 1998), quando diz que *acima do Eu está o Comum, o Bem - Comum*, cabendo à escola rever valores que são essenciais para o bem-estar de todos, dando o testemunho prático de valores com a generosidade, a justiça, a alegria, a união. O homem deve ser parte fundamental do currículo do ensino em todos os níveis.

O processo educacional, porém, não tem apenas esta face. Com ele e nele, aprendemos também a elaborar o novo, fazendo avançar a História. A palavra é um dos seus mais fortes sustentáculos, pois carrega a prática social solidificada. A palavra, na verdade, realiza dois movimentos que se imprimem no processo de educação: no primeiro, ela faz a mediação entre o social, essa prática solidificada que carrega, e o indivíduo. Nesse movimento, forma a base do pensamento de cada um de nós e possibilita a continuidade do processo histórico. O segundo movimento caracteriza-se pela mediação que a palavra faz entre o individual (aquilo que recebemos das gerações anteriores e incorporamos) e o inovador, ou seja, a possibilidade que cada indivíduo tem de ser sujeito, de reelaborar, produzindo o novo, que se inscreverá num maior ou menor distanciamento do que já está e já é.

Essa inovação, esse novo configurar-se como algo já virtualmente contido no social - espaço da história do tempo que vivemos, haja vista que a relação entre escola, sociedade e indivíduo é bastante íntima. É inseparável.

De acordo com GARDNER (1999,p.47) para se conservarem competitivas num mundo em rápida mudança, as sociedades terão que fornecer educação de qualidade a uma considerável maioria de seus futuros cidadãos.

A sociedade, para sobreviver e se transformar, precisa da escola e dos indivíduos. A escola, para sobreviver e cumprir seu papel, precisa da Nação e das pessoas. E as pessoas, por sua vez, precisam da escola e da Nação. Quando uma deixa de cumprir o seu papel, isso traz conseqüências para as demais.

Escola e sociedade não são entidades abstratas. Quem as constituem são pessoas concretas, com suas qualidades, contradições, imperfeições.

Entretanto,

Tal tarefa é impossível dentro da divisão de trabalho, onde os docentes têm pouca influência sobre as condições econômicas e ideológicas de sua atividade. Há também uma crescente tendência política e ideológica, como expressam os debates atuais sobre reforma educacional, para afastar os professores e alunos de seu contexto e de suas experiências culturais, em nome de abordagens pedagógicas que tornarão o processo escolar mais instrumental [...] O conceito do professor como intelectual pode fundamentar uma postura teórica para a luta contra esse tipo de imposição ideológica e pedagógica.

Adicionalmente, o conceito de intelectual fornece a base teórica para o questionamento das condições ideológicas e econômicas sob as quais os intelectuais, como um grupo social, precisam trabalhar a fim de funcionarem como seres humanos críticos, reflexivos e criativos. Este último ponto reveste-se de uma dimensão normativa e política e parece especialmente relevante para professores, pois, se acreditamos que o papel da docência não pode ser reduzido ao mero treino em habilidades práticas, mas envolve a educação de uma classe de intelectuais vital para o desenvolvimento de uma sociedade democrática, então, a categoria de intelectual torna-se uma forma de integrar o objetivo da educação do professor, a escola pública e o treinamento em serviço àqueles mesmos princípios necessários para o desenvolvimento de uma sociedade e de uma ordem democráticas. (GIROUX,1988, p. 22-23)

Se a Nação e a escola não cumprem a sua função, é porque as pessoas não estão cumprindo com os seus deveres. Escola e Nação só vão se transformar plenamente quando as pessoas, em seus diferentes cargos sociais - governo, comércio, faculdades, associações, escolas - também se transformarem.

Cabe à escola a promoção do desenvolvimento do aprendiz, e a quantidade e a qualidade dos conhecimentos devem ser norteados pelas necessidades do mesmo. O que importa, aqui, é a formação da personalidade e do caráter. Na visão tradicional, o destaque é para a disciplina, a lei, a ordenação lógica das disciplinas e dos conteúdos. As duas tendências acusam-se entre si. Uma é rotineira, autoritária, e a outra, displicente e contestadora das autoridades constituídas.

Deve-se ultrapassar o raciocínio dualista que põe o aprendiz de um lado e o adulto de outro. Os componentes do mundo adulto encontram-se já no mundo infantil – os valores sociais, o raciocínio objetivo e ordenado, os saberes científicos e logicamente organizados, a razão, enfim, tudo está potencialmente contido nas experiências da criança enquanto ser individual. O ser individual é a semente do ser social, e, por isso, não se há de opor a liberdade da criança aos conteúdos de um programa pré-estabelecido.

A experiência possui os aspectos psicológico e lógico. O conteúdo de estudos é de fato, indispensável a fim de coordenar as experiências individuais, articular um saber com o outro, servir de guia para aliviar atrasos do aprendiz na direção dos resultados esperados. Os conteúdos dos programas não substituem o contato pessoal e direto com as coisas, mas sua presença serve para auxiliar a experiência individual e representam os resultados da experiência humana acumulada.

O docente é o responsável pela escolha dos meios para conduzir a atividade pedagógica, deve conhecer os aspectos psicológicos do desenvolvimento humano, mas não descuidar do conteúdo básico.

Segundo ALVES (1995, ps.23-24), não se trata de formar o educador, como se ele não existisse, como se houvesse escolas capazes de gerá-lo, ou programas que pudessem trazê-lo à luz. Para o autor, eucaliptos não se transformarão em

jequitibás, a menos que em cada eucalipto haja um jequitibá adormecido. Para ele, o que está em jogo não é uma técnica, um currículo, uma graduação ou pós-graduação. Nenhuma instituição gera aqueles que tocarão as trombetas para que seus muros caiam. O que está em jogo não é uma administração de vocação, como se os poetas, profetas, educadores, pudessem ser administrativos. Necessitamos de um ato mágico de exorcismo. A questão não é gerenciar o educador. É necessário acordá-lo.

Nesse sentido, BEHRENS (1999, p.65-66) considera que seria ingênua e questionável a negação dos referenciais que caracterizaram esse momento histórico que a civilização percorreu. Há, porém, a necessidade de avaliar os pontos positivos e buscar a superação dos flagelos que o paradigma técnico ocasionou no processo social, político, econômico e educacional. O que não se pode negar é que a fragmentação do ensino trouxe a ruptura, que foi consignada em duas instituições: o intelecto confiado às escolas e a formação como responsabilidade da família. Numa recuperação do todo (na superação da fragmentação), a perspectiva de uma visão holística, propõe considerar não somente a razão e a sensação, mas também a intuição e o sentimento, transpondo o racionalismo reducionista que valoriza o progresso material e negligencia o progresso humano.

Educar é sempre um desafio, pois trata de uma relação complexa e delicada entre pessoas. Toda educação, no entanto, deve inserir-se na perspectiva de um futuro. É imprescindível para a consecução do projeto de sociedade vigente, ainda que não totalmente explícito.

É preciso considerar que a escola contém espaços criativos, até porque nela há agrupamentos de pessoas, as quais alimentam os programas ditos oficiais. Há o

currículo oculto³, muito citado por teóricos da Educação, cuja relação com o previsto é dificilmente avaliada, embora percebida.

A relação entre linguagem e poder, é possível, para professores, interrogar práticas específicas de linguagem a respeito das questões que suscitam, dos silêncios que cultivam e de como penalizam estudantes na forma de imposições que desorganizam e tornam ilegítimas certas experiências e idéias. Tal concepção de linguagem não só indica a necessidade de que professores e estudantes desvelem seus significados e códigos ocultos, mas torna imperativo o desenvolvimento de alternativas para estruturas retóricas e práticas discursivas alternativas, que desafiem ou confirmem modos de pensamento, de expressão e de ação, para apoio da pedagogia crítica. (GIROUX, 1988, p.44)

O professor reconhece e estimula esse espaço extraclasse com atividades do tipo gincanas, feiras, exposições, excursões, entre outros. Mas, até que ponto essas atividades e seus resultados são de fato incorporados aos programas, para o seu devido reconhecimento? Até que ponto essas atividades rompem a barreira do som...do silêncio instaurado durante o processo ensino aprendizagem?

As transformações ocorridas no final do século XIX e no século XX constituíram um período marcado por inovações tecnológicas, guerras e revoluções. Diante de tantas mudanças, a escola viu-se também colocada no centro de um vasto movimento de idéias e de propostas de reforma, visando torná-la mais adequada aos novos tempos, às novas realidades. Entretanto, apesar de todas as idéias e propostas que surgiram, em linhas gerais, resiste a transformar-se e mantém-se, em muitos aspectos, parecida com a escola tradicional: uma sala de aula com carteiras enfileiradas, quadro para giz e um professor tentando ensinar alguma coisa. Os avanços tecnológicos do início do século parece que ainda não chegaram à maior parte das nossas escolas. O livro impresso, heranças de séculos passados, parece ser uma das poucas inovações que chegaram à escola.

Acreditamos que isso acontece não por falta de idéias e de propostas inovadoras; estas foram freqüentes, principalmente no século XX; e, se não

³ Currículo Oculto: constituído por silêncios gerados agressivamente- promove ou bloqueia formas críticas de ensino e aprendizagem. (GIROUX, 1988, p.45)

conseguiram produzir grandes mudanças em relação aos instrumentos e recursos usados para o ensino, parece que abrigam no campo da educação escolar um novo caminho, que, devagar, mas firmemente vai se impondo: por um lado, na concepção da educação, o aluno passa a ser visto como o sujeito do processo educativo; por outro lado, os métodos ativos de aprendizagem passam a ser cada vez mais considerados como os mais adequados para a eficiência do processo educativo.

O aluno só aprende na medida em que aquilo que é ensinado é significativo para ele, é compreendido como capaz de satisfazer suas necessidades. Dessa forma, passa-se a entender que todos os programas de ensino devem ter as necessidades dos alunos no contexto do mundo em que vivem, como ponto de partida para que sejam alcançados os objetivos educacionais mais gerais.

Nesse sentido, o pensar em uma re- iluminação da nossa práxis docente, não vendo separação entre vida e educação, afirmando que as crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo. “Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo”. (CARDOSO, 1995, p.53). Tal atitude é particularmente consistente na sua tentativa de unir a noção de inteligência individual e social (cooperativa) com o discurso da democracia e liberdade. Democracia e reconstrução social são tarefas urgentes a serem assimiladas nos tempos atuais. Por esse motivo concordamos com o pensar de McLaren (1997, p. 333), quando diz : “ A busca por uma democracia criativa, iniciada na virada do século por Dewey e outros, está presentemente em retrocesso - abandonada tanto por liberais como por radicais. No entanto, talvez seja agora o momento mais

importante para o aprendizado da herança “radical “ de Dewey, na tentativa de estender o seu projeto democrático”.

Já está virando senso comum afirmar que se faz cada vez mais necessária a formação do cidadão crítico e que a formação desse cidadão crítico é atribuição da educação. Algumas vezes, toma-se educação como um processo privativo da escola, num reducionismo que a realidade contemporânea já não comporta.

Diz Fernando Pessoa que pensamento é doença dos olhos. Correto. O pensamento se insinua onde a visão falhou, ou onde o ouvido, e o olfato, e a língua e a pele falharam. A palavra é o testemunho de uma ausência. Como tal, ela possui uma intenção mágica, a de trazer à existência o que não está lá... A intenção de manter viva a promessa do retorno. Mais que simples símbolos operacionais, as palavras me ligam aos objetos do meu amor, ausente. Recordando o que diz Maurice Blanchot, a linguagem autêntica não é a expressão de uma coisa, mas antes a ausência desta coisa... A palavra faz desaparecer as coisas e nos impõe um sentimento universal de que alguma coisa está faltando... (ALVES, 1995, p.48).

Pensadores como: Boaventura Santos(1995), Prigogine(1991), Crema(1995), Gardner(1995-1997), Cardoso (1995), Ferguson (1992), Weil(1991), Behrens(1996-1999), Moraes(1997), McLaren (1997), tem em comum em primeira instância buscar a superação da reprodução para a produção do conhecimento. Intencionando superar a fragmentação do conhecimento, tendo o ser humano como a maneira mais viável de superar essa fragmentação por incorporar ,na intencionalidade anteriormente citada, o ser humano na sua totalidade, com capacidades múltiplas, crítico, ético, sensível, emotivo. Tais elementos, articulados com a Língua Portuguesa e adicionados com a poesia tornaram-se em ingredientes apetitosos para a professora pesquisadora, no sentido de fomentar o saber com o elemento que consideramos fundamental: o SER HUMANO, na amplitude e profundidade que está palavra emana.

Por isso, ousamos dizer que educação é um processo social, no qual imergimos ao nascer. É no processo de educação, sobretudo por meio da palavra,

que “recebemos” as análises da realidade feitas pelas gerações anteriores, os comportamentos, os estereótipos, o modo de ver e de pensar.

2.2 RAZÕES DA POESIA

STEINER (In: BRANDÃO & MICHELLETI, 1997, p. 152) escreveu:

Ensinar literatura não consiste em apresentar conceitos operatórios que tragam em si soluções de “como fazer”. A literatura, e no nosso caso a poesia, não serve para se fazer algo. Por essa razão um poema magnífico, um romance clássico entram à força em nosso interior ; tomam de assalto e ocupam as praças fortes de nossa consciência. Exercem sobre nossa imaginação e desejos, sobre nossas ambições e sonhos mais secretos, um domínio estranho e contundente. Quem queima livros sabe o que está fazendo. [...] Ler corretamente é correr grandes riscos, é tornar vulnerável nossa identidade, nosso autodomínio.

Tal pressuposto desarticula a aplicabilidade dos conteúdos programáticos para a retomada do consciente, do espírito sobre si mesmo, para examinar o seu próprio conteúdo por meio do entendimento dos objetivos e estratégias que permearam o encontro com a poesia.

O ensino de Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa para as fases VI e VII do curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Jaraguá do Sul- UNERJ objetiva com o ementário proporcionar ao estudante subsídios para desenvolver sua capacidade de raciocínio, servir-se do seu espírito de observação para colher impressões, formar juízos, descobrir idéias, para ser tanto quanto possível exato, claro, objetivo e fiel na expressão de seu pensamento.

Conforme podemos observar, esse objetivo privilegia questões importantes e necessárias para o Pedagogo que irá atuar no campo da Educação. É um objetivo bastante amplo e nos auxilia na tomada de decisão e no encaminhamento da prática. Preocupa-se com o desenvolvimento da criatividade e com a construção de valores, visando à capacidade humana do acadêmico de fazer a sua história, estando voltado para a realidade social emergente, com vistas à transformação.

Decorre deste objetivo a preocupação de explicitar nossa intencionalidade educativa, no que se refere à poesia, porque, como afirma BACHELARD (1998,ps.03-04):

A poesia é um dos destinos da palavra. Tentando sutilizar a tomada de consciência da linguagem ao nível dos poemas, chegamos à impressão de que tocamos o homem da palavra nova, de uma palavra que não se limita a exprimir idéias ou sensações, mas que tenta ter um futuro. Dir – se – ia que a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir da linguagem[pois] Não se lê poesia pensando em outra coisa. Desde que uma imagem poética se renova, mesmo em um só de seus traços, manifesta uma ingenuidade primordial.

É essa ingenuidade, sistematicamente despertada, que nos há de proporcionar o puro acolhimento dos poemas.

Assim, reiteramos o desejo de propor o repensar da prática pedagógica no curso de Pedagogia pela adoção da poesia como metodologia de ensino, o que corresponde a uma necessidade observada no decorrer do trabalho de Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa, que a pesquisadora vem realizando. Haja vista, que a poesia vibra o ser no seu íntimo. É uma aliada na promoção da criticidade, da descoberta, porque ela nasce e cresce do vivido, ela rompe o conformismo estabelecido pelas falas, nas emoções, na imaginação, nas maneiras de interpretar e de fazer existência. Poesia é ruptura, diante do que atrofia as nossas possibilidades, diante do que nos dilacera a cada um e a todos, diante do que tenta manipular o que fazemos, o que sentimos e o que pensamos, diante do que emudece e impessoaliza a nossa linguagem. Precisamos, todos, recriar as nossas palavras. É preciso viver. É preciso criar. Poesia é arte⁴. E foi com essa arte que conseguimos estabelecer a aproximação do aluno com o professor, conseguimos conhecer um pouco do que havia por de trás dos rostos dos alunos universitários. Esta aproximação pelo exercitar poético instaurou o divisor de águas

⁴ A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significado: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regra. Em sentido lato, significa habilidade, dexteridade, agilidade. Em sentido estrito, instrumento, ofício, ciência. Seu campo semântico se define por oposição ao **acaso** ao **espontâneo** e ao **natural**. Por isso, em sentido geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer. Nesta perspectiva falamos em arte poética. (CHAUI, 1995,p.317)

entre o antes e o depois, ou seja, entre o que era a professora e seus alunos e o depois; porque anteriormente havia somente a professora que tinha na poesia uma razão de perpetuar suas lembranças, seus sentimentos, sua forma de ver e sentir os mundos existentes em cada ser vivo e depois havia uma professora que trabalhando em parceria com seus alunos tornou-se uma professora pesquisadora que obtinha retorno intensamente crítico, autêntico, sensível e profundo por parte de seus alunos nunca antes obtidos. Fazendo-a crer que uma das razões maiores da existência da poesia no Ensino da Língua Portuguesa era (e é!) esse namoro que perpetuamos com o nosso “eu”, com a nossa identidade a cada vez que mergulhamos em nosso interior, a cada vez que papel e lápis convergem para o fazer poético.

De acordo com Baudelaire, citado por JOLIBERT (1994, p.198), a linguagem poética deve sempre ser reinventada. E não existe, não vive, se não for acordada, reanimada, pela imaginação do leitor e /ou do ouvinte; o discurso da poesia investe, ao mesmo tempo que o mundo real, em todos os domínios do imaginário. Entretanto, é preciso reconhecer que até hoje as aulas têm enfatizado mais o desbloqueio do imaginário, a expressão ou a liberação pela poesia do que os aprendizados.

Segundo GÓES (1984,ps.177,178), aos jovens e às crianças são dados poemas, ou livros de poesia, que, além de obrigatórios são muito antigos ou muito difíceis e que não têm ligação com os seus interesses, nem com sua vida real. Convida-nos a verificar nos ambientes escolares a preferência de professores e alunos, que recai sobre a prosa.

No entanto, basta conversarmos com os alunos para constatarmos sua preferência pela poesia, sua proximidade e intimidade com ela, porque o aluno vive num mundo imaginário, num mundo com predomínio de imagens; ela é toda sensibilidade e sua linguagem é afetiva. O aluno nos primeiros anos se interessa pela som, logo é capaz de representações, e a imagem é que passará a preocupá-la. Aliás, é o momento de recordar que o aluno, assim como o homem primitivo, pensaram e pensam por imagens e não por raciocínios. O aluno tem alma poética e é profundamente criadora. O papel do professor será o de permitir o encontro com a poesia. Para que esse encontro ocorra, é preciso que o professor rompa

com o paradigma de pensar que os alunos não compreendem linguagem poética. (CUNHA,1976,p.11).

Pode-se refletir sobre tais afirmativas na referência de JOLIBERT(1994,ps. 185 -186), que assim se expressa:

Desde aproximadamente quinze anos, com efeito, a vaga/ voga dos jogos poéticos tem desempenhado um papel importante nas aulas onde se desenvolveu:

- a tomada em consideração pela escola do imaginário das crianças e do funcionamento poético da língua;
- a transformação das atividades poéticas na aula, às custas da recitação ritual, substituída por produção poética, uma livre escolha de poemas, um trabalho mais aberto de dicção, montagens, etc.;
- o desejo de fazer as crianças realizarem a experiência das possibilidades criadoras subversivas da linguagem e do poder da poesia;
- a abertura à poesia contemporânea, sob todas suas formas e todos seus temas (incluindo a morte e a revolta) através da expulsão do *bonito*, do infantil, do *facilmente compreensível*, que submergiam as antologias de poemas para crianças, São muitas, porém, as salas de aula nas quais, mesmo com colegas progressistas após algumas tentativas de jogos poéticos, parou –se aí, porque o professor não via muito bem para onde estava indo, e os jogos poéticos pontuais pareciam – lhe bastante fictícios e decepcionantes e ele não imaginava muito bem como, então, ajudar as crianças a irem mais adiante. Quantas aulas também nas quais, afinal de contas, a poesia é lembrada... apenas no Dia das Mães? Ressurgem, então, as velhas apresentações, e entre os professores culpabilidades: “*Sabes, eu nunca fui muito pela literatura!*” ou até, “ *Acho que meus alunos são como eu, eles não têm lá muito talento para a poesia*”.

É fundamental que o professor conduza o aluno com sensibilidade e habilidade pelo mundo dos poemas. O aluno acompanha os diversos matizes do espírito humano; ela usa a imagem para dizer a coisa. É, portanto, completamente desnecessário, e mesmo é prejudicial que o professor procure traduzir as imagens de um poema para o aluno. Se assim o fizer, ele estará restringindo a criatividade e a capacidade de emoção. A poesia como a música são para serem sentidas, na amplitude da criatividade e emoção inerente no indivíduo.

Nesse aspecto, cita-se ALVES (1998, p. 128), que diz:

A tarefa do professor: mostrar a frutinha. Comê – la diante dos olhos dos alunos. Provocar a fome. Erotizar os olhos. Fazê – los babar de desejo. Acordar a inteligência adormecida. Aí a cabeça fica grávida: engorda com idéias. E quando a cabeça engravida não há nada que segure o corpo.

Concordamos com GÓES (1984,p.180) quando lamenta pensar que ainda existem professores que explicam uma música ou um poema, dizendo : isto representa tal coisa, como o céu, assim é dia; enfim, descrevem espaço, tempo e

emoção com a mais absoluta falta de respeito à criatividade do aluno e à sua capacidade de emocionar-se dos outros.

Neste contexto, a experiência do processo de apropriação da poesia como elemento articulador do ensino na construção do conhecimento surge altamente desafiadora, na medida em que tem implícita uma prática diferenciada das convencionais. BEHRENS (1999, p.70) afirma que “ Os docentes universitários deverão ser capazes de atuar com paixão e buscar a grandeza que se encontra dentro de cada aluno. Não se trata de ser romântico, mas de ser extremamente preocupado com o homem que se pretende formar”.

Acredita-se que é necessário repensar o ensino da poesia por meio de uma prática desafiadora e que, amparada numa visão holística, esteja direcionada para uma educação mais dinâmica, criativa e eficiente. Nesse sentido, concordamos e repetimos o pensar de BRETON, citado por JOLIBERT (1994, p.187) , quando apresenta a seguinte expressão: “ que se dê o trabalho de praticar a poesia!” , explicitando como uma tarefa prazerosa o ato de trabalhar, modelar, praticar a poesia. O ato de trabalhar, modelar, praticar a poesia deve ser explicitado como uma tarefa prazerosa.

“São as palavras as que cantam, as que sobem e baixam... Prosterno - me diante delas... Amo - as, uno - me a elas, persigo - as, mordo - as, derreto -as... Amo tanto as palavras... As inesperadas... As que avidamente a gente espera, espreita até que de repente caem... Vocábulo amados... Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal, orvalho... Persigo algumas palavras... São tão belas que quero colocá - las todas em meu poema... Agarro -as no vôo, quando vão zumbindo, e capturo -as, limpo -as , vibrantes, ebúrneas, vegetais, oleosas, como frutas, como algas, como ágatas, como azeitonas... E então as revolvo, agito -as, bebo - as, sugo -as, trituro -as, adorno - as, liberto - as... Deixo -as como estalactites em meu poema, como pedacinhos de madeira polida, como carvão, como restos de naufrágio, presentes da onda... Tudo está na palavra... Uma idéia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que lhe obedeceu... Têm sombra, transparência, peso, plumas, pêlos, têm tudo o que se lhes foi agregando de tanto vagar pelo rio, de tanto transmigrar de pátria, de tanto ser raízes... São antiquíssimas e recentíssimas : Vivem no féetro escondido e na flor apenas desabrachada... Que bom idioma o meu, que boa língua herdamos dos conquistadores torvos... Estes andavam a passos largos pelas tremendas cordilheiras, pelas Américas encrespadas, buscando batatas, butifarras, feijõezinhos, tabaco negro, ouro, milho, ovos fritos, com aquele apetite voraz que nunca mais se viu no mundo... Tragavam tudo: religiões, pirâmides, tribos, idolatrias iguais às que eles traziam em suas

grandes bolsas... Por onde passavam a terra ficava arrasada... Mas caíam das botas dos bárbaros, das barbas, dos elmos, das ferraduras, como pedrinhas, as palavras, as palavras luminosas que permaneceram aqui resplandecentes... o idioma. Saímos perdendo... Saímos ganhando... Levaram o ouro e nos deixaram o ouro... Levaram tudo e nos deixaram tudo... Deixaram - nos as palavras. NERUDA (In: NETO, 1998, ps. 15-16)

É importante ressaltar que nos seus múltiplos significados e sentidos a palavra "poesia" resgata, reitera a razão do ser - a razão de ser. A essência não está em entendê-la no seu todo, mas sim, senti-la na sua plenitude.

Nesse sentido, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei N.º 9394, de 20 de dezembro de 1996), tornou-se pública a proposição, que estabelece:

- (a) a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar, e divulgar a arte, o saber (Art. 3º, II);
- (b) O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório básico, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (Art. 26, II);
- (c) estimular a criação cultural, o desenvolvimento científico e do pensamento reflexivo (Art. 43, I)

Esses artigos prescritos em lei dão a legitimação do que realmente deveria ser o ambiente escolar, ou seja, um ambiente em que o aprender, o ensinar, o pesquisar atuassem de forma livre/ não opressora. Quando o aluno conhece, exercita a arte na sua vida estudantil, ele está desenvolvendo a sua inteligência criativa, reflexiva, criadora. Tem por intermédio dessas habilidades desenvolvidas a amplitude do todo, da cultura.

Seria utópico acreditarmos que a promulgação da lei irá banir os desenhos mimeografados, as estruturas arcaicas de ensinar, trabalhar, envolver-se no mundo da arte. Mas, queremos acreditar que descortinou-se uma nova perspectiva no âmbito do desenvolvimento cultural dos alunos, a arte, que irá além dos limites da legislação, por vivermos momentos de plena solidão e necessidade de buscarmos algo mais interior, mais intrínseco. E isto pode estar na arte.

A arte deverá priorizar como instrumento de trabalho o conhecimento, a filosofia crítico- reflexiva dos grandes gênios da arte. A título de ilustração,

poderíamos citar no campo da arte plástica: Van Gogh; da arte teatral: Shakespeare; da arte musical: Bach; da arte literária; Monteiro Lobato; da arte poética: Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Adélia Prado, Mário Quintana; são poucos nomes diante da grande gama de artistas existentes, mas servem para afirmarmos que para muitos alunos esses nomes não oferecem conotação nenhuma, são apenas nomes desconhecidos da sua vida.

Com o ensino público (obrigatório e gratuito) e a disciplina de Educação Artística imposta pela lei 5692/71, poder-se-ia esperar uma grande produção da arte na escola. Infelizmente, além de não ter acontecido, a expansão parece ter dado lugar à indiferença e, mesmo, à retração. Agora, com as prescrições da Lei N.º 9394/96 (em especial nos artigos citados), temos um respaldo maior para modificar esse quadro estarrecedor.

Com o ensino tornando-se obrigatório e gratuito, poder-se-ia esperar uma grande expansão da poesia. Infelizmente, além de não ter acontecido, a expansão parece dar lugar à indiferença e, mesmo, à retração.

Talvez a crise da poesia seja a crise do nosso modo de ensinar poesia. E estaria, então na explicação do texto, na interpretação e na recitação, o problema [...] a poesia deve chegar de modo elevado, bela, verdadeira obra de arte, sendo capaz de provocar emoções autênticas, criando um sentido elevado de justiça, beleza e sentimentos nobres.

Que se crie uma emoção duradoura, um prazer estético, enfim que sensibilizemos nossos alunos, transmitindo uma sensação de encantamento. (GÓES, 1984, ps. 177-178)

Nesse particular, faz-se necessário abrir parênteses, afinal quando se fala em arte, atribui-se “a priori” a conotação da arte voltada apenas para o ensino das aulas de Educação Artística. Acreditamos que a arte pode (e deve!) ser contemplada em outras disciplinas. A título de sustentação, citamos a arte poética, explorada como forma de aquisição do conhecimento na disciplina de Língua Portuguesa.

O papel do professor será o de permitir o encontro da criança com a arte. Para que esse encontro ocorra, é preciso que o professor rompa com o paradigma de pensar que as crianças não compreendem a linguagem da arte, articule-se com a realidade do seu aluno, encarando a Lei não como apenas um amontoado de artigos

impressos, mas sim como um meio a ser privilegiado em todos os níveis de ensino, da Educação Básica à Educação Superior.

A Lei de Diretrizes e Bases na Educação precisa surgir diariamente como resultado produtivo, para que o aluno consiga fechar o seu ciclo inventivo /criador.

A estrutura de uma casa é o fundamento, a estrutura de uma escola é o professor. Ele é o alicerce, a viga-mestra que garante um bom andamento na educação. Para estar bem alicerçado, não basta disposição, quadro para giz, preciso compromisso, responsabilidade, rompimento paradigmático, inovação/renovação, domínio teórico.

O professor deve buscar parcerias junto ao corpo discente para construir e produzir conhecimentos, difundir criticamente verdades já descobertas... A perda de longas horas no trabalho docente junto aos alunos, com repetições e reproduções de conteúdos, mostrou -se metodologia que precisa de urgente reestruturação, por se apresentar incompatível com as exigências da modernidade.(BEHRENS, 1996, p.39)

Concordamos com BEHRENS (1996, ps.39-40), quando instiga o professor a não fugir do enfrentamento da modernidade, propondo ao educador a pesquisa como processo metodológico, buscando os meios informatizados e a multimídia como processos aliados para a aquisição do conhecimento.

Nesse sentido, faz-se necessário privilegiar o cérebro como o mais poderoso (e porque não dizer, eficiente) computador do mundo.

Ele é muito menor do que a parte central de uma alface. Você poderia segurá-lo facilmente em uma das mãos. Em geral, pesa menos do que 1.500 gramas. Contudo, é milhares de vezes mais potente do que o computador mais potente do mundo.(DRYDEN / VOSS, 1996, p.73)

Privilegiar o cérebro significa estabelecer em sua prática pedagógica, valores distintos às inteligências múltiplas que cada indivíduo, cada educando possui.

Na atualidade, é inconcebível a prática pedagógica atrelada à educação tradicional, à educação que priorizava apenas dois tipos de inteligência:

- a lingüística (capacidade de ler, escrever, comunicar-se por meio das palavras) ;
- a inteligência lógica ou matemática (capacidade de cálculo e de raciocínio).

Para provocar novas experiências de aprendizagem com os alunos, o professor deve reconhecer que estes estudantes trazem consigo uma bagagem de conhecimento que não pode ser ignorada. O docente deverá ser capaz de valorizar os referenciais que os alunos construíram em suas vidas e desencadear referenciais com os conhecimentos propostos na sala de aula. (BEHRENS, 1996, p. 40)

Gardner (In: DRYDEN/ VOSS, 1996, ps.81-82) relaciona, além das inteligências lingüística e matemática, cinco inteligências distintas:

- inteligência musical: obviamente muito desenvolvida em compositores, músicos e maestros;
- inteligência espacial ou visual: o tipo de capacidade utilizada por arquitetos, escultores, pintores, navegadores e pilotos;
- inteligência cinestética ou inteligência física altamente desenvolvida em atletas, bailarinos e ginastas e, talvez, nos cirurgiões;
- inteligência interpessoal : a capacidade de relacionar- se com os demais, o tipo de capacidade que parece própria aos vendedores, promotores de vendas, negociadores;
- inteligência intrapessoal ou inteligência introspectiva: capacidade de *insight* , de conhecer a si mesmo , tipo de capacidade que fornece grande intuição para algumas pessoas, permitindo- lhes o acesso ao extraordinário banco de informações armazenado em sua mente subconsciente.

Em termos sucintos, as escolas precisam ser individualizadas e personalizadas. Precisamos entender as representações mentais específicas de cada estudante com o máximo de detalhe possível. E depois, até onde for exequível, devemos configurar a educação de modo que os estudantes possam abordar as matérias segundo métodos que lhes assegurem o acesso ao seu conteúdo; e tenham assim a oportunidade de mostrar o que aprenderam de uma forma que lhes seja cômoda mas também interpretável pela sociedade circundante. Uma tal educação individualizada para todos desloca-se para o primeiro plano quando aborda as particularidades de uma educação centrada especificamente na verdade, beleza e bondade. (GARDNER, 1999, p.84).

“ A teoria das inteligências múltiplas sugere um outro fator. Os indivíduos podem ser sumamente motivados para aprender quando se entregam a atividades para as quais possuem algum talento. Ao dedicarem-se a tais atividades, certamente farão progressos e evitarão uma inconveniente frustração. Portanto, compete aos educadores não só tentar motivar sistematicamente os estudantes, de um modo geral, mas também identificar aquelas atividades que rapidamente se tornem recompensadoras para um certo grupo de estudantes predispostos.” (GARDNER, 1999, p.89).

Acreditamos que o bom êxito educacional, o começo do fim da evasão escolar, do desânimo, da apatia dos educadores e educandos, está no preparo, na fundamentação teórico/prática do professor para trabalhar com as inteligências múltiplas.

Quando BEHRENS (1996, p. 44) diz que se faz urgente a proposta e concretização de projetos emancipatórios, que sejam construídos e que envolvam professores e alunos como parceiros responsáveis, para avançar no ato educativo iluminado pelas impregnações científicas e tecnológicas que se fazem presentes neste final de século, vislumbramos novamente o professor como alicerce, sendo o arquiteto que possibilita / a construção do que estabelecemos como aquisição do conhecimento.

Ser alicerce de uma obra que está em processo contínuo de construção não deve ser tarefa fácil, mas com certeza pode ser muito prazerosa se houver a convicção na força do alicerce, se houver a crença no “sonho “ como sendo processo contínuo a cada demonstração concreta ou não por parte do aluno. Pode até ser um pensamento utópico, mas reiteramos nosso pensamento, dizendo que

somente assim essa construção se edificará majestosa no ambiente sócio-econômico- cultural.

3 INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE

Inteligência e criatividade têm sido vistas como áreas distintas e opostas do funcionamento cognitivo: a primeira tem sido associada a habilidade analítica, raciocínio lógico e até a desempenho escolar; a segunda remete à transgressão de regras, às artes e até à genialidade. Investigando inteligência e criatividade, podemos compreender a criação como um processo eminentemente humano. O homem é um animal que cria.

GARDNER (1999,p.83), afirma que todos os seres humanos possuem, pelo menos, oito formas nitidamente separadas de inteligência. Cada inteligência reflete potencial para resolver problemas ou criar produtos que são valorizados em um mais contextos culturais. As inteligências são identificadas por um conjunto de critérios, que vão desde a representação em partes específicas do cérebro até a suscetibilidade para codificar num sistema simbólico. Os testes de inteligência exploram tipicamente a inteligência lingüística e lógico- matemática - as inteligências de maior importância nas escolas contemporâneas – com, talvez, alguma amostragem de inteligência espacial também. Mas, possuímos ainda inteligência musical, inteligência corporal-cinestésica, inteligência naturalista, inteligência sobre nós próprios (inteligência intrapessoal) e inteligência sobre outras pessoas (inteligência interpessoal). E é possível que os seres humanos também exibam uma nona inteligência existencial – a propensão para postular (e considerar) questões sobre vida, morte e realidades supremas. Cada uma dessas inteligências apresenta

sua própria forma de representação mental; de fato, é exato dizer que cada inteligência é uma forma de representação mental.

O conhecimento /o reconhecimento das inteligências múltiplas nos possibilita uma maior compreensão da inteligência como um todo, no sentido em que nos fornece vários olhares sobre o mesmo tema.

A inteligência é compreendida por meio de sua representação em mapas da mente, onde se procura delimitar até onde vai cada uma das habilidades específicas e seu grau de dependência com relação a outras habilidades. Uma das preocupações centrais é a medição da inteligência e a localização de seu fator geral (e suas habilidades específicas).

No livro *Arte, Mente e cérebro*, GARDNER (1999) diz que o mapa da mente é mais dinâmico e complexo, e não apenas inteligência e criação estão relacionadas, mas cognição e emoção também. O ser humano é um ser complexo, que se desenvolve na inter-relação entre forma e conteúdo da relação com o mundo. O tipo de relação estabelecida leva a um certo conteúdo, em detrimento de outros, e o tipo de conteúdo favorece um certo tipo de relação. Isto é, estamos sempre aprendendo a aprender, conteúdo e forma se confundem, na constituição do indivíduo.

Por isso, na compreensão das estruturas da mente, isto é, do relacionamento entre as diversas habilidades e capacidades humanas, esses aspectos não podem ser compreendidos isoladamente, mas apenas na sua relação complexa e única, porque construída ao longo da história de vida de cada um. O comportamento humano está necessariamente relacionado a uma rede de valores, hábitos, crenças, atitudes particulares de cada cultura, e o homem imerso nesta rede aprenderá padrões de comportamento relativos ao seu meio social.

Creio que tudo na mente é o produto de um cérebro – embora esteja disposto a acrescentar “um cérebro situado num corpo humano e desenvolvendo-se num ambiente humano em permanente mudança.” Rejeito a existência de qualquer espírito etéreo, de qualquer

comunicação extrasensorial, de quaisquer anjos ou demônios inefáveis. Como por vezes observo a estudantes que consomem tempo demais flutuando à deriva num ambiente *New Age*. Se vocês pensam que a mente é uma coisa distinta do cérebro, simplesmente cortem-no em fatias, parte por parte, e vejam o que sobra quando a dissecação estiver concluída.

Como posso sustentar essa posição, enquanto continuo a resistir às pretensões de que o cérebro abriga todos os segredos da mente, guarda todas as chaves para o saber? Por três razões:

Em primeiro lugar, o estudo do cérebro é, em si mesmo, simplesmente o estudo de um órgão. Para se poder pensar sobre o cérebro em termos psicológicos, tem que se recorrer tanto a uma psicologia quanto a uma neurologia...

Em segundo lugar, os cérebros não existem no vácuo. Existem num corpo, o qual, por sua vez, existe numa cultura. Os cérebros têm potencial para desenvolver-se numa gigantesca variedade de culturas, mas, uma vez iniciado o desenvolvimento (e isso ocorre na concepção), a cultura em que o indivíduo está vivendo torna-se uma importante determinante da estrutura e organização do cérebro...

Finalmente, e da maior importância, a educação é inerentemente uma prática que se caracteriza por – na verdade, é decorrente de – um conjunto de valores[...] Toda a fiação do cérebro, conhecida em detalhe até a última sinopse, nunca nos poderá conduzir aos valores. Por mais atraente que seja para os audaciosos exploradores da mente, ou substância, ou metafísica, o abismo entre 'é' e 'deve ser' é intransponível (GARDNER, ps. 91-92)

Se o cérebro do homem está constantemente sendo formado e transformado, aprendendo com o ambiente, e se a cultura onde está imerso fornece padrões para esta aprendizagem, existe cultural, no desenvolvimento do cérebro: a relação do indivíduo com o mundo modifica sua estrutura cerebral e portanto mental.

Mas a relação não acontece apenas nesse sentido, também os fatores biológicos interferem no social, pois o homem não se submete passivamente à cultura; ao inserir nela, o homem a cria.

De acordo com OSTROWER (1987, p.09), criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador, abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

A relação entre os fatores culturais e biológicos do pensamento é bastante complexa, e é justamente daí que emerge a criação.

No curso evolutivo da humanidade, segundo a pesquisa moderna talvez um milhão de anos antes de surgir o HOMO SAPIENS, depara-se com espécies a caminho da humanização. Os chamados 'homicidas' deixaram vestígios que permitem inferir uma existência já de certo modo

consciente-sensível-cultural. Não temos, aqui, a pretensão de saber como o homem adquiriu esses característicos, nem tampouco em qual ramo dos nossos precursores se deu a fusão de tais qualidades. Queremos constatar apenas que ela existe há muito tempo. E mais, entendemos que precisamente na integração do consciente, do sensível e do cultural se baseiam os comportamentos criativos do homem. Somente ante o ato intencional, isto é, ante a ação de um ser consciente, faz sentido falar-se de criação. Sem consciência, prescinde-se tanto do imaginativo na ação, quanto do fato da ação criativa alterar os comportamentos do próprio ser que agiu. (OSTROWER, 1987, p.11)

Nesse sentido, a inteligência e a criação não estão ligadas apenas a aspectos escolares, científicos e artísticos, mas a uma postura com relação ao conhecimento em geral, num sentido mais amplo, um conhecimento do mundo. Qualquer tipo de relação com o mundo envolve um aspecto cognitivo e um aspecto afetivo, seja esta relação “escolar” ou não. A criação, portanto, relaciona-se tanto com a emoção quanto com o intelecto.

Ao constataremos a presença das diversas qualificações que se fundem no ato criativo, cabe diferenciá-las. O homem será um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural. Quer dizer, a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas, ao passo que a cultura representa o desenvolvimento social do homem; configura as formas de convívio entre as pessoas. Na história humana – um caminho de crescente humanização, ainda que se questione, e com razão, a idéia de ‘progresso’ linear – as culturas assumem formas variáveis que se alteram com bastante rapidez, incomparavelmente mais rápidas do que eventuais alterações biológicas no homem. As culturas se acumulam, se diversificam, se complexificam e se enriquecem. Ou então também, desenvolvem-se e, por motivos sociais, se extinguem ou são extintas.[...] O potencial consciente e sensível de cada um, se realiza sempre e unicamente dentro de formas culturais. Não há, para o ser humano, um desenvolvimento biológico que possa ocorrer independente do cultural. O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, do grupo em que ele, indivíduo, nasce e cresce. Ainda vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele se desenvolverá enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, seus sonhos, suas aspirações e suas eventuais realizações... Importa-nos mostrar como a cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz, comunica, à elaboração de novas atitudes e novos comportamentos e, naturalmente, a toda possível criação.(OSTROWER, 1987, ps.11-12)

Todo conhecimento do mundo é uma tentativa de equilíbrio entre a criação e a inteligência, entre a assimilação e a acomodação, entre as transformações do eu para se adequar à realidade e as transformações da realidade para se adequar ao eu. Nesse sentido, todo conhecimento do mundo é construído, criado pelo sujeito. Portanto, o desenvolvimento da inteligência é um processo ativo, de construção criativa.

OSTROWER (1987, p.17) analisa com propriedade esse surgir da criação, dizendo que o criativo do homem se daria ao nível do sensível. Como fenômeno

social, a sensibilidade se converteria em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa para o indivíduo. No enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar.

Assim como a inteligência se desenvolve desde o nascimento até a vida adulta, também a criação sofre transformações. Na imaginação criadora, coordenam-se o lúdico e o intelectual, liberdades e responsabilidades, e daí emerge a autonomia do indivíduo, da possibilidade de negociar com a objetividade do real e sua própria subjetividade.

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível- cultural- consciente do homem, e se faz presente as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se amplia. A criatividade, implica uma força crescente; ela se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza. (OSTROWER, 1987, p.27).

A sociedade é formada pelos homens que a constituem, e a realidade social só é reconhecida como totalidade concreta se reconhece o homem como sujeito. “ Numa recuperação do todo (na superação da fragmentação), a perspectiva de uma visão holística propõe considerar não somente a razão e a sensação, mas também a intuição e o sentimento, transpondo o racionalismo reducionista que valoriza o progresso material e negligencia o progresso humano”. (BEHRENS, 1999, p.66).

Nesse sentido, a atividade criadora não é apenas objetivo final do desenvolvimento do psiquismo, mas é o próprio processo de desenvolvimento: é pela criação, pela ação consciente e transformadora no mundo, que o indivíduo se desenvolve no sentido de maior controle, consciência e autonomia. Por esse motivo, a pesquisa realizada tendo a Poesia como Elemento Articulador no Ensino da Língua Portuguesa no curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Jaraguá do Sul - UNERJ, envolvendo a I fase (30 sujeitos) e VII fase (21 sujeitos) conseguiu inserir-se na Prática Pedagógica Inovadora porque fez com que pesquisadora e

pesquisados experenciassem o ato de criar poesias estabelecendo ligações com o lúdico, o cognitivo, o afetivo, conquistando assim, a autonomia da produção do conhecimento.

O processo de criação, no dizer de BOSI (1991, p.14) é uma dialética entre conhecimento, construção e expressão. É conhecimento, porque parte de um certo estado inicial da realidade interna e externa, e ainda mais: um ato criativo é conhecimento não só porque implica uma certa apreensão da realidade, mas também porque leva à construção de um novo conhecimento do mundo. O processo de criação é construção, porque implica transformação, trabalho, um fazer consciente e intencional, organizado por regras. Platão, segundo BOSI, chama atenção para o fato de que o conceito de criação (poiésis) é muito amplo, já que seguramente tudo aquilo que é causa de que algo (seja o que for) passe do não ser ao ser é criação. E todo ato criativo é produção, expressão (no sentido de fim da pressão, de relaxamento da tensão). É a canalização de um desejo para a concretização de uma solução, uma idéia, um produto. É o relaxamento de um impulso, construção de um novo conhecimento que satisfaz às necessidades do sujeito e é adequado à realidade. Mas não existe conhecimento prévio apenas aguardando para tomar forma e construir um novo mundo; o processo é dialético e é pela da construção do conhecimento que se conhece e se constrói o mundo.

Criação, portanto, é um jogo dialético entre os desejos do eu e as restrições da realidade, que desemboca na autonomia do ser humano. Impulsiona o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, faz parte de sua construção e aponta como seu objetivo. Nesse processo, transforma-se de uma relação em que realidade e imaginação estão dissociadas até uma coordenação e implicação mútua entre esses aspectos.

Uma cabeça bem –feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar a sua acumulação estéril.

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras que não cabe analisar aqui; comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. (MORIN, 1999, p.24)

A criação nasce de um desequilíbrio, de uma incompletude, de um desejo.

Quem é completo não se põe em movimento, não procura transformação, não almeja objetivos. Por isso se diz que um ato criativo exige motivação ou interesse, porque um criativo surge de uma tensão prévia.

Nesse sentido, concordamos com o pensar de OSTROWER (1977,p.39) e reiteramos que a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidade. Provém de sua capacidade de se relacionar com elas. Pois, antes de mais nada, as indagações constituem formas de relacionamento afetivo, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno. À afetividade vinculam-se sentimentos e interesses que ultrapassam qualquer tipo de superespecialização. Ao mesmo tempo que se aprofunda na razão de ser um fenômeno, essa afetividade implica uma amplitude de visão que permite muitas coisas se elaborarem e se interligarem, implica uma visão globalizante dos processos de vida. A visão global dependerá da sensibilidade de uma pessoa; mas reciprocamente, para se transformar em capacidade criativa real, a sensibilidade sempre dependerá dessa visão global.

3.1 INTELIGÊNCIA , CRIATIVIDADE E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO

Auxiliar o aluno a tornar-se um pensante autônomo deveria ser um dos objetivos no processo de ensino na escola. Entretanto, a relação de ensino tem necessariamente dois aspectos: a manutenção, a reprodução, a estabilização do conhecimento (muitos profissionais da área, dizem que é para isso que serve a escola, para a manutenção de alguns conhecimentos por meio de sua transmissão, questão de informação). E tem o aspecto da reconstrução, da modificação, da ultrapassagem; dar um passo além (questão de formação). Aparentemente, por algum motivo, a escola não consegue dar conta desses dois aspectos, e essa segunda dimensão parece mais distante das salas de aula.

A visão fragmentada levou os professores e os alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se a cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresentam sentido ou significado para quem as realiza. Os alunos permanecem organizados nas carteiras, divididos por filas, de preferência em silêncio, sem questionar, sem expressar seu pensamento, aceitando com passividade o autoritarismo e a impossibilidade de divergir. Na comunidade acadêmica, especialmente no início do século, tanto os professores como os alunos aceitavam todas as coisas da escola como verdades absolutas e inquestionáveis. (BEHRENS, 1999, p.24)

Talvez porque envolva mecanismos diferentes de razão: quando a escola nos ensina que para cada pergunta existe apenas uma resposta certa e única, quando procura estabilizar o conhecimento, muitas vezes acaba correndo o risco de aniquilar com a capacidade de criação e superação dos alunos. Por exagero, desconhecimento, descaso. E essa capacidade aniquilada é que deveria dar conta daquele segundo aspecto, tão difuso e distante. A máxima que diz que se deve ensinar a pescar e não dar o peixe cabe à escola, que deveria ensinar ao aluno a aprender os caminhos para adquirir o seu conhecimento.

Porém, muitas vezes o resultado do processo de ensino é um saber mais ou menos bem estruturado e vazio de conteúdo, que no fundo não instrumentaliza para a vida. Por ser muita presa a formalidades, à repetição mecânica das palavras do professor, a uma estrutura que passa uma imagem organizada, mas que no fundo não revela o que o aluno realmente pensa.

De acordo com MORAES (1997, p.51), a escola que continua dividindo o conhecimento em assuntos, especialidades, subespecialidades, fragmentando o todo em partes, separando o corpo em cabeça, tronco e membros; as flores em pétalas; a história em fatos isolados, sem se preocupar com a integração, a interação, a continuidade e a síntese. Tem ainda o professor como o único responsável pela transmissão do conhecimento, continua vendo o aprendiz como uma *tabula rasa* produzindo seres subserviente, obedientes, castrados em sua capacidade criativa, destituídos de outras formas de expressão e solidariedade.

A produção do conhecimento com autonomia, com criatividade, com criticidade e espírito investigativo provoca a interpretação do conhecimento e não apenas a sua aceitação. Portanto, na prática pedagógica o professor deve propor um estudo sistemático, uma investigação orientada, para ultrapassar a visão de que o aluno é um objeto, e torná-lo sujeito e produtor do seu próprio conhecimento. Para alicerçar uma prática pedagógica compatível com as mudanças paradigmáticas da ciência, o Paradigma Emergente, segundo essa autora, deve constituir uma aliança, formando uma verdadeira teia, com a visão sistêmica ou holística, com a abordagem progressista e com o ensino com pesquisa. Essa aliança se justifica e se torna necessária em função das características de cada abordagem, porque a visão sistêmica ou holística busca a superação da fragmentação do conhecimento, o resgate do ser humano em sua totalidade, considerando o homem com suas inteligências múltiplas, levando à formação de um profissional humano, ético e sensível. A abordagem progressista tem como pressuposto central a transformação social, instiga o diálogo e a discussão coletiva como forças propulsoras de uma aprendizagem significativa e contempla os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores. O ensino com pesquisa pode provocar a superação da reprodução, para a produção do conhecimento, com autonomia, espírito crítico e investigativo, considerando o aluno e o professor como pesquisadores e produtores dos seus próprios conhecimentos. (BEHRENS, 1999, ps.60-61)

A aliança ou teia proposta nas três abordagens permite uma aproximação de pressupostos significativos, cada uma em sua dimensão. Uma prática pedagógica competente e que dê conta dos desafios da sociedade moderna exige a inter-relação dessas abordagens e a instrumentalização da tecnologia inovadora.

O que instiga a pesquisadora nessa pesquisa, na Prática Pedagógica Inovadora tendo a Poesia como Elemento Articulador no ensino da Língua Portuguesa no Curso de Pedagogia- UNERJ é a possibilidade de criação, de dar um passo além, de pensar com autonomia, de criar algo novo para si mesmo. buscar, produzir algo original, mas no sentido de ligado à própria origem, à pessoa que produziu. Estamos usando o pensamento criativo num sentido diferente e mais amplo do sentido cotidiano, do dicionário, de “inventar, tirar do nada” ou de algo mais ligado à arte ou a grandes cientistas. O pensamento criativo é distribuído mais democraticamente e é “(...) caráter saliente do comportamento humano, no sentido em que este se pode especificar em todas as direções possíveis, sendo a condição – e não seu limite – precisamente uma capacidade inovativa” (GARRONI, 1993, p. 354): foi essa capacidade que possibilitou ao homem a adaptação em todos os cantos do mundo, que possibilita que o homem transforme a natureza, e não seja apenas sujeito a ela, que nos diferencia na verdade de outros animais e de máquinas tão poderosas quanto o computador. “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, mas porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.” (OSTROWER, 1991, p. 10).

Criar é a capacidade de projetar, de olhar no futuro; planejar, e realizar aquele plano, elaborado para satisfazer às suas necessidades. E a capacidade de olhar no passado, criticar, avaliar e repensar. É a “diferença fundamental que existe entre usar ferramentas e poder manufaturá-las” (OSTROWER, 1991, p.13). É uma capacidade de lidar com o que ainda não é, mas poderá vir a ser. E com o que não foi, mas poderia ter sido. A criação deve ser vista como projeto, “utopia abstrata ou concreta – portanto exploração do possível por proposições ou representações, pelo

simbolismo ou pelo imaginário” (LEFEBVRE, 1983, p. 231). É a criação como poiesis, não como práxis, pois a práxis “se reproduz por repetição, equivalência, identificação. Reproduz sua condição. (...) Pelo contrário, a atividade poética não pode deixar acentuar seu caráter apropriador” (ídem, p. 243).

O pensamento criativo, visto desse modo, como “pensamento produtivo”, emerge de uma relação dialética entre a razão e a imaginação. Imaginação que também pode ser chamada de fantasia, e que se refere ao aspecto menos rigoroso da capacidade intelectual.

Nesse sentido, a razão está mais próxima da descoberta, quer dizer, do olhar para o mundo e descobrir nele regras e similaridades. E a imaginação é mais como uma invenção, que parte de um quase vazio para concretizar uma utilidade, sem se referir muito à realidade, mas mais ao desejo, porque a imaginação se refere muito mais aos desejos e aos sonhos, enquanto a razão se apoia na realidade concreta.

Diante de todas essas características, percebemos que a razão é mais controlável e previsível, mais precisa. A imaginação nos foge ao controle, é livre, imprevisível e difusa. A razão permite uma organização e planejamento, por ser mais consistente e exata, e a imaginação é espontânea e incontrolável, por ser ambígua e imprecisa.

Pois apesar da inteligência muitas vezes ser vista apenas em seu aspecto lógico, é impossível restringir-se a isso. A lógica e o pensamento verbal representam uma grande evolução no pensamento humano, no sentido de organização, mas é a partir da possibilidade de fantasiar e sonhar outras realidades e da necessidade de planejar os meios de atingi-las, que o pensamento procura a organização.

De onde saem os objetos desejáveis? Todo fato, toda coisa que chega a punçar a periferia da nossa alma provoca nela duas reações de certo modo antagônicas. De um lado, nossa razão começa a trabalhar, segundo suas leis, em torno do novo objeto intruso: todo seu trabalho vai guiado pelo afã de obter uma noção exata dele, de elaborar uma cópia intelectual que fielmente o transcreva tal e qual é. Por este caminho chegamos a conhecer a realidade: nossa mente

fabrica história. Mas, de outro lado, nossa fantasia sai a receber o fato recém chegado, e, em vez de contentar-se, como a razão, com refleti-lo exatamente, nele penetra de forma audaz, o que faz pedaços, deixa alguns aleijados, acaba com outros, eventualmente funde estes com elementos de outras coisas, em uma palavra decompõe a realidade e obtém um novo objeto composto somente de ingredientes seletos. Frente ao objeto real que a razão descobre, nasce assim o objeto deseável ou *desideratum* que a fantasia, orientada pelo desejo, constrói. Nossa mente fabrica lenda. (ORTEGA Y GASSET, 1987 a, p. 304)

Por isso a criação, no sentido de pensamento produtivo, que projeta a um fim, que realiza, tem esses dois aspectos opostos e dialéticos: a imaginação e a razão.

É nessa mentalidade que se deve investir, no propósito de favorecer a inteligência geral, a aptidão para problematizar, a realização da ligação dos conhecimentos. A esse novo espírito científico será preciso acrescentar a renovação do espírito da cultura das humanidades. Não esqueçamos que a cultura das humanidades favorece a aptidão para a abertura a todos os grandes problemas, para meditar sobre o saber e para integrá-lo à própria vida, de modo a melhor explicitar, correlativamente, a própria conduta e o conhecimento de si.

Assim, podemos imaginar os caminhos que permitiriam descobrir, em nossas condições contemporâneas, a finalidade da cabeça bem-feita. Tratar-se-ia de um processo contínuo ao longo dos diversos níveis de ensino, em que a cultura científica e a cultura das humanidades poderiam ser mobilizadas.

Uma educação para uma cabeça bem-feita, que acabe com a disjunção entre as culturas, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida quotidiana, social, política, nacional e mundial.

É imperiosamente necessário, portanto, restaurar a finalidade da cabeça bem-feita, nas condições e com os imperativos próprios de nossa época. (MORIN, 1999, ps.32.33)

É apenas no jogo de controlar e depois distrair, de sentir e depois analisar, de correr, pular, saltar e depois descansar que nos tornamos criativos, produtivos, seres humanos autônomos, escritores de nossa história, senhores dos nossos sonhos e do nosso destino.

Enquanto uma pessoa é considerada inteligente por “resolver problemas efetivamente, raciocinar claramente, pensar logicamente, mostrar um bom vocabulário e gerenciar um grande estoque de informações”, uma pessoa criativa “tem uma certa liberdade de espírito e relutância a seguir às leis implícitas da sociedade”; a criatividade engloba “uma dimensão estética e imaginação que estão ausentes das teorias implícitas da inteligência, e também engloba aspectos de curiosidade e intuição (...)” (STERNBERG,1985,ps. 622-623). Inteligência e criatividade têm sido vistas como capacidades separadas, temas de áreas

diferentes. São, em geral, estudadas por diferentes especialistas, tanto dentro da psicologia quanto em âmbitos maiores, pois enquanto a inteligência tem sido a preocupação de estudiosos mais ligados à escola, a criatividade é privilegiada pelos estudiosos da arte e da propaganda.

A criação faz parte da inteligência e não se opõe a ela. Razão e imaginação se relacionam dialeticamente para formar o pensamento criativo, que faz parte da inteligência.

Aprender a olhar as situações a partir de um outro ponto de vista, em geral, proporciona uma visão mais ampla, que possibilita um maior leque de ações. Apenas é preciso estar atento para as diferenças (questões, objetivos, pontos de partida e até vocabulário), para que não se compare coisas que não podem ser comparadas.

A inteligência e a criatividade não funcionam isoladamente no organismo humano, mas em coerência com outros aspectos da personalidade, inclusive aspectos como insegurança e ansiedade. Pensando a personalidade como um todo, a inteligência e a criatividade não funcionam apenas em tarefas escolares ou profissionais, mas entram em ação em todos os momentos da vida.

Seja o que for a inteligência, seja o que for o que ela possa ser, é proveitoso para a pessoa ter nascido dotada com um considerável potencial intelectual. Também ajuda contar com excelentes professores e tecnologias disponíveis, porquanto aqueles e estas podem aguçar nossas inteligências e enriquecer nossas representações mentais. Finalmente, a consciência de nossas próprias estruturas de aprendizagem e conhecimento também pode ser vantajosa. Assim como podemos melhorar nossa própria saúde pelo íntimo conhecimento do corpo e a monitoração regular de suas estruturas e funções, também podemos aperfeiçoar nosso pensamento mediante a monitoração estratégica de nossas representações e processos mentais. (GARDNER, 1999,p.88)

A escola tem um papel importante no processo de desenvolvimento de um indivíduo criativo, já que é um dos locais privilegiados de aquisição de conhecimentos e relacionamento com o conhecimento. Quem aprende não adquire

apenas um conteúdo de informação, mas também aprende a aprender, aprende uma forma de se relacionar com o conhecimento.

É função da escola possibilitar aos indivíduos uma superação dos estágios de caos e de rigidez que abra espaço para uma integração dessas tendências, mas, em geral, a escola tem valorizado principalmente a ordem, a restrição e o limite. Devido à tendência a dar uma importância muito grande para apenas um dos aspectos da atividade criadora, acaba deixando de lado tudo que é imponderável, todas as possibilidades outras de ser, pensar, crescer.

A criação deveria ser valorizada, ainda que isso implicasse estratégias muito menos seguras, pois a realidade não é mesmo segura. A realidade é dinâmica. As pessoas são dinâmicas. “ A história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’ ” (BENJAMIN, apud KRAMER, 1993, p.33). Valorizar a criação significa lidar com os inúmeros ‘agoras’, com o processo mesmo de construção da autonomia. Significa instruir uma pedagogia que tem a criatividade tanto como efeito quanto propulsor. Uma pedagogia que, por um lado, tenciona construir a criatividade do indivíduo, e , por outro lado, é construída pela criatividade. Uma pedagogia dinâmica, que tem como objetivo a autonomia e autoria do indivíduo.

Em termos sucintos, segundo GARDNER (1999,p.84), as escolas precisam ser individualizadas e personalizadas. Precisamos entender as representações mentais específicas de cada estudante com o máximo de detalhe possível. E depois, até onde for exequível, devemos configurar a educação de modo que os estudantes possam abordar as matérias segundo métodos que lhes assegurem o acesso ao seu conteúdo; e tenham assim a oportunidade de mostrar o que aprenderam de uma forma que lhes seja cômoda mas também interpretável pela sociedade circundante.

Uma tal educação individualizada para todos desloca-se para o primeiro plano quando abordo as particularidades de uma educação centrada especificamente na verdade, beleza e bondade.

Nesse sentido, a pesquisa realizada demonstrou que há possibilidade de atingirmos a produção do conhecimento dinâmico, criativo, autônomo do indivíduo tendo a poesia como elemento articulador no Ensino da Língua Portuguesa. A veracidade dessa afirmação encontra-se no capítulo 5.2.

4 PRÁTICA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

4.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARADIGMA TRADICIONAL

Muitas vozes se intercalam na tessitura desse escrito: a do professor, do aluno, da língua materna que circulam e emergem da vivência escolar. Acreditamos que o eco dessas vozes pode dar o tom e o perfil do educador que diz presente no processo de busca do aluno em direção a seu saber.

Saber indica que nos podemos manter na verdade e 'isto', por sua vez, indica uma possibilidade de se estar na manifestação do ente, daquilo que se deseja que se mostre como é. Possuir conhecimentos, não importa quão profundos sejam, sobre alguma coisa, não é saber. Talvez aí esteja uma das grandes razões do fracasso do uso da Língua como 'equipamento' de comunicação. Os sujeitos podem conhecer as regras e as normas do jogo lingüístico, mas não conhecem a Língua como ela é, resultando em desempenho deficiente na comunicação. Ao adquirir norma, princípios e regras, o sujeito recebe 'informações', sem que, contudo, esteja garantindo um saber. Sempre que o sujeito traz consigo tais informações e até já se exercitou em alguns exercícios práticos, poderá ficar desarmado diante do real que sempre difere daquilo que o cidadão comum entende por proximidade da vida e do real. Isto se dá porque não possui saber, pois saber significa ainda 'poder aprender'. Poder aprender, reportar-se a um poder de investigar. Investigar é o querer saber esclarecido, que é o que se pretende nesta investigação. (BELTRAN, 1989, p. 29).

A escola está aí, centro do saber, autoritária, austera, utilizando o processo de transmissão informativa. As paredes continuam quase que intactas, desvinculadas do mundo, do presente e dos problemas sociais. As aulas seguem no ritmo de carteiras enfileiradas, sendo o professor o detentor absoluto do saber, autoritário, impessoal/distante do aluno, os conteúdos programáticos são repassados com a finalidade de memorizar apenas nomenclaturas, estruturas gramaticais que de nada contribuem para o exercício da produção do conhecimento do aluno. Ousamos dizer que essa prática contribui para que o aluno tenha ojeriza ao aprendizado da língua materna, fator este que dificulta o exercício do aprender –a – aprender por meio da leitura e da escrita, haja vista que a função do aluno nesse processo é apenas ser obediente, disciplinado, assimilador de conteúdos, não reflexivo, memorizador e

repetidor de dados. O aluno não age nem interage no processo da produção do conhecimento, porque as aulas de Língua Portuguesa limitam-se a repassar exercícios gramaticais, leituras e interpretações de textos do livro didático. Esses textos na maioria das vezes se apresentam fragmentados ou, o que é pior, com temas que fogem da realidade do aluno. As produções textuais acontecem com títulos prévios, não há motivação, não há etapas delineadas: desinibição, estímulo, criação, para que o aluno possa despertar e produzir. No que diz respeito à poesia, as criações e declamações restringem - se as datas comemorativas.

Concordamos com NETO (1988, p.19), quando diz que a prática tem-nos mostrado que a memorização de nomenclaturas, regras e definições, arrolada em programas de ensino, é ineficiente e não promove uma aprendizagem efetiva do ler e escrever. O aluno discursa de uma forma metalingüística em provas e exercícios, mas não transfere esse pseudoconhecimento para a formulação do seu pensamento por escrito. É imprescindível que o aluno tenha o domínio da língua em suas mãos com o sentimento e com a razão. Ele usa a palavra, observa esse uso, e o professor vai acentuando esse acesso e aprofundamento a ela, lenta e atentamente.

O professor precisa descobrir a valoração de colocar a palavra a serviço do aluno para que ele possa ir verificando o seu funcionamento na condição de tornar a língua um objeto sistemático de aprimoramento, porque é na utilização da palavra escrita pelo aluno, na conscientização da sua linguagem dentro desse compromisso, que ele poderá compreender a necessidade de apropriação da língua e desse código de linguagem (norma-padrão) mais valorizado. De posse desse privilégio lingüístico, ele pode optar conscientemente, concretizando o ato que vai além das carteiras enfileiradas, do discurso do professor porque o aluno passa a ser o dono da palavra”.

A pesquisadora, ter sido também fruto de uma escola tradicional sabe o quão precioso é o ato de exercitar a Língua Portuguesa de forma prazerosa, desnudando cada palavra. Por que quando o professor figura-se como um ser distante do aluno e as aulas apresentam-se autoritárias, como o aluno poderá ultrapassar a barreira imposta, como ele conseguirá ter autonomia criativa e criadora para falar, ler e escrever ?

De acordo com NETO (1998,p.30), é no exercício do cotidiano que é possível resgatar a prática do professor. A sua experiência - como essa que penso ser: a trajetória das leituras e escritas – refletida e reconstruída - é que promove a mudança. Mesmo que interesses alheios persistam... Botar na mesa e em pratos limpos a experiência enriquece e fortalece o professor. E a escola também. Dá-lhe vida e autenticidade. E isso nem sempre traz alegrias. É árduo e doce. Dói e aprofunda. Recompensa, porque quer e projeta. É um compromisso interno que cria e abre espaços. Num processo permanente de crescimento.

Nesse sentido o papel do professor, da escola é fundamental na formação do aluno que queremos ter. Requer reflexão criteriosa/crítica, exige reconhecimento dos erros, dos acertos.

Seria um exagero sustentar que as escolas não mudaram em cem anos. Nos Estados Unidos e no resto do mundo, existem novos termos (como a ecologia), novos meios (computadores pessoais, videocassetes) e, pelo menos, algumas novas práticas – jardim - de –infância universal, educação especial para quem tem problemas de aprendizagem, esforços para integrar na “corrente principal” estudantes que têm problemas físicos ou emocionais. No entanto, com exceção de umas poucas mudanças relativamente superficiais, seres humanos milagrosamente transportados de 1900 reconheceriam muito do que acontece nas salas de aula de hoje – predomínio das preleções, ênfase sobre os exercícios práticos baseados na instrução recebida, matérias e atividades descontextualizadas, que vão desde o uso de cartilhas e seletas de leitura básicas até aos testes semanais de ortografia. Com a possível exceção da Igreja, poucas instituições mudaram tão pouco em seus aspectos fundamentais quanto as encarregadas da educação formal da geração seguinte.(GARDNER, 1999, ps.44-45)

Refletir sobre a nossa atuação enquanto educadores é salutar, é crescimento, porque não dizer, é puro conhecimento. A fundamentação teórica, a atualização pedagógica na participação de cursos, o convívio com pessoas na área da educação e da disciplina específica possibilitam que o professor desvende seus olhos e que

literalmente acorde para o mundo educacional, deixando de ser e agir tradicionalmente no ambiente escolar.

Concordamos com VEIGA (1997, ps. 82-83), quando afirma que na modalidade tradicional o ensino está todo construído sobre uma concepção de conhecimento como produto, em que as certezas são estimuladas e até são o fiel da balança da aprendizagem. O professor quer ser seguro, suas relações com os estudantes podem ser até afetivas, mas são pouco emancipatórias.

Não há mudança quando a certeza total e absoluta se instaura na mente do professor, por que é no ato de desestabilização de insegurança que a procura do conhecimento acontece e progride. Dominar o que os livros didáticos oferecem, não propicia aprendizagem a prática requer fundamentação teórica. “ Não há prática sem teoria, a relação teoria- prática não é linear, e sim dialética”. (VEIGA, 1997, ps. 86-87).

Decorre daí, o desejo da pesquisadora de ver a Língua Portuguesa sendo trabalhada por um outro prisma pelos professores da área. Não podemos mais fazer propaganda enganosa por termos estagnado no tempo, na atuação como educadores. “ As vésperas do próximo milênio, cabe a indagação: como encontrar caminhos que respondam às exigências de uma revolução que propõe a produção, a exploração e a comunicação do conhecimento?” (BEHRENS, 1996, p.75).

Tal questionamento instiga-nos a mudar o quadro apresentado, prioriza o todo e deixa de lado a especificidade, encara a pesquisa e a elaboração de projetos como recursos metodológicos que possibilitam a independência, a formação do aluno em cidadão.

BEHRENS (1996,p.71) diz que, o grande desafio neste momento de passagem de um século para outro, é criar espaços verdadeiros para que o perfil do novo

professor ultrapasse o discurso, a retórica e provoque ações concretas e afetivas no redimensionamento do seu papel, compatível com as exigências da modernidade.

Romper a barreira do conformismo, dos conhecimentos evasivamente aplicados é tarefa árdua, mas um desafio que possibilitará deixarmos para os alunos o legado mais precioso e intransferível de que se possa ter notícia: a aquisição do conhecimento.

4.2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO PARADIGMA EMERGENTE

Efetivar o ato de aprender e ensinar a Língua Portuguesa na escola tem sido uma das preocupações da atualidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais são a prova dessa renovação educacional, considerando o aluno, a língua e o ensino como uma tríade. Nesse sentido, o aluno passa a ser o sujeito da ação de aprender, aquele que age diretamente sobre o objeto de conhecimento (a língua). O terceiro elemento da tríade é o enfoque teórico concebido como prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto. Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno.

Reconhecer que esses alunos trazem consigo uma bagagem de conhecimento individual, indivisível é a possibilidade que urge na atualidade: ver o aluno como um todo na sua individualidade.

Segundo BEHRENS (1999, p.69) o homem é um ser inteiro, e é dotado de dois hemisférios cerebrais que estão conectados e propiciam forte inter-relação. Portanto, a educação precisa facilitar a aprendizagem no crescimento da pessoa como um todo. No processo educativo, deveria ser levado em consideração o cérebro como um todo.

Nesse sentido, o ensino da Língua Portuguesa deve propiciar um ambiente de estudo adequado às exigências atuais: ensinar a língua materna utilizando o lúdico, a parceria harmoniosa entre professor e aluno.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1999, vol.2,p.30), toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício de reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. Isso poderia ser exemplificado dizendo-se que nas aulas de Língua Portuguesa, na maioria dos casos, não se ensina a trabalhar com textos expositivos como os das áreas de História, Geografia e Ciências; e nessas aulas também não, pois se considera que trabalhar com textos é uma atividade específica da área de Língua Portuguesa. Em conseqüência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. E essa capacidade, que permite o acesso à informação escrita com autonomia, é a condição para o bom aprendizado, pois dela depende a possibilidade de aprender os

diferentes conteúdos. Por isso, todas as disciplinas têm a responsabilidade de ensinar a utilizar os textos de que fazem uso, mas é a de Língua Portuguesa que deve tomar para si o papel de fazê-lo de modo mais sistemático. Cabe à escola também o papel de ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realizações de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, declamações de poesias, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato. Quando se usa aqui a expressão de fato, a intenção é marcar a existência sociocultural extra-escolar, sua existência no interior de práticas sociais comunicativas não-escolarizadas, referindo-se também a textos, a uso da linguagem, a circunstâncias de enunciação, etc.

O Paradigma Emergente busca provocar uma prática pedagógica que ultrapasse a visão uniforme e que desencadeie a visão de rede, de teia, de interdependência, procurando interconectar vários interferentes que levem o aluno a uma aprendizagem significativa, com autonomia, de maneira contínua, como um processo de aprender a aprender para toda a vida. (BEHRENS 1999,p.123)

Nesse sentido, o conhecimento atualmente disponível recomenda uma revisão metodológica e aponta para a necessidade de repensar sobre teorias e práticas tão difundidas e estabelecidas. Aquelas Teorias e Práticas que dividem a Língua Portuguesa em dois hemisférios: o primeiro seria o ensinar sistemático alfabético de escrita (a correspondência fonográfica) e algumas convenções ortográficas do português _ o que garantiria ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo, condição para poder disparar; o segundo hemisfério que se desenvolveria em duas linhas básicas: os exercícios de redação e os treinos ortográficos e gramaticais que, para a maioria dos professores, tendem a parecer os únicos caminhos possíveis.

A compreensão atual da relação entre aquisição das capacidades de interpretar, falar e de redigir rompe com a crença arraigada de que o domínio do bê-á-bá gramatiquero seja pré-requisito para a aquisição do conhecimento que se usa

para ler, interpretar e escrever, porque “não se muda um paradigma educacional apenas colocando uma nova roupagem, camuflando velhas teorias. MORAES (1997, p.17) .

MORAES (1997,ps.17,18,19) instiga-nos a buscar um novo modelo educacional “capaz de gerar novos ambientes de aprendizagem, que deixe de ver o conhecimento de uma perspectiva fragmentada, estática e o reconheça como um processo em construção a ser desenvolvido num contexto dinâmico do vir-a-ser”.

Acreditamos que essa nova postura educacional, possibilitará ao aluno uma nova postura diante das coisas e dos fatos que o circundam, propiciando o seu excitar diante da língua materna. Há “necessidade da construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver o mundo e nos posicionarmos diante dele”. (MORAES, 1997,p.20).

Decorre daí o desejo de ver o ensino da Língua Portuguesa pela adoção da poesia como elemento articulador como um auxiliador no processo de construção e reconstrução do homem, por meio da reflexão sobre a língua em situações de produção textual e interpretação, como caminho de tomada de consciência e aprimoramento da própria produção lingüística.

“ O problema se encontra naquilo que foi ensinado. Aquilo sobre o que se fala tem de estar ligado à vida. O conhecimento que não faz sentido é prontamente esquecido. A mente não é burra. Ela não carrega carga inútil”. (ALVES, 1998, p.102).

4.3 A POESIA COMO ELEMENTO ARTICULADOR NA TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

ROCCO (1981,p.268) escreveu:

Penso que uma das formas fundamentais para combater a crise seria em ensinar a refazer o discurso falho, roto, rarefeito, raro - feito; estaria em um intenso movimento educacional, buscando a originalidade que existe dentro de cada um, estaria em um diário e árduo trabalho de revitalização da imaginação criadora, estaria na descoberta e valorização do devaneio, uma vez que essas coisas não são como o queriam os poetas românticos, fruto de inspiração momentânea, mas sim de transpiração e trabalho continuado; e o pouco espaço que a educação, vista globalmente, dedica ao original, à criação individual, privilegia, conseqüentemente esse complexo cultural de uma só dimensão, ou seja, a do real tangível, imediatamente perceptível, fazendo com que, pelo menos no caso da linguagem, cheguemos a essa situação de crise e atrofia conjunturais.

É, sem dúvida, evidente que essa decantada crise cultural por que passamos tem deixado marcas enormes em nossos alunos. Conforme comprovação geral, há uma atrofia no universo lingüístico e, em função dela, o acesso ao texto é sempre difícil e, não raro, limitado ao livro didático. Como se não bastasse, na concorrência com as linguagens não verbais, a linguagem literária (como é vista na escola) é a perdedora.

Imerso em uma crise de linguagem e de leitura, recebendo influência (positivas e negativas) dos veículos de comunicação, inserido em um contexto escolar em que os educadores estão perplexos, a que se questionar se o aluno ainda terá espaço para achar-se enquanto produtor de textos ou será que esse padrão de referências - que se manifesta nos chavões - se perpetua e acaba padronizando todo o discurso, cristalizando uma atitude que retira a escrita da linguagem e esta do mundo e da ação intersubjetiva.

Em qualquer caso, há que se criar espaço para uma produção individualizada principalmente no discurso poético, deixando que o aluno se arrisque a escrever um

poema, sem que o produto criado seja ostensivamente forjado de fora para dentro, e, por isso, padronizado e estereotipado.

Ao criar poemas, o aluno se apropria da palavra, transcende as limitações exteriores que lhe moldam a expressão pessoal e faz da palavra um instrumento que lhe pertence.

A poesia não está apenas nas páginas dos livros. Está, também, nas coisas. No vivido. Descobrimos poesia nas coisas. Reconhecemos - e criamos - poesia nas relações com os outros. Com os bichos. Com as plantas. Com o cosmo. A poesia faz parte do reconhecimento das significações do mundo. E faz parte da produção de significações com que fazemos o nosso mundo.

Apesar disso, é no poema que a poesia se realiza. Com sua natureza de palavra, de verbo encarnado. As palavras poéticas têm carne e sangue. O poema tem uma força mágica de evocação. Desperta ressonâncias não esperadas. Chama a viagens - pela memória e pela imaginação.

O poema é um mundo feito de palavras. Não apenas para comunicar sobre algo exterior, mas as palavras arquitetadas de um outro modo, confabuladas pelo som, pelo ritmo, pela estrutura, pela imagem, pelos significados. As palavras redescobertas. Recomeçadas. As outras faces. Secretas. (AMARAL; ANTÔNIO; PATROCÍNIO, 1993,p.196).

Nesse sentido, há necessidade de um trabalho sobre a produção poética do aluno, para que ele possa encontrar espaço para o devaneio (imaginação individual) e a criatividade. Para que o aluno consiga imprimir no seu texto características de estilo notadamente particulares, não estereotipadas, soluções que não podem ser encontradas nos livros didáticos.

É em função disso que, transformar o estudo poético numa ação formadora, voltada para a produção escrita requer professores sensíveis à linguagem poética, por meio de um trabalho pedagógico, em sala de aula, no curso de Pedagogia. O professor precisa propiciar condições para que o aluno reflita criticamente sobre a produção poética dos escritores de seu tempo, sem que se abandone, é claro, o estudo dos poetas de outras épocas. Nesse instante de formação, o importante não é hierarquizar a produção literária, mas sensibilizar. Produzir nas universidades, trabalhos teóricos/ práticos que possam facilitar a prática pedagógica com o texto poético, com o objetivo não só de informar, mas, sobretudo, de ajudar a formar professores e educandos.

A poesia reafirma sempre – é a sua missão - a integridade, a autonomia, a dignidade da pessoa humana. Se ela chegasse um dia a vencer sua batalha, se chegasse a salvar finalmente a alma humana, se um dia, na unidade das crenças, o primado do espírito fosse por todos admitido como regra fundamental de toda sociedade, a poesia teria vencido sua batalha, e as dificuldades morais, que sempre dividiram tão tragicamente a humanidade, seriam finalmente resolvidas. (UNGARETTI, 1994, p.225).

Acreditamos que a Literatura- Poesia, Ficção nos dá a possibilidade de sabermos um pouco da nossa própria individualidade, dos outros, do seu mundo interior. A poesia está nas ruas, assim, como nas coisas, na realidade do nosso educando, é preciso que nós educadores saibamos conviver com os poemas, inserindo - os no ambiente escolar.

Há uma necessidade vital de recuperarmos a capacidade de percepção - livre, pessoal, autônoma. A percepção criadora. Redescobrir o olho, o tato, o ouvido, o olfato. Precisamos recriar nossa relação sensível com o mundo, com o nosso educando. Redescobrir as coisas, redescobrimo o nosso próprio corpo e suas possibilidades de percepção. A poesia precisa desse renascimento da sensibilidade e ao mesmo tempo engendra essa redescoberta dos sentidos.

Redescobrir o gosto de ver. A alegria de sentir. O prazer da percepção. O entusiasmo da sensibilização. A convivência com poesia possibilita o ressurgimento dessas paixões. O poeta, como o filósofo, precisa ser um principiante perpétuo. O poema é um olho novo, que estranha os objetos mais familiares. Vê com os olhos de primeira vez. Recomeça a relação do corpo com a coisa, e com o outro corpo. Redescobre, depois, a familiaridade obscurecida pela rotina. O mundo torna a ser familiar, mas encantado. Transfigurado, como a própria linguagem. Esse resgatar da sensibilidade acontece a cada poema, sempre recomeçando.

De noite, entretanto, o violinista dorme. A alma viaja para o mundo dos sonhos. As carnes, abandonadas pela música, ficam entregues às forças insensíveis do mundo físico. A gravidade faz o seu trabalho. Puxa as carnes para baixo. Elas escorregam na direção do chão. Os sulcos se aprofundam. O rosto fica mole. [...] Corri, rápido, e peguei um livro de poesias do Mário Quintana. Basta que a poesia seja ouvida para que a morte se ponha a correr. Comecei a rir de felicidade. Quando de novo me vi no espelho, olhei fundo dentro dos meus olhos. O que eu vi foi o rosto de um menino. (ALVES, 1998, p. 30)

Numa das obras poéticas mais importantes da cultura do Ocidente europeu, as *Metamorfoses*, o poeta romano Ovídio (revivendo Heráclito) exprimiu todos esses sentimentos que experimentamos diante da mudança, da renovação e da repetição, do nascimento e da morte das coisas e dos seres humanos. Na parte final de sua obra, lemos:

Não há coisa alguma que persista em todo o Universo. Tudo flui, e tudo só apresenta uma imagem passageira. O próprio tempo passa com um movimento contínuo, como um rio... O que foi antes já não é, o que não tinha sido é, e todo instante é uma coisa nova. Vês a noite, próxima do fim, caminhar para o dia, e à claridade do dia suceder a escuridão da noite... Não vês as estações do ano se sucederem, imitando as idades de nossa vida? Com efeito, a primavera, quando surge, é semelhante à criança nova... a planta nova, pouco vigorosa, rebenta em brotos e enche de esperança o agricultor. Tudo floresce. O fértil campo resplandece com o colorido das flores, mas ainda falta vigor às folhas. Entra, então, a quadra mais forte e vigorosa, o verão: é a robusta mocidade, fecunda e ardente. Chega, por sua vez, o outono: passou o fervor da mocidade, é a quadra da maturidade, o meio - termo entre o jovem e o velho: as têmperas embranquecem. Vem, depois, o tristonho inverno: é o velho trôpego, cujos cabelos ou caíram como as folhas das árvores, ou, os que restaram, estão brancos como a neve dos caminhos. Também nossos corpos mudam sempre e sem descanso... E também a Natureza não descansa e, renovadora, encontra outras formas nas formas das coisas. Nada morre no vasto mundo, mas tudo assume aspectos novos e variados... todos os seres têm sua origem noutros seres. Existe uma ave que os fenícios dão o nome de fênix. Não se alimenta de grãos ou ervas, mas das lágrimas do incenso e do suco da amônia. Quando completa cinco séculos de vida, constrói um ninho no alto de uma grande palmeira, feito de folhas de canela, do aromático nardo e da mirra avermelhada. Ali se acomoda e termina a vida entre perfumes. De suas cinzas, renasce uma pequena fênix, que viverá outros cinco séculos... Assim também é a Natureza e tudo o que nela existe e persiste. (In: CHAUI, 1995, p.24-25)

Se, de um lado, a arte e a poesia criam linguagens, expressões simbólicas que ajudam a tornar mais familiar a percepção do mundo (e mais acessível, a médio e a longo prazo), por outro lado é muito significativo o sentido de estranhamento do mundo, o sentimento de admiração, de perplexidade, de espanto: distanciamentos que levam à recriação das relações com o real e à redescoberta com olhos novos, com olhos livres - dessa realidade que estava desfigurada pela rotina, pela redundância, pela banalidade.

Meu diagnóstico já foi feito. Minha doença se chama poesia. Não sei que poesia é só para recitar. Eu acredito. Acho que poesia é para viver. E os poetas são todos doidos. Poesia é uma forma de loucura. Veja só: o Fernando Pessoa diz: " Tudo menos ter razão!" Se ele fosse normal diria o contrário, " Tudo menos não ter razão!" E por isso que os normais brigam uns com os outros, especialmente marido e mulher: cada um quer provar que está com a razão. Razão é o que todo mundo pensa e faz. Qualquer idiotice que seja feita por todos passa a ser

considerada sabedoria. Disse o poeta T. S. Eliot: " Num país de fugitivos aquele que caminha na direção contrária parece estar fugindo. (ALVES, 1998, ps.13-14)

O mesmo sistema social - econômico burguês - capitalista que reduz a obra de arte à mercadoria, e que condena muitos artistas à miséria e à morte, este mesmo sistema transforma o sentimento - reduzido a sentimentalismo banal - em produto de consumo, assim como faz com o erotismo, desfigurado para ser reduzido à mercadoria manipulada. Esta é uma das maiores misérias do nosso tempo, talvez ainda maior do que a repressão milenar: a manipulação das emoções, da vida afetiva, da energia erótica. Manipulação, banalização, pasteurização. Mais do que nunca, necessitamos recuperar a emoção autêntica, que ressoe nos corpos e nos signos, que nasça e cresça das relações de existência: uma vida afetiva pessoal e autônoma (relativa autonomia, naturalmente). Essa conquista de liberdade tem um significado político revolucionário, contra as várias formas de Totalitarismo.

A vivência simbólica das emoções, durante a leitura de um poema, essa experiência emotiva com os signos feitos carne e sangue - a palavra poética - desperta energias adormecidas, ou reprimidas, ou neutralizadas. Essa vivência simbólica possibilita uma forma não repressiva, mas criadora, de controle das emoções e a possibilidade de refazeremo-nos como sujeitos de nossos afetos, sem sermos tomados por eles. A embriagues dionisíaca é apenas uma das faces. A outra é de harmonia apolínea: sem disciplina não há liberdade. As forças se dissipam e as circunstâncias passam a nos determinar. Nenhum êxtase continuaria indefinidamente. É preciso, também, arquitetar ao êxtase. A criação poética se debate na busca da unidade entre a vertigem - o que transborda, o que infinitamente pulsa - e a lucidez - que recria estrelas flamejantes a partir do caos.

A poesia educa emoções, sendo poesia. Os homens se humanizam por meios humanos.

A atividade imaginativa, descobridora e engendradora de analogias, de relações de semelhança que não eram visíveis, é parte essencial do processo de conhecimento: não só no campo de criação poética, em que a imaginação é uma forma específica de apreender e recriar a realidade, como pensava Bachelard, nas obras: *Direito de Sonhar*, *A poética do Espaço*, mas também nos campos da prática e da teoria científica.

A capacidade de imaginação precisa ser deflagrada. A convivência com os poemas ajuda a descobrir, a despertar, a desenvolver o imaginário.

Um dos trabalhos de vida, em nossos dias como educadores, é descobrir, despertar e desenvolver a capacidade criadora, não só para subsistirmos às redes de dominação que nos cercam, mas também para fazer novas formas de vida e novas maneiras de dizer a vida. Contra a padronização esterilizadora das horas de hoje - de ventos do futuro - a prática pedagógica sempre insubmissa da poesia continua a sublevar a linguagem, o corpo, a imaginação.

Com os poemas, atravessamos mundos de palavras e de silêncios, em experiências que revitalizam a capacidade imaginativa. Esse processo de humanização dos sentidos não é um processo linear, contínuo, de acumulação constante, mas é um processo histórico, com as idas e vindas, os vai-e-vens, as crises, os saltos e toda a complexa rede de fenômenos que caracteriza o desenvolvimento das sociedades. Assim, de um modo geral, a história se faz também como criação contínua (e descontínua ...) de novas relações de percepção, necessárias às novas relações entre os próprios homens e entre estes e a natureza.

Em termos do mundo moderno, uma das características de maior vitalidade, a partir do Renascimento, é a valorização do contato sensível com a realidade, a valorização do corpo - a - corpo com o mundo, não apenas no conhecimento

científico, mas também na criação artística e na existência cotidiana, o que historicamente foi muito significativo porque representou a superação de sistemas de idéias que se recusavam a ouvir a voz da Natureza, embora pretendessem legislar sobre todos os aspectos do Cosmos. Estamos diante da maior manipulação de imagens de toda a história.

A cabeça é um útero terrível . Dela tanto podem sair flores e borboletas quanto charcos e escorpiões. De vez em quando ela é invadida pelos demônios das catástrofes e dos horrores - e aí não existe corpo que agüente. Os tais demônios são produtores de filmes, que ficam sendo exibidos em sessão contínua em nossa cabeça.(ALVES, 1998, p.51)

Para nós, entretanto, acreditar apenas na positividade dessas transformações da percepção, dessas novas possibilidades dos sentidos, é uma ingenuidade à que não temos mais direito, hoje, neste fim de século. Nunca a nossa percepção foi tão caoticamente solicitada, como agora. Nunca foi tão estimulada, dirigida, manipulada. Diariamente, milhares de chamadas simultâneas e fragmentárias, incidem sobre nós, à revelia de nossos desejos. O fragmentário, o descontínuo, o simultâneo, o caótico, se antes representaram rupturas inovadoras, porque romperam com uma linearidade de percepção que historicamente caducara, hoje, muitas vezes, representam pedaços de um quebra - cabeças que converge para uma imensa alienação de nossa capacidade perceptiva. A interminável manipulação de imagens banaliza as sensações e sensibilidades.

Estamos sendo muito pouco sujeitos de nossa própria percepção. Não mais pela ausência de sensações, não mais pelo antigo embotamento , mas agora pela saturação poluída ao extremo. Uma das originalidades do nosso tempo são as formas inovadoras de decadência a que somos submetidos, que nos são impostas pela sociedade urbana - tecnológica - industrial, a serviço do Capital e/ou do Estado.

A poesia precisa da imaginação, essa atividade de criar além da experiência, e de recriar a experiência. Sem o dinamismo criador do imaginário, sem as

constelações de imagens que revelam outro céu e outra terra, outro homem e outro destino, nas mais familiares paisagens do mundo, sem a imaginação criadora não existe poesia.

Santo Agostinho disse que “ povo é um conjunto de pessoas racionais unidas pelo mesmo sonho”. O Geraldo Vandré disse a mesma coisa, com poesia diferente: “ Caminhando e cantando e seguindo a canção.” É isso: há de haver uma canção que todos cantam e que indica o caminho. O Chico, nos anos de ditadura, esperto como ele só, falou de um jeito que os milicos não entenderam (milicos e cientistas são duros de entender metáforas. Sobre os milicos eu já sabia. Sobre os cientistas aprendi na última reunião da SBPC). Falou de uma *Banda*. “Estava à toa na vida, o meu amor me chamou pra ver a banda passar cantando coisas de amor.” [...] Mas foi só a *Banda* tocar para que cada um deles se esquecesse dos sonhos pequenos por amor ao sonho grande. Começaram a seguir a *Banda* : viraram povo. Um povo nasce quando as pessoas trocam seus sonhos pequenos (individuais) por um sonho grande (comum).

Um líder político é aquele que ajuda um povo a nascer. Mas um povo só nasce quando os indivíduos são seduzidos por um sonho de beleza. A beleza do sonho é a comida que mantém a vida do povo. (ALVES, 1998, ps. 63-64)

A poesia precisa das emoções. Sem o que pulsa e estremece a existência, sem a dança das paixões e dos símbolos sensíveis, não existe poesia. Sem as marés de ressonâncias dos sentimentos, sem uma sensibilidade fecundada e fecundante, não existe poesia. Sem a transfiguração das emoções, sem a alquimia do sensível não existe poesia.

A poesia precisa da razão. Precisa da lucidez que reconhece, da lucidez que nomeia, da lucidez que controla os rios de pulsões e de signos. A poesia precisa de educadores compromissados com a educação, para que a poesia não seja tratada como “primo-rico” apenas nas datas efemérides, que os educadores visualizem nos seus educandos não uma forma finita de ser, mas sim, formas infinitas de migração de idéias, formas infinitas de poder vir a ser, estabelencendo assim, um processo contínuo de transformação, de criação, de produção do conhecimento.

5 O CAMINHAR

5.1 A PESQUISA-AÇÃO E A POESIA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Já que navegar é preciso, acreditamos que o melhor caminho a ser percorrido para gerar conhecimentos no âmbito educacional seja o do ensino aliado a pesquisa, porque quando o ato de ensinar, de aprender a pesquisar para buscar respostas é efetivado, amplia-se um saber maior que ultrapassa os bancos acadêmicos por que está diretamente relacionado com o educado, com a sua realidade profissional vivida e a universidade passa a fazer jus do seu título de centro de apropriação do saber.

Nesse sentido, para legitimar nossas idéias, intencionalmente reproduzir o pensar de THIOLENT (1985,p.14), que diz que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Por este motivo, a pesquisadora atuando como docente na UNERJ (Centro Universitário de Jaraguá do Sul), na disciplina Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa, encontrou na pesquisa- ação os elementos necessários para responder seus questionamentos internos referentes à aplicabilidade e adequação da poesia como elemento articulador no ensino da Língua Portuguesa no Curso de Pedagogia, para poder percorrer o caminho que instrumentalize a pesquisadora e os educandos a aplicar a poesia no ensino da Língua Portuguesa de forma

integrada, participativa e prazerosa. Porque a pesquisa-ação é uma estratégia social, coletiva que viabiliza a prática inovadora no Ensino da Língua Portuguesa no curso de Pedagogia tendo a poesia como elemento articulador. Segundo THOLLENT (1985,p.16) alguns de seus principais aspectos a considerar na pesquisa- ação é a estratégia social na qual está fundamentada em seis principais aspectos:

1. há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
2. desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
3. o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
4. o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
5. há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
6. a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados.

Decorre daí, a preocupação com o processo ser maior do que com o produto, os dados serem coletados descritivos e orais por meio de fundamentação teórico-prática, troca de experiências e questionários abertos.

Na primeira fase metodológica da pesquisa- ação , a pesquisadora buscou parceria com seus alunos universitários do curso de Pedagogia do Centro

Universitário de Jaraguá do Sul – UNERJ, I Fase (30 sujeitos) e da VII Fase (21 sujeitos) para tentar solucionar o questionamento que a muito tempo rondava na sua mente, ou seja, como exercitar a poesia de maneira prazerosa contribuindo para que o aluno expusesse sua forma de pensar adquirindo criticidade e autonomia.

Escrever é um ato individual e solitário. É o momento em que se fecham as portas do exterior e se abrem as portas do mundo interior para nele o indivíduo mergulhar.

É essa tarefa não é tão simples. As pessoas não estão acostumadas a viver sós com seus pensamentos e sensações. Procuram-se, de uma forma ou de outra alternativas que favoreçam um contato mais constante com a realidade física ou social. Recorre-se a situações que conduzam a uma comunicação seja como emissor, seja como receptor. A própria tecnologia de comunicação (televisão, rádio, telefone, cinema) oferece aos indivíduos oportunidades para fugir a uma situação de solidão.

Se o “estar só” assusta as pessoas, é evidente que o ato da escrita poética, uma atividade essencialmente solitária, também assusta. Ao se colocar diante de uma folha em branco, o indivíduo perde um contato mais estreito com a realidade física e social e embarca só para um vôo em seu universo interior. (SARGENTIM, 1989, p.13)

Os primeiros passos a serem calcados pela pesquisadora, foram primeiramente de conquistar e reconquistar seus alunos universitários para aceitarem o convite de caminhar na estrada do fazer poético. Para tanto, primeiramente trouxemos para sala de aula a poesia de Oswaldo Montenegro: *Metade*⁵

METADE

Oswaldo Montenegro

QUE A FORÇA DO MEDO QUE TENHO
NÃO ME IMPEÇA DE VER O QUE ANSEIO
QUE A MORTE É TUDO EM QUE ACREDITO,
NÃO ME TAPE OS OUVIDOS E A BOCA,
PORQUE METADE DE MIM É O QUE GRITO,
MAS A OUTRA METADE, É SILÊNCIO.

QUE A MÚSICA QUE EU OUÇO AO LONGE,
SEJA LINDA, AINDA QUE HAJA TRISTEZA.
QUE A PESSOA QUE EU AMO,
SEJA PRA SEMPRE AMADA,
MESMO QUE DISTANTE.
PORQUE METADE DE MIM É PARTIDA,
E A OUTRA METADE, É SAUDADE.

QUE AS PALAVRAS QUE EU FALO,
NÃO SEJAM OUVIDAS COMO PRECE,
NEM REPETIDAS COM FERVOR,
APENAS RESPEITADAS COMO A ÚNICA COISA

⁵ A poesia *Metade* de Oswaldo Montenegro não apresenta referência bibliográfica por ser algo que a pesquisadora tem internalizado a muito tempo em sua mente.

QUE RESTA A UM SER
INUNDADO DE SENTIMENTOS.
PORQUE METADE DE MIM É O QUE OUÇO,
MAS A OUTRA METADE, É O QUE CALO.

QUE ESSA MINHA VONTADE DE IR EMBORA,
SE TRANSFORME NA CALMA E NA PAZ
QUE EU MEREÇO.
QUE ESSA TENSÃO QUE ME CORRÓI POR DENTRO,
SEJA UM DIA RECOMPENSADA.
PORQUE METADE DE MIM É O QUE PENSO,
A OUTRA METADE, É UM VULCÃO.

QUE O MEDO DA SOLIDÃO SE AFASTE
OU QUE O MEDO QUE CONVIVE COMIGO,
SE TRANSFORME AO MENOS
NUM MEDO SUPORTÁVEL.

QUE O ESPELHO REFLITA EM MEU ROSTO
UM DOCE SORRISO, QUE EU ME LEMBRE
DE TER DADO NA INFÂNCIA.
PORQUE METADE DE MIM
É A LEMBRANÇA DO QUE EU FUI,
A OUTRA METADE EU NÃO SEI.

QUE NÃO SEJA PRECISO MAIS
DO QUE UMA SIMPLES ALEGRIA,
PARA ME FAZER AQUIETAR O ESPÍRITO
E QUE O TEU SILÊNCIO
ME FALE CADA VEZ MAIS
PORQUE METADE DE MIM É ABRIGO,
MAS A OUTRA METADE É CANSAÇO.

QUE A ARTE NOS APONTE UMA RESPOSTA,
MESMO QUE ELA NÃO SAIBA
E QUE NINGUÉM A TENDE COMPLICAR,
PORQUE É PRECISO SIMPLICIDADE
PARA FAZÊ-LA FLORESCER.
PORQUE METADE DE MIM É PLATÉIA
E A OUTRA METADE, É CANÇÃO.

E QUE A MINHA LOUCURA SEJA PERDOADA
PORQUE METADE DE MIM É AMOR
E A OUTRA METADE, TAMBÉM.

Posteriormente, depois de falarmos a poesia para os alunos, pegamos o texto da poesia que trouxemos dividido em estrofes e pedimos para que os alunos formados em equipes pegasse aleatoriamente uma das tiras de papel que continha uma estrofe. Feito isso, as equipes tinham o compromisso de representar unicamente através de desenhos a estrofe que a equipe pegou. Distribuimos para as equipes os pedaços divididos em tamanhos iguais e dissemos para os mesmos que o que eles teriam que fazer era transformar a estrofe num quadro representativo.

Colocamos um CD de música clássica para ambientar, deixamos as equipes livres para discutirem o que e como eles iriam fazer, interferindo apenas quando solicitada. Tal atividade teve a duração de 4 horas/aula, na aula seguinte os alunos apresentaram os resultados da atividade. Depois fizemos um debate para sondar como os alunos se sentiram com esse tipo de contato poético. Verificamos por parte de alguns alunos que esse exercitar fora prazerosa e para outros não.

Nesse momento, a pesquisadora encaminhou um questionário para analisar e organizar os dados, com o intuito de obter respostas relevantes para poder dar continuidade ao caminhar. As perguntas encaminhadas foram as mesmas para as duas fases (I Fase e VII Fase do curso de Pedagogia):

Fase que está cursando: _____	
Experiência de Magistério: _____ anos	
Assinale com X o nível de atuação:	
<input type="checkbox"/>	() Educação Infantil
<input type="checkbox"/>	() Educação Especial
<input type="checkbox"/>	() Ens. Fundamental (séries iniciais)
<input type="checkbox"/>	() Ens. Fundamental (5ª a 8ª série)

1) Você considera importante trabalhar com Poesia no Ensino da Língua Portuguesa?

() Sim () Não

Por quê?

2) Quais as prioridades que você elenca para formar crianças produtoras de poemas?

Justifique:

3) Você encontra dificuldades para por essas prioridades em prática?

() Sim () Não

Explique

4) Quais os caminhos que você utiliza para superar essas dificuldades?

Como as respostas obtidas pelas duas fases ficaram semelhantes, re-analisamos as respostas e chegamos a conclusão que a problemática estava nos resquícios advindos das experiências estudantis dos alunos-universitários. Seguem abaixo alguns relatos:

I Fase

1) Você considera importante trabalhar com Poesia no Ensino da Língua Portuguesa?

() sim () não

Por quê?

Sim. Porque a poesia desperta o interior da criança e do adolescente. Expõe o real e o imaginário, a prática e a conquista, a descoberta e a construção. Os alunos aprendem a ver a própria vida escolar de forma diferente e desejada. Experiência de magistério – 4 anos Ens. Fundamental- séries iniciais(sujeito 03)

Sim. A Língua Portuguesa deve trabalhar textos diversificados e a Poesia é muito importante pois desenvolve a imaginação, a expressão do sentimento. Experiência de magistério-10anos Educação Infantil (sujeito 06)

Sim. A poesia ensina as pessoas a serem mais críticas, desenvolve a criticidade, faz com que possamos transformar em versos nossos sentimentos. Experiência de magistério-1ano Educação Especial (sujeito 07)

Sim. A poesia sai de dentro da pessoa. Mesmo que a pessoa não queira colocar no papel na forma de poesia, quando ela faz está introspeção, a poesia acontece. Experiência de magistério – não (sujeito 08)

Sim. Porque através da poesia podemos expressar nossos sentimentos. Sentimentos estes, desde o mais ingênuo , singelo até o mais irado...revoltado. Experiência de magistério- não (sujeito15)

Sim. Talvez através do que as crianças escrevem a gente percebe os problemas das crianças e assim também fazendo com que elas se interessem pela construção do texto e estimulando sua criatividade e seus sentimentos. Experiência de magistério- não (sujeito21)

VII – FASE

Sim. A poesia é uma forma de expressão que desperta sensibilidade, emoção e sobretudo uma visão mais aprofundada de combinação dos elementos da língua. Então, é importante na medida em que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir mais sobre aquilo que está lendo, ajuda a aprender a ver além das palavras. Enfim, nada como a leitura de uma poesia que tenha sentido para o aluno para fazê-lo ver a beleza que pode-se construir com palavras. Experiência de Magistério: 3 anos Ensino Fundamental -séries iniciais. (Sujeito 32)

A vida da criança é permeada de imagens, fantasia e sentimentos. A poesia também carrega em si tais propriedades. Nada mais convincente do que o trabalho com poesia, pois a mesma brota naturalmente. Basta o cuidado de não utilizar recursos moralistas ou com fins comemorativos apenas, pois a poesia precisa de liberdade de expressão. Não somente o trabalho no Ensino da Língua Portuguesa, mas tornar a poesia íntegra, independente de qualquer disciplina. Experiência de Magistério: 11 anos Educação Infantil (Sujeito33)

A prioridade é fazer a criança pensar pois elas estão acostumadas a receber tudo pronto. A criança para fazer um poema deve começar com algo que goste muito. Buscar na criança a sensibilidade, para que possa criar seu poema naturalmente. Experiência de Magistério: Nunca atuou. (sujeito 42)

Acredito que a criança deve ter contato com a leitura e conto de histórias e de poesias. Procurar conhecer o que elas sentem ou pensam ao ouvir uma poesia. Temos que levar em conta o fator idade para produção de poesias, mas o que não impede que as mesmas tenham contato com a literatura. Acredito que ninguém cria do nada é preciso vivenciar para a partir da experiência criar e transformar. Se a criança não for estimulada provavelmente e dificilmente gostará de escrever, pois isso depende do pensar e imaginar. Experiência de Magistério: 6 anos Educação Infantil. (Sujeito 45)

Sim. Ser leitora

- Criatividade
- Poemas de acordo com a idade da criança

Quando a criança é leitora com certeza ela será criativa nas suas produções. Experiência de Magistério: 12 anos Ensino Fundamental -Séries Iniciais. (Sujeito 50)

Oportunizar as crianças um trabalho com poesia, para que elas tenham gosto pelos poemas. Não só as poesias mas também as rimas, parlendas, trava-línguas, quadrinhas e textos poéticos em geral. Devem ser poesias gostosíssimas de ouvir, com ludicidade verbal e sonora, também musical, engraçadas e que mexam com os sentimentos e sobre assuntos que as crianças entendam e vivam no seu cotidiano. É importante que o professor use material concreto para ilustrar a poesia. O uso de poesias para desenvolver a linguagem oral e escrita faz com que a aprendizagem ocorra de uma forma gostosa, divertida e muitas vezes passa despercebida e vista pelas crianças como forma de brincadeira e de jogos ocorridos espontaneamente Experiência de Magistério: 17 anos Educação Infantil. (Sujeito 51)

Nessa primeira etapa, as respostas foram significativas, porque os alunos consideraram importante o ensino da poesia, mesmo os que apresentavam resquícios advindos das suas experiências educacionais e profissional. O caminhar poderia ser continuado, mas precisaríamos atentar para auxiliar esses alunos que apresentavam marcas educacionais quando tiveram contato com a poesia nos bancos escolares. Tarefa que a principio, foi muito difícil, havendo momentos que a pesquisadora estava a ponto de desistir por não saber qual caminho prosseguir.

No entanto, percebemos agora, que o melhor caminho percorrido foi o da conversa individual com esses alunos, porque foram nesses momentos que pudemos cutucamos nos ferimentos. Lágrimas, desentendimentos, superações ocorreram, mas acreditamos que se os ferimentos não foram totalmente cicatrizados pelos menos parcialmente o foram. Porque, em nenhum momento depois que esses alunos fizeram suas retrospectivas de seus tempos educacionais, recusaram-se a participar do caminhar.

No segundo questionamento, foi o momento em que os alunos relacionaram seu pensar relativo a poesia:

I Fase

2) Quais as prioridades que você elenca para poder auxiliar as crianças a serem criadoras de poemas? Justifique.

Primeiramente, o professor precisa ler bastante sobre o assunto, para ser algo acessível de seu conhecimento a fim de transmitir com clareza. Explorar bastante idéias antes de propor a elaboração do texto poético, incentivar tudo o que a criança produz. Quando o professor fizer as correções, fazê-las individualmente, procurando de uma forma singela dizer-lhe onde poderia melhorar, instigá-lo a despertar seus sentimentos. O exemplo da professora Ivana quanto a essa prática é ótimo. (sujeito 04)

Desenvolver leituras e provocar a criatividade através de questionamentos. Apresentar a poesia para os alunos para que ele conheça o jogo das palavras através da rima, brinque de dramatização poética. Acredito que as etapas citadas, devem ser valorizadas para que o aluno aprenda que qualquer palavra pode se tornar um ato poético que o faz expressar seus sentimentos. (sujeito 05)

Uma apresentação otimista desse tipo de texto. Apresentando a poesia através de várias formas; teatro, fantoche, desenhos... e principalmente valorizar as produções poéticas das crianças. Estimular o gosto pela poesia através dessas formas. O professor precisa gostar de poesia para poder passar esse gostar para seus alunos. (sujeito 09)

Deixar que criem poesias sem estipular quantidade, tema ou rimas. É através de pouco que começa a criar-se mais, ou seja, depois que eles estão mais íntimos, pode-se estipular (sem impor) temas. Acho que assim os alunos sentiram-se menos angustiados, menos obrigados a fazer, porque sentiram-se mais livres. (sujeito 13)

Promover o dia da poesia na escola, pedir (não impor) para que eles façam poesias e entre eles se apresentem com as poesias que eles criaram. (sujeito 15)

VII Fase

Desenvolver leituras e provocar a criatividade através de questionamentos. Apresentar a poesia para os alunos para que ele conheça o jogo das palavras através da rima, brinque de dramatização poética. Acredito que as etapas citadas, devem ser valorizadas para que o aluno aprenda que qualquer palavra pode se tornar um ato poético que o faz expressar seus sentimentos. (sujeito 05)

Uma apresentação otimista desse tipo de texto. Apresentando a poesia através de várias formas; teatro, fantoche, desenhos... e principalmente valorizar as produções poéticas das crianças. Estimular o gosto pela poesia através dessas formas. O professor precisa gostar de poesia para poder passar esse gostar para seus alunos. (sujeito 09)

Promover o dia da poesia na escola, pedir (não impor) para que eles façam poesias e entre eles se apresentem com as poesias que eles criaram. (sujeito 15)

Com as respostas obtidas, tivemos a certeza de que o exercitar poético poderia ser efetivado.

As respostas dos questionamentos da pesquisa de número 3 e 4, foram as que mais deram subsídios para que a pesquisadora pudesse dar sugestões na retirada das pedras que os sujeitos encontravam para exercitar a ato poético com seus alunos:

3) Você encontra dificuldades para por essas prioridades⁶ em prática?

I Fase

Sim. A maior dificuldade em sala de aula é de poder atender individualmente cada aluno, muitas vezes os outros ficam dispersos. Às vezes o tema sugerido pode ferir o aluno, trazendo-lhe lembranças tristes, ele poderá apresentar reações diversas, até mesmo com agressividade. Falta de concentração de alguns alunos atrapalham. (sujeito 4)

Sim. É difícil reter a atenção das crianças. (sujeito 7)

⁶ Prioridades que foram elencadas no questionamento número 2.

Sim. O início , o propiciar prazer para os alunos através da produção poética, é bastante difícil. (sujeito 8)

Sim. Tenho muita dificuldade par fazer poesia, tenho a idéia fixa que para criar poesias tenho que fazê-la com rima , isso me bloqueia impedem que expresse meus sentimentos. Por ter essa dificuldade, meu trabalho fica defasado. (sujeito 10)

Sim. Porque existem alunos que possuem enormes dificuldades para se abrir, esquecem que podem aprimorar seus conhecimentos. Até mesmo por eu querer mudar o modo de pensar de alguém num piscar de olhos. (sujeito12)

Sim. Acredito que encontraria dificuldades no início, até pela falta de prática nesta área. Seria difícil fazer com que as crianças entendam a importância das poesias. (sujeito14)

Não. Acho que sou um pouco privilegiado pois adoro ler e escrever , as idéias fluem com facilidade. Sei que o meu gostar influencia no escrever dos meus alunos. (sujeito26)

Não. Gosto de produzir textos, e leio bastante poesias, talvez porque fui educado de maneira a ler vários livros e a sempre buscar, pesquisar. Tento passar esse gosto para meus alunos e o resultado é muito positivo. (sujeito 27)

Sim. Porque eu tenho dificuldade em fazer poesias e acho elas muito profundas , é delicado comentar ou estimular a produção da mesmo, no meu caso pelo menos. Como poderei interferir se eu não consigo, tenho dificuldades tremendas em praticar? (sujeito 30)

VII Fase

Não. A forma como a estrutura física está disposta e a proposta pedagógica da instituição de ensino a qual atuo, favorecem os elementos acima citados. É claro que muitas vezes devemos nos perceber e nos auto-avaliar afim de priorizar todos os conteúdos necessários, dentre eles o trabalho com poesia. (sujeito 33)

Às vezes. Pois o ambiente externo querendo ou não de uma escola influencia muito. Ex: Você está desenvolvendo com os seus alunos uma técnica, onde elas devem tentar colocar suas angustias ou tristezas para fora. Aí inicia do lado externo da sua sala conversas, músicas alta, pessoa batendo bola na parede. Isto faz com que a criança se desconcentre e dificilmente ela consegue expressar seus sentimentos. (sujeito 35)

Não. Em geral as crianças são bem receptivas à prática de produção de poemas. Principalmente quando o professor tem tempo para elaborar atividades interessantes tanto para produção quanto para a interpretação. (sujeito 37)

Fazer campanha de arrecadação de livros, revistas e jornais na comunidade, antes porém informá-los e conscientizá-los da importância que isto tem para seus filhos; porque nem sempre o que a escola solicita é visto com bons olhos pelos pais. Justamente por falta de informação e conhecimento daquilo que seus filhos necessitam e é importante aprender (sujeito 40)

O trabalho com a poesia gera muitos tipos de brincadeiras. As rodas cantadas são também verdadeiras poesias, são rimas cantadas. A crianças brinca e ao mesmo tempo que canta está recitando poesias, fazendo rimas. Trabalhar com quadrinhas e fazer mímicas e dramatizações para a descoberta da palavra chave, também é um trabalho bom. Trabalhar com rimas de nome de objetos, trabalha com a imaginação, com o vocabulário e a descontração em sala de aula. Conhecer alguns poetas que apresentam inúmeros poemas para as crianças, auxiliam o professor para realizar um bom trabalho com poesias. "A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado." (José Paulo Paes). (sujeito51)

Os 51 sujeitos ao serem indagados sobre se tinham ou não dificuldades para por as prioridades que eles consideravam serem necessárias para o fazer, o criar poéticamente com seus alunos, 13 sujeitos se manifestaram dizendo que não tinham dificuldades, entretanto, 38 sujeitos disseram que tinham dificuldades. Esses 38 sujeitos passaram a ser meu público alvo. Porque não poderia e nem ficamos estáticos diante dessa problemática evidenciada.

Com o questionamento 4 que encaminhamos para os sujeitos, o ciclo pode ser fechado, e pudemos a partir daí fazer intervenções :

4) Quais os caminhos que você utiliza para superar essas dificuldades?

I Fase

Fundamentando a minha prática. (sujeito 8)

Deixando os alunos livres, expondo aos poucos, por etapas as várias formas de fazer poemas. Fazendo-os pensar no que mais toca seus sentimentos, pois poesia é isso: expressão de sentimentos. (sujeito 14)

Ter apoio dos professores e principalmente da direção do colégio. Ter uma pessoa para trabalhar o empenho do aluno ligado a essa área. (sujeito 15)

Nunca expondo o aluno a insegurança, ao ridículo. De início ir do jeito dele e depois fazer com ele se adapte as processo. Nunca obrigá-lo. (sujeito 21)

Os caminhos que eu utilizaria para essas dificuldades na minha realidade são os que estou fazendo, voltando aos bancos escolares (UNERJ) para me aperfeiçoar e poder transmitir aos meus alunos o saber apreendido. (sujeito 24)

Às vezes sozinha eu faço, escrevo poesia, mas as destruo por achá-la patética, ridícula e na maioria das vezes tento fugir desse modalidade da língua. Se não der pra fugir eu faço, mas sabendo e não acreditando que há beleza na poesia que faço. Tento não passar de a poesia de uma forma gostosa para que meus alunos nunca acreditem que o seu escrever é vazio. (sujeito 30)

VII Fase

O debate (a compreensão de que fala a poesia)

- A dramatização
- A música
- A repetição, a expressão corporal e facial (tornando-a mais atraente)

(sujeito34)

– Um deles é encontrar ambientes mais silenciosos e harmoniosos. Ex: perto do rio, árvores ou andar por uma rua calma

- Colocar músicas clássicas onde muitas vezes expressam agonia, tristeza ou alegria.

(sujeito 35)

1- Não desisto! Promovo sempre e sempre!

2 – Procuo me informar e me formar cada vez mais!

3 – Leio muitas poesias para eles! (Textos diversos)

4 – Encontros para declamações de poesias suas e de outros autores (sujeito 38)

É importante salientar que em se tratando de pesquisa-ação realizada dentro do espaço universitário, o processo requer negociação e conversação ético-profissional para o enfrentamento dos problemas durante a pesquisa e esta pesquisa somente pode ser realizada porque o Departamento de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Jaraguá do Sul – UNERJ deu-nos apoio total e irrestrito para que pudéssemos ousar.

Além das reflexões apresentadas, acreditamos ser providencial registrar as falas dos sujeitos que vêm reforçar o intuito estabelecido:

- A poesia no Ensino da Língua Portuguesa é fundamental para que o aprendizado seja produtivo e dinâmico. A poesia estimula o sentimento, o emocional do indivíduo fazendo com que ele desperta para expor suas idéias, suas emoções.(sujeito 12).
- É importante trabalhar com poesia no Ensino da Língua Portuguesa para as crianças terem mais criatividade e mais uma maneira para expressarem seus sentimentos em relação ao mundo e a tudo que lhes rodeia.(sujeito 17)
- A poesia é uma forma de expressão que desperta sensibilidade, emoção e sobretudo uma visão mais aprofundada de combinação dos elementos da língua. Então, é importante na medida em que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir mais sobre aquilo que está lendo, ajuda a aprender a ver além das palavras. Enfim, nada como a leitura de uma poesia que tenha sentido, para o aluno ver a beleza que podemos construir com palavras. (sujeito 32)
- Todas as formas de expressão através da arte, humanizam e completam o ser humano. Trabalhar com a poesia no ensino da Língua Portuguesa e mostrar às crianças a beleza das palavras, seu poder, seu fascínio... trabalhar com a poesia é sensibilizar à expressão criadora. (sujeito 36)

O ato cooperativo e/ou participativo para contribuir no ensino da Língua Portuguesa na Educação Superior no Curso de Pedagogia, tendo a poesia como elemento articulador, surge altamente desafiador e imprescindível na atualidade, porque, segundo BEHRENS (1999, p.65), seria ingênua e questionável a negação dos referenciais que caracterizaram o momento histórico que a civilização percorreu. Há, porém, a necessidade de avaliar os pontos positivos e buscar a superação dos flagelos que o paradigma técnico ocasionou no processo social, político, econômico e educacional. O que não se pode negar é que a fragmentação do ensino trouxe “uma ruptura, que foi consignada em duas instituições: o intelecto confiado às escolas, e a formação como responsabilidade da família”. Com essa dualidade, a escola isentou-se de incluir em seu processo pedagógico os valores, os sentimentos e a solidariedade.

Neste processo de construção, acreditamos que a aplicabilidade da poesia como elemento articulador no ensino da Língua Portuguesa possa suprir de maneira significativa tudo aquilo que a escola se isentou durante muito tempo, por considerar que valores, sentimentos eram inerentes ao processo educativo. Esquecendo-se que o ato educativo precisa ultrapassar o intelecto para realmente atingir o todo do ser humano.

A validação do nosso pensar, encontra-se nas palavras dos sujeitos pesquisados:

- Acho importante que as pessoas possam ter contato com a poesia, por que é através dela que podem expressar seus sentimentos na escrita. Apesar de achar um pouco difícil expressar-me na forma poética. (sujeito 19)
- A poesia possibilita o aluno pensar, refletir, criar, crescer intelectualmente. Estimulando a imaginação e a criatividade. (sujeito 23)
- Acredito que através da poesia muitos sentimentos são expostos e a partir daí podem ser trabalhados. Sentimentos esses muitas vezes profundo e complicado de entendê-los, interpretá-los apenas com a convivência em sala de aula. (sujeito 30).

É preciso que professor e aluno façam uso integrado, múltiplo da aquarela que envolve o ensino da Língua Portuguesa para conseguirem trocar os pincéis, pintar e repintar em imagens, porque somente assim construiriam e reconstruiriam novas possibilidades de degustar a poesia. Quando vinculamos o conhecimento ao fazer poético, a relação social educativa passa a ter e fazer sentido para o educando, porque acreditamos que o fio condutor significativo, imbuído das vivências da pluralidade, possibilita a apropriação do conhecimento, haja vista que o trânsito percorrido foi realizado de forma prazerosa.

5.2 AS ATIVIDADES DISCENTES E DOCENTES

Tendo como premissa o pensar de THIOLENT (1985, p.41), que diz ser freqüentemente discutida a real contribuição da pesquisa-ação em termos de conhecimento e que, na prática, nem todas as pesquisas-ação chegam a contribuir para a produção de conhecimentos novos, e que sejam quais forem suas orientações, nem todas as pesquisas particulares podem ter essa pretensão. Entre outras, muitas pesquisas de opinião se limitam a oferecer uma “fotografia” numérica do que todo mundo já sabia. Entre os objetivos de conhecimento potencialmente alcançáveis em pesquisa-ação temos:

a) A coleta de informação original acerca de situações ou de atores em movimento.

b) A concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas investigados.

c) A comparação das representações próprias aos vários interlocutores, com aspecto de cotejo entre saber formal e saber informal acerca da resolução de diversas categorias de problemas.

d) A produção de guias ou de regras práticas para resolver os problemas e planejar as correspondentes ações.

e) Os ensinamentos positivos ou negativos quanto à conduta da ação e suas condições de êxito.

f) Possíveis generalizações estabelecidas a partir de várias pesquisas semelhantes e com o aprimoramento da experiência dos pesquisadores. Segue abaixo os itens das atividades discentes e docentes realizadas na UNERJ (Centro Universitário da Região de Jaraguá do Sul).

1. O passo inicial a ser dado pelo pesquisador foi o de deixar os discentes do curso de Pedagogia – VII fase à vontade, para que pudessem expor, sem receio, suas idéias, opiniões e sentimentos com relação a aplicabilidade ou não da poesia no Ensino da Língua Portuguesa. Verificou-se que os discentes que apresentavam resistência à poesia, essa resistência era decorrente de resquícios advindos das suas experiências quando alunos do Ensino Fundamental.

Não gostaria que as crianças de hoje tivessem a mesma dificuldade que tive, por falta de incentivo. (sujeito 2)

Às vezes sozinha eu faço, escrevo poesia, mas as destruo por achá-la patética, ridícula e na maioria das vezes tento fugir desse modalidade da língua. Se não der pra fugir eu faço, mas sabendo e não acreditando que há beleza na poesia que faço. Tento não passar de a poesia de uma forma gostosa para que meus alunos nunca acreditem que o seu escrever é vazio. (sujeito 30)

2. Diante da centralização do problema evidenciado, a pesquisadora propôs reflexão por meio de fundamentação teórico- prática para trabalhar com a poesia em Língua Portuguesa. Primeiramente, assistimos os filmes: A História sem Fim, filme que resgata, o imaginário, a criação e o nosso acreditar enquanto pessoa. O Carteiro e o Poeta, momento do encontro do homem com a poesia e o filme Sociedade dos Poetas Mortos que trabalha o encontro da poesia entre professor e aluno. Analisamos através de conversação os filmes, nesse momento a pesquisadora surpreendeu-se com os depoimentos dados pelos sujeitos. Muitos deles se emocionaram ao comentar os filmes porque ao comentarem sobre o filme fizeram uma análise da sua prática docente, do seus medos adquiridos quando freqüentavam os bancos escolares. A pesquisadora lamentou não ter filmado esse momento para depois poder analisar as falas dos sujeitos e a sua própria fala. A

seguir, propusemos que os sujeitos distribuídos em equipes criassem uma releitura dos filmes através da dramatização. As dramatizações criadas pelos sujeitos revelaram criatividade, senso crítico extremamente aguçado. Foi um momento lúdico muito enriquecedor .

Posteriormente, a pesquisadora sugeriu textos a serem lidos, objetivando fundamentação teórica- prática. No momento de sugerir os livros, observou-se por algumas resistências para a leitura do que fora sugerido. Tivemos que provar por “A+B” a relevância que essa fundamentação teórica traria para suas práticas docentes. Os textos escolhidos pela pesquisadora foram: A poética do Espaço de BACHELARD, Formando Crianças leitoras e produtoras de poemas- JOLIBERT, O poema um texto marginalizado de BRANDÃO & MICHELETTI.

3. Seminário envolvendo as leituras efetuadas.

4. A partir daí, a pesquisadora e discentes elencaram as prioridades necessárias para contribuir na formação de alunos produtores de poemas. Tais prioridades aparecem amplamente explicitadas no próximo capítulo.

5. Com as prioridades elencadas, surgiu a preocupação por parte da pesquisadora de como efetivar essas prioridades?.

7. Das alternativas viáveis refletidas, resolvemos aplicar o processo-metodológico em sala de aula com os alunos universitários e instigá-los a aplicarem com seus próprios alunos. Em todas as atividades aplicadas a pesquisadora também participava. Uma das primeiras atividades que fizemos foi de recortarmos de revistas vários tipos de relógios. Conversamos sobre as questões que envolvem ter tempo para...

O tempo no seu ir e vir dos ponteiros,
estabelece a sentença
que carregamos no coração.

Tem a função magnânima
de revelar a identidade das pessoas
dos fatos.

Dando-nos o livre-arbítrio
para o afastamento ... para a aproximação.

De forma forte, sutil,
INTUITIVAMENTE,
sugere a repelência
ou a admiração.

O tempo no seu ir e vir dos ponteiros,
como guerreiro errante
viaja no vácuo
no limiar
de Don Quijote de la Mancha
a Mahatma Gandhi.

Sua sapiência
prescreve no hoje
o que queremos,
o que "merecemos" ser no amanhã!
Ivana Cavalcanti

O TEMPO

Passa dia,
Passa hora,
o que eu vou fazer agora?

Passa dia,
Passa, segundo,
o que eu faço neste mundo?

Passa dia,
Passa hora,
O tempo vai passando,
e sem querer vou pensando

Passa dia,
Passa segundo,
O tempo passa,
e eu me pergunto,
Por que existe tempo neste mundo?

Murilo Schunke-14 anos/ Davi Puerta Pereira de Oliveira-14 anos

7. Relatamos os pontos positivos e os que não produziram efeito por meio das dinâmicas colocadas em prática. Chegamos ao consenso de que para criar é necessário viabilizar um ambiente acolhedor, utilizarmos de recursos musicais, e que o professor exerce papel positivo quando também produz com o aluno;
8. Avaliamos o resultado da interferência, com o retorno das experiências ditas em debate pelos alunos-universitários com seus próprios alunos;
9. Analisamos o processo evolutivo da aplicação dos nove passos anteriores e resolvemos construir com os alunos universitários uma proposta metodológica que viabilizassem o encontro do homem com a poesia;
10. Depois de todos terem a tarefa de pesquisar e retornar com dados relevantes para fundamentarmos o fazer poético, resolvemos elencar etapas para a efetivação dessa proposta;
11. Seguindo um consenso, consideramos que as etapas do processo que se apresentam no livro *Oficina da Palavra* de autoria de Rosa Riche e Lucciane Haddad: desinibição, estímulo, criação seriam relevantes para os a produção do fazer poético. Na etapa de desinibição, aplicam-se técnicas de teatro, jogos, músicas e dinâmicas de grupo, que surtem efeitos esperados. Exercícios de ritmo, relaxação e respiração, que, além de atuarem como desinibidores, são capazes de aguçar os sentidos e a observação, tornando os participantes mais atentos, contribuindo para o desenvolvimento sensório-motor e para o equilíbrio corporal. “Acreditamos que, se sensibilizarmos as pessoas para o mundo que as cerca, elas se tornarão mais perspicazes ao lerem um texto, detectando-lhe os vários sentidos e percebendo-lhe as diferentes nuances”. (RICHIE&HADDAD,1988,p.12); na etapa de estímulo: entende-se que a força que provoca sentimentos, gera reações, ativa a

perspicácia, elementos capazes de impulsionar os recursos imaginativos, fundamentais para a formulação de um texto criativo. Jogos verbais- especialmente aqueles que trabalham com a palavra – de gravuras, propagandas, histórias, música. Explorar de início, a gravura pela facilidade que apresenta de captar a atenção: basta constatar o domínio exercido pela imagem no mundo contemporâneo. Partir, posteriormente, para a música, leituras de poesias. A estruturação lingüística passa pelo caminho que parte da palavra, passa pela frase e chega ao texto. Nesse sentido, são apresentadas atividades que envolvem o diálogo, trabalhando a linguagem oral, aprimorando a capacidade de observação e aguçando a sensibilidade do aluno, o ato de contar histórias, até chegar no objetivo primordial, a poesia, destacando o caráter lúdico, seu ritmo, suas rimas;

12. Seguindo essas 3 etapas, cada aluno-universitário teria que reaproveitar uma técnica do seu conhecimento adaptando-a ao objetivo traçado e à realidade de seu educando;

13. Momento de socialização, troca das experiências do resultado da etapa12. Foi um momento extremamente proveitoso, percebemos uma euforia, um desejo de querer trocar experiências muito grande, fator que surpreendeu positivamente a pesquisadora.

14. Resultante dessa socialização positiva que surgiu a idéia da realização de uma socialização maior, ou seja, realização de um evento que alunos-universitários declamassem suas poesias ou poesias criadas pelos seus alunos no espaço universitário.

15. Resolvemos estruturar um de Regulamento para a realização do evento poético, coletamos vários modelos de regulamento, discutimos primeiramente

em pequenos grupos e depois no grande grupo escrevemos o regulamento definitivo.

Concurso de Criações Poéticas

Regulamento

I – Da Organização e Seus Fins

Artigo 1 - A direção, organização e a realização do Concurso de Criações Poéticas estão a cargo de uma Comissão Organizadora composta por docentes e discentes.

Artigo 2 – O Concurso de Criações Poéticas tem por objetivos:

- Desenvolver o gosto pela poesia;
- Despertar novos valores na arte de compor; e interpretar;
- Estimular e incentivar o hábito da leitura;
- Promover a integração UNERJ - Comunidade;

Artigo 3 - O concurso de Criações Poéticas da UNERJ , obedecerá às normas estabelecidas no presente regulamento

II – Do Local e Data do Concurso

Artigo 4 – O concurso de Criações Poéticas será realizado no final do semestre, tendo como local o Auditório da UNERJ.
apresentar-se-ão as categorias A.,B C,D,E

III – Dos Participantes

Artigo 5 – Poderão inscrever-se no Concurso de Criações Poéticas, alunos- universitários e alunos do Ensino Fundamental e Médio, desde que satisfaçam todas as condições exigidas no presente regulamento.

IV – Das Eliminatórias

Artigo 6 – Cada fase do Curso de Pedagogia realizará eliminatórias internamente, selecionando 3 candidatos para o final.

Artigo 7 – Cada fase poderá participar da final do Concurso com 3 candidatos (as), concorrendo em igualdade de condições em cada categoria.

Artigo 8 – Para efeito de participação, os candidatos deverão inscrever-se numa das seguintes categorias, de acordo com o série que o candidato atua profissionalmente.

1. Categoria A_ Pré-escolar
2. Categoria B_ 1ª a 4ª série
3. Categoria C_ 5ª a 6ª série
4. Categoria D_ 7ª a 8ª série
5. Categoria E_ 2º grau

Artigo 9 – As inscrições serão gratuitas, mediante preenchimento da ficha de inscrição assinada pelo Chefe de Departamento do Curso e Professor(a)/ responsável (quando o candidato se enquadrar nas categorias A,B,C,D e

As inscrições da categoria Livre serão assinadas pelo Chefe de Departamento

Artigo 10 – As inscrições dos candidatos, deverão ser feitas obrigatoriamente na secretaria do curso.

Artigo 11 – Por ocasião da entrega da ficha de inscrição, deverá ser anexada uma cópia digitada da poesia a ser declamada.

Artigo 12 – É indispensável preencher todos os campos da ficha de inscrição.

Artigo 13 – No ato da assinatura da ficha de inscrição devidamente preenchida, o candidato(a) ou seu representante legal concorda com o presente regulamento.

VI – DOS CRITÉRIOS DE JULGAMENTO

Artigo 14 – Os critérios a serem julgados serão:

Artigo 15 – Ao julgar o (a) candidato (a) o jurado observará:

a) Interpretação: A expressão corporal do candidato(a) e os sentimentos que o mesmo consegue transmitir ao declamar a poesia.

b) Entonação: A capacidade que o candidato(a) apresentar em recitar a poesia em voz alta, respeitando a pontuação existente, com fluência e coerência.

c) Clareza: A capacidade do candidato em declamar a poesia com boa dicção, articulando corretamente os fonemas de maneira audível e compreensível.

d) Segurança: A desenvoltura e desinibição com que o candidato(a) irá declamar a poesia.

e) Produção do Texto: A criatividade, organização de idéias na elaboração do texto poético.

VII – DA COMISSÃO JULGADORA

Artigo 16 – O número de jurados será composto de 5 pessoas que atribuirão nota de 05 (cinco) a 10 (dez).

Artigo 17 – Os jurados serão escolhidos pela Comissão Organizadora, observando-se os aspectos na escolha como, idoneidade e notório conhecimento.

Artigo 18 – Os jurados são soberanos e suas avaliações e os resultados são irrevogáveis.

VIII – DOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE

Artigo 19 – Em caso de empate, sairá vencedor o candidato(a) que obtiver maior soma de pontos no critério Produção de Texto , permanecendo o empate, observar-se-á, pela ordem, os critérios: a,b,c,d.

IX – DA DIVULGAÇÃO DO RESULTADO

Artigo 20 – Os resultados serão divulgados, após o término das declamações.

X – DA PREMIAÇÃO

Artigo 21 – Serão premiados:

Colocação	Prêmio	Categoria
1º lugar	medalha	A, B, C, D , E , Livre
2º lugar	medalha	A, B, C, D , E , Livre
3º lugar	medalha	A, B, C, D , E , Livre
4º lugar	medalha	A, B, C, D , E , Livre
5º lugar	medalha	A, B, C, D , E , Livre

Parágrafo único: Os valores financeiros de que trata este artigo serão definidos posteriormente.

Artigo 22 – Todos os alunos participantes como compositores, declamadores, receberão Certificado.

XI – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 23 – A UNERJ oferecerá aos candidatos local adequado, som e sistema de iluminação.

Artigo 24 – A poesia será reproduzida e distribuída ao público presente, favorecendo a leitura visual e auditiva, o recolhimento e a concentração necessária.

Artigo 25 – A seqüência das apresentações será por ordem alfabética, levando-se em consideração o nome do compositor em cada categoria.

Artigo 26 – Os casos omissos neste regulamento serão analisados pela Direção da Escola.

Jaraguá do Sul, 30 de novembro de 2000.

Ivana Cavalcanti
Coordenadora do Evento

16. Criação de concurso para a escolher o nome para o evento, essa etapa gerou bastante discussões porque uns queriam que o nome para o evento fosse realizado através de um concurso entre os alunos do curso de Pedagogia, outros queriam que os participantes fossem os seus alunos e outros queriam que o concurso tivesse a participação dos alunos de Pedagogia juntamente com os seus alunos. Optamos pela alternativa do concurso ser realizado com a participação dos alunos do curso de Pedagogia.

17. Criação de logotipo para o evento; a criação do logotipo ficou ao encargo da professora pesquisadora que delegou a função para o artista plástico: João Costa. O mesmo através de palavra e desenho representou visualmente a marca do evento.



18. A pesquisadora percebeu que a proposta de exercitar o fazer poético no ensino da Língua Portuguesa na Educação Superior tinha surtido efeito, haja vista que os sujeitos, mesmo tendo ciência de que os itens 15,16,17, não poderiam ser aplicados por eles, falo isso, porque a fase que se empolgou, que deu a idéia de fazermos as etapas dos itens 15,16,17 foi a VII fase; a I fase aceitou o convite para participar e mesmo assim, encerrando suas vidas acadêmica, estavam preocupados em realizar a tarefa, como culminância do processo educativo.

As atividades ilustradas à seguir, foram atividades iniciais e a realizamos com o intuito de despertar a sensibilização, provocar os sentimentos.

a) Primeira a atividade envolveu a desinibição: a pesquisadora trouxe algumas ilustrações de pombos, discutimos sobre a função que os pássaros, em especial os pombos exercem em nossas vidas , tipo: pombo correio, pomba da paz... no estímulo a sala foi dividida em equipes cada equipe tinha que criar e apresentar para a sala através do recurso da mímica um pombo exercendo alguma função; na etapa da criação: questionamos se a poesia fosse uma coisa, um ser e estivesse na frente deles, naquele exato momento como seria esse encontro poético. A seguir, são apresentados alguns textos produzidos pelos alunos.

Pombo
 Estou triste, esta tristeza de verdes musgo, a parede da escola, pintada deixou

Triste saudades partidas...
 Tenho saudades, dos meus últimos poemas que na vida escrevi.
 Não mais poderei encontrar o pombo pintado, que gostava de alegria e vê o velho com olhos tapados sentindo suas pernas moídas de dor.
 Fugiu do pombo e azul da tristeza, mas sua boca é alegre e cheia de esperança e amor.

James Dellung

VEJO AZUL, ESCREVO POEMAS,
 O POMBO PINTADO NA PAREDE,
 CHEIO DE MUSGOS ENCONTREI,
 NUMA VIDA, BOCA TRISTE E ALEGRES.
 O MORRO NÃO É O QUE PODEREI FUGIR,
 MAS A TRISTEZA SENTI.
 TENHO PERNAS SINTO AS SUAS.
 SINTO; GOSTO;
 MAS, MEU CORAÇÃO...
 CHEIO DE TRISTEZA
 ESTE É MAIS UM DAS VELHAS PARTIDAS
 QUE A VIDA TEM.
 E O ÚLTIMO POMBO CHEIO DE ALEGRIA
 NA ESCOLA REPOUSEI.

Poesia escrita pela aluna M^{te} do Carmo Alves, durante uma atividade em Metod. da Língua Portuguesa na VI^{ta} de Pedagogia. Prof^a Ivana.

ENCONTREI POEMAS.

Encontrei poemas na última tristeza,
 Alegria, velha saudade sentada em mim,
 No coração apenas,
 A tristeza pintada sem fim.



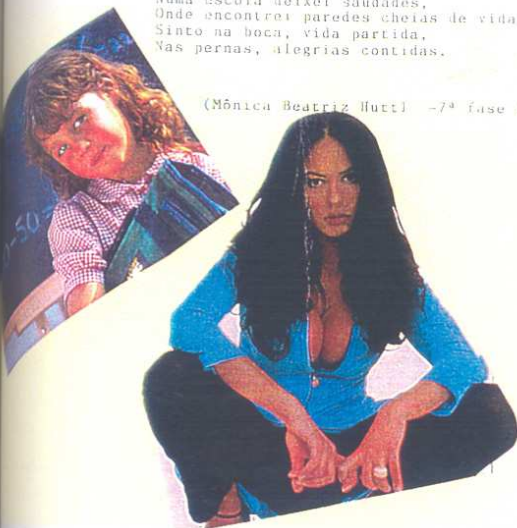
Naquele morro verde musgo,
 Vejo a vida mais azul,
 Fugiram da boca, meus poemas,
 Partindo triste um sonho a voar.



Estou triste com a sua partida,
 De mim fugiu o azul da vida,
 Meu coração tapado de tristeza,
 Não poderá mais sentir alegria.

Numa escola deixei saudades,
 Onde encontrei paredes cheias de vida,
 Sinto na boca, vida partida,
 Nas pernas, alegrias contidas.

(Mônica Beatriz Hurt) - 7ª fase Pedag.



Lembranças

A vida é mais do que partidas.
 Poderei triste, sentado, numa escola de azul e verde
 pintado olhar o mundo.
 Vejo suas paredes e escrevo onde sinto este último azul
 tapado na boca triste que encontrei.
 Este velho pombo triste saudade, tristeza deixou.
 Não gosto, mas tem o coração triste que fugiu mas
 encontrou a sua alegria.
 Mas tenho dos poemas grandes lamentações e do pombo
 que vive no morro grandes recordações.

Denise Schiochet

O POMBO



QUANDO ENCONTREI VOCE
SENTI QUE A ALEGRIA
ESTAVA EM MEU CORACAO
E A TRISTEZA PARTIU
DEIXANDO APENAS SAUDADES.

ESCREVO ESTE POEMA
PINTADO DE AZUL
A ESCOLA ALEGRE
PINTADA DE VERDE
SINTO EM MIM
SUAS PERNAS VELHAS
CANSADAS E TRISTES.

VEJO A VIDA MAIS AZUL
COMO UM PAPEL DE PAREDE
GOSTO DE ALEGRIA
A TRISTEZA FUGIU
MAS A TRISTEZA FUGIU
POMBO PODEREI SER O ULTIMO
CHEIO QUE MORRA NO MUSGO
DE ESPERANCA AZUL
ESTA ALEGRE
PORÉM NUMA TRISTEZA TAPADA.

Melissa Peduett

Viagem

Estou na escola
Sentado e velho
Morro de saudades
No seu coração
Mas escrevo poemas
Da vida
Encontrei a alegria
Que tem as verdades
Cheias de vida
Mais alegria
Não tristeza
Gosto de verdes musgo
No azul
Vejo apenas o pombo
O último pombo
Sua alegria
Sinto sua tristeza
Fugiu

Odete Maria Nardelli Tomaselli

O último poema

No último poema que escrevi, senti uma tristeza imensa por estar fugindo da vida alegre e cheia de encantos a qual sinto saudades.

O meu coração hoje não mais contempla os verdes muros e o céu azul onde sentado encontro-me.

A escola está triste, o último pombo que todo dia pintava o céu com alegria, também fugiu.

E eu sentado estou, observando as paredes da escola todas cheias de musgo. A vida olhando assim parece triste. Sinto-me triste.

A vida cheia de encantos a qual vivia, está se esvaindo. As minhas pernas assim como meu coração já não conseguem forças para viver.

Sinto que não poderei mais escrever. A minha boca está tapada, não consigo sentir o gosto de...

Estou velho...
Estou morrendo...

Edilécide Oliveira Freitas

Saudades

Em mim saudades deixou,
 vida de escola.
 Teu velho, sinto a tristeza
 dos alegres tempos.
 O musgo na parede
 pintada de azul.
 Os verdes morros
 mas encontrei tristeza.
 Alegria do pombo azul, fugiu.
 Pombos,
 não está mais lá,
 não vem comigo.
 Meu coração,
 partido,
 não pode,
 viver mais vida.
 Mas alegres
 poderei e gosto de escrever.
 Meu último
 poema tenho lembranças suas.

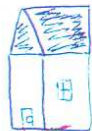


SAUDADES... TRISTEZAS... ALEGRIAS...

ESTOU SENTADO, NÃO NA ESCOLA, MAS APENAS
 ESCREVENDO O ÚLTIMO POEMA...
 TRISTE COMO O POMBO QUE FUGIU,
 ALEGRE, VEJO O MUSGO VERDE DO MORRO.
 GOSTO DO AZUL PINTADO, AZUL DE SEUS OLHOS
 E, NUMA VELHA ALEGRIA, TENHO ESTE
 MEU CORAÇÃO PARTIDO, CHEIO DE VIDA, MAS
 TAPADO PELAS TRISTEZAS QUE ENCONTREI.
 SINTO SAUDADES DO GOSTO DE SUA BOCA EM MIM
 PODEREI DEIXAR A VIDA, ESTOU ALEGRE, MAS
 CHEIO DE TRISTEZA.
 MAIS UM POMBO TRISTE...

A tristeza

Sentado na escola
 sinto saudades
 Que tristeza
 Vejo o azul e verde
 A parede
 Meu velho pombo
 Apenas musgo
 A alegria onde está?
 Está tapado
 Triste
 Nunca poderei fugir
 Este azul pintado
 em poemas
 Tem sua vida
 Mas tenho penas
 Estou triste
 A vida encontra
 Mas este coração
 Triste e alegre
 Na boca do pombo
 Deixou o último suspiro
 É meu alegria
 Gosto de muito
 De mais escrever
 Que meus ao encontra
 Que não é partidar
 Da meus meus
 E dos meus
 Com meus meus



Adriane Mallini

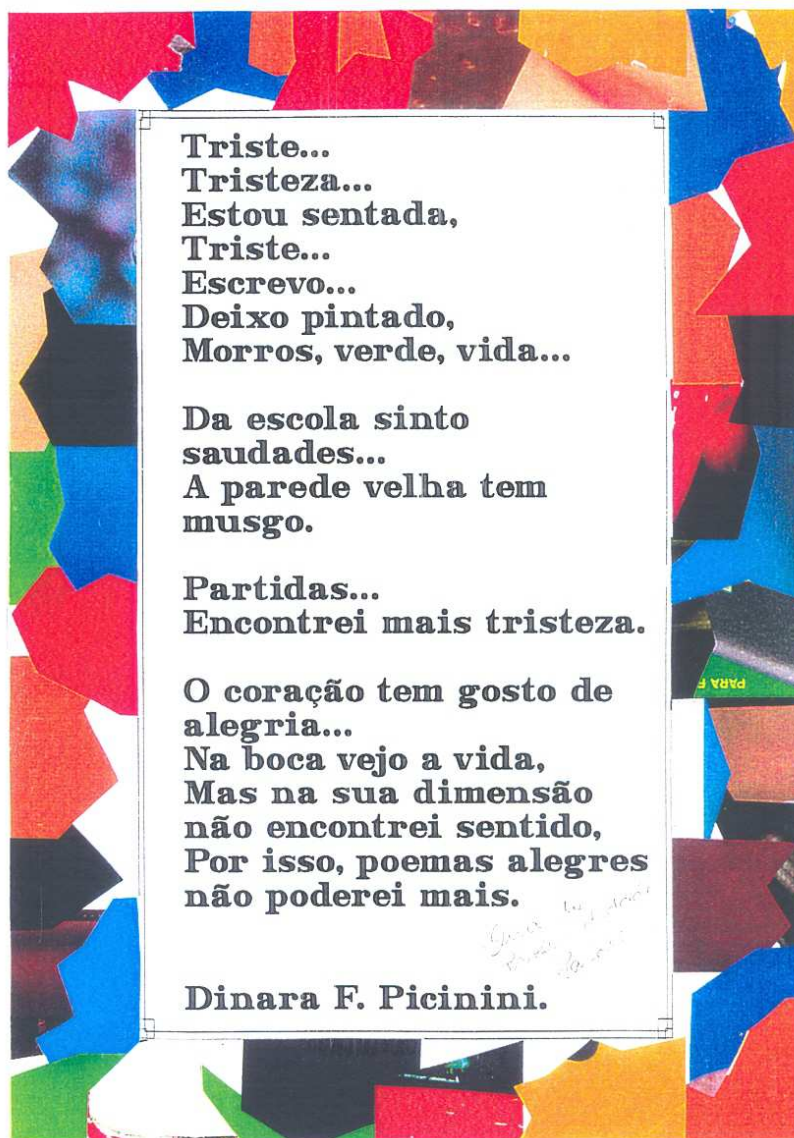
b) esta atividade foi desenvolvida no que sempre acreditamos, ou seja, o professor sempre precisa aprender a sentir a temperatura da sala. No dia que desenvolvemos esta atividade a pesquisadora havia se programado para realizar uma outra atividade, o oposto desta, mas como as fases do curso de Pedagogia estavam como o tempo naquele dia chuvoso, colocamos um CD e mergulhamos no nosso interior. O resultado dessa caminhada, apresenta-se a seguir.

Há um silêncio interno...profundo
nessa madrugada.
O cenário é desmoldurado
com o barulho da chuva
deslizando suavemente na janela.

O percorrer da água
feito dançarina exótica
rompe as barreiras
flui no universo transcendental.

O ato involuntário
de exeder-se, de ultrapassar
Corrói corpos
Emerge almas.

O que era silêncio, obscuridade
alquimicamente deflagram-se
Num prazeroso "sugar"
de energias...
de vida!
Ivana Cavalcanti



No jardim da vida
há um casulo
gerado pelo medo,
concebido pela dor.

O casulo não vê, não *enxerga* a vida.
Apenas ... sobrevive apaticamente
com a escuridão da solidão.
Solidão do pensar,
do agir,
do sentir.

No jardim da vida
há uma sofrível transformação.
Lágrimas foram expulsas, expelidas ...
sufocando a terra.
Tornando-a um imenso lamaçal.

Ele tentou tolher a lei imutável da vida,
do processo metamorfofísico.
Todavia, languidamente converteu-se em larva.

A larva em estado completo de transe
Arrastou- se
para o "cântico" do lamaçal.

O ato de rastejar
ralou a forma,
mutilou a alma.
Sorratamente
instaurou a inércia do ser.

O que era casulo, o que era larva
leprosammente degenerou-se no tempo,
no espaço,
na alma.

A instauração excessiva do sofrer
gerou instabilidade.
Instigou a reinstauração do ser,
a ressurreição da alma.

Hoje,
o vento sussurra (desprendido por entre as flores)
a vaga lembrança dos tempos de casulo ,de larva,
para a **BORBOLETA**
que voa **AUTÔNOMA** sobre o jardim.

IVANA CAVALCANTI



Criança

Não precisa ser poeta
para falar de criança,
basta olhar ao nosso redor e observar,
observar os mais lindos rostinhos de criança.

Se falarmos de amor, estaremos falando
de uma criança, pois o amor começa
sorriso de uma criança.

Neles estão retratados o amor
de Deus pai por nós.
simples, meigas, sinceras, amorosas,
dependem de nós para crescerem,
procuram por nós quando sentem medo.

Desde as primeiras lágrimas
até as mais engraçadas brincadeiras,
tudo nelas tem o doce ar de canção.

Onde houver uma criança,
há felicidade.

Com seu sorriso, aprendemos também a sorrir.
com sua presença, sentimos a presença de Deus
querem apenas de nós, carinho e compreensão,
oferecem a nós, as mais puras emoções.

Ela é um pouquinho de Deus,
esperança do amanhã.
eterna certeza de que o amor,
nunca morrerá.

Sandra Regina Doege

As próximas atividades são poesias de alunos da Ed. Infantil a Ensino Médio, ao ler as poesias, percebemos que há vários caminhos que o professor pode utilizar para preparar adequadamente o aluno para o processo de produção de um texto poético: dramatização, debate, desenho, sensibilização. A escolha de uma dessas estratégias depende, em princípio, da proposta do fazer poético.

Viajando para Itália - Jardim

Construímos um jipe
Com a ajuda do Felipe,
Para viajarmos a Beluno
Onde mora o amigo Bruno!

Na viagem foi o Denis
Usando seu novo tênis,
Foi também a Mayara
Que levou sua arara!

Em Beluno vimos Pedro
Da cidade era o pedreiro,
Conhecemos a Janaina
Que tomava água cristalina!

Na lanchonete estava Juliana
Que comia uma grande banana,
Encontramos a Nathalia
Que comia pizza e cai migalha!

De repente ouvimos o Augusto
Dando um grito de susto,
Quando avisou o Guilherme
Sai, olha o verme!

A Natureza- Pré- escola

As rosas são vermelhas
E as violetas azuis
O copo de leite é branco
A margarida é amarela

Todas as rosas são bonitas
A onze horas é roxa
A grama é verde

Todas as árvores são bonitas
A água é alimento para as flores
O sol é amarelo
E as nuvens são azuis

A luz do Sol
Aparece em todo o país
Os pássaros são bonitos
E as abelhas pegam mel da plantinha

E a nossa professora
Com sua vassoura,
Bateu no bichinho
Oh, coitadinho!

Só não foi neste passeio
Porque estava com receio
Nossa amiga Roberta
Que ficou dormindo
Debaixo da coberta.

Ziraldo – alunos 1ª série

Ziraldo nos encantou
Com seus livros e histórias.

Encheu nossos corações
De alegrias e fantasias.

Ziraldo pensa em tudo!

Seus livros falam de gente,
De bichos, de letras
E de coisas que nos
Tocam profundamente.

Com Ziraldo
Aprendemos a ler, a escrever
E construir novas histórias.

Família

Juliana Bizzatto- 9 anos

Pai
Mãe
Filho ou filha
Significa uma família.

Pai trabalha
Mãe faz comida
Filho apronta
Filha assobia

Isto não importa
É uma família
Uma das mais simples
Que eu queria.

A sementinha

Bruna Cristina Gadotti – 8 anos

Era uma sementinha,
Que vivia apertadinha,
Muito ajeitadinha.

Ela gostava da terra bem gordinha
E muito fofinha.

Certo dia a sementinha,
Virou uma plantinha,
Muito engraçadinha.

Esta mudinha,
Gostava de dar sua crescidinha,
Para ficar cada vez mais bonitinha.

Palavras

Mariana Voigt Schwartz- 11 anos

Elas são as protas para
nossos sentimentos,
com elas nos comunicamos,
mos livramos de alguns tormentos.

Algumas saem sem querer,
e de vez em quando,
fazemos alguma
pessoa sofrer.

Várias palavras nem deviam ser faladas
as coisas assim, seria mais fáceis,
pelo menos as pessoas não teriam
como ficar zangadas.

Que bom existem palavras boas,
uma delas é a lealdade
E vou dizer com todas as palavras:
Que vom que elas existem
para a nossa liberdade.

Solidão

Christine Meder- 12 anos

Solidão lembra ódio
Lembra saudade
Lembra tristeza.

Solidão...

Solidão lembra o mar
Lembra a chuva
Lembra a tempestade.

Ó solidão...

Se tu soubeste como és má
Como nos fazes sofrer
Como nos fazes chorar.

As lágrimas que rolam sobre meu rosto,
Que por causa de ti existem
São sinais de lembranças passadas.

São sinais de alegrias passadas.
De risos passados
De muito amor
De muita confiança.

Mas com tua chegada
Solidão, me fizeste sofrer
Me fizeste ter ódio
Me fizeste ter saudade.

Vai embora solidão
Que meu coração não agüenta mais
Deixa-me em paz
Deixa-me viver!

Contradição

Alexandre Schimidt- 13 anos

A polícia quer prender a polícia
mas nem cadeia tem.

O governo quer cobrar imposto
só para o governador
comprar aquele carro importado
a escola quer ensinar
mas o aluno vai pra escola só pra comer

O drogado quer parar
mas a seringa ele não quer soltar

O cidadão quer trabalhar,
mas não tem emprego

Poluição

Camilo Vargas Junior- 12 anos

O homem causa a poluição
sem amor no coração.
desmata sem pensar,
sem saber o que isso pode causar.

Polui o ar
e joga lixo no mar.
faz do planeta Terra,
uma bola de mascar.

Na beira do rio
muitas árvores não há mais,
o barro se soltará,
e a água limpa acabará.

O homem joga lixo no rio,
os peixes vão comer,
pessoas comem os peixes
com risco de morrer.

Mas ainda há esperanças...
educar bem as crianças,
para hoje garantir
o futuro sem poluir.

O pedreiro quer almoçar
Mas o salário não chega

O presidente quer viajar
E aqui nós vamos ficar

Nesse mar de injustiça e desigualdade.

Versos de Tristeza

Kênia Mara Gaedtke- 13 anos

Não sou nada.
Nunca serei nada.
E não ficarei a imaginar
Que um dia serei algo
Porque jamais serei.

Olho o mundo.
Pobres mortais
Caminham contentes
Como se pudessem adiar
A hora da morte.

Olho para mim.
Um ser fútil,
Que já caminhou, já sorriu,
Já foi feliz,
Já amou.
E agora, sobrevive apenas,
Com sua inocente esperança.

Ah! Esperança...
Única palavra que me faz sobreviver
(Única palavra que faz a faca
Permanecer na gaveta,
E não cravada no peito).

A tristeza passou a ser
Minha companheira fiel,
Felicidade?
Nem ao menos
Lembro como ela é
Mas tenho certeza
De que já fui feliz.
E sinto falta.

À noite

Jaqueline Alves- 13 anos

À noite,
Da minha janela,
Observo os dons da natureza,
As estrelas que brilham
Formando um céu alegre e bonito

Da minha janela,
Vejo cometas,
Que me fazem refletir sobre
Meus sonhos jamais realizados.

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Sinto a cada dia
A morte mais próxima.
Mas não sinto medo.
Apenas alívio.
Existe coisa mais simples
Que a morte?
O corpo tomba na terá,
E a história
Simplesmente se encerra.

Lágrimas correm
Quando a morte chega.
Comigo não seria assim.
Não mereço lágrimas,
Não mereço amor,
Não mereço nada.

Sou apenas mais uma,
Entre milhões que necessitam de paz.
Falhei em tudo.

E hoje estou vencida,
Incapaz de levantar.
Fui forte,
Enfrentei muitas pedras no caminho,
Mas desisti.
Covarde?
Sim, sou covarde.
É fácil ser covarde.

Mas acabou.
Não posso ser nada.
Não sou nada.

Quando vejo
Aquela imensa bola brilhante
Pergunto a mim mesma:
Que sentindo minha vida teria
Se não fosse a alegria
Que essa paisagem irradia?

Ao observar esse lindo céu
Penso que algum dia
Eu irei estar lá,
Perto das estrelas e cometas
E aqui na terra
Terá uma pessoa
Me observando
Pensando em seu destino e sonhando...

Vida

Felipe Brosele-14 anos

Me sinto angustiado nessa vida monótona.
 Me sinto como se estivesse eu um mundo escuro
 cercado por pessoas
 desconhecidas encarnadas
 em minha mente dizendo o que eu devo
 ou não devo fazer.
 Pessoas que controlam o meu destino,
 tentando me dizer qual é a minha missão
 aqui na terra, mas não conseguem.
 Apenas sei que essas pessoas
 querem me levar ao extremo,
 para que eu consiga tudo que desejo,
 mas em troca que eu cumpra
 a minha missão aqui na terra, que ainda não sei.
 Viver anos e anos de angústia,
 sem ao menos ter um significado,
 vivendo eternamente em um tempo clássico
 de rosas e trovões.
 A vida se relata em um livro
 com poucas páginas .
 uma vida curta e trágica,
 com muita dor e sofrimento.

Imaginando

Leila Carla Muller- 15 anos

Sentada na beira do mundo
 posso ver o início,
 o fim da vida.

Sentada em baixo as estrelas
 posso ver o quanto,
 você me ilumina.

Sentada ao som da música
 posso ouvir o vento,
 sussurrar esperança.

Posso imaginar
 como será o mundo,
 sem o início e o fim.

Posso imaginar
 como seria o ce,
 sem a luz das estrelas.

Posso imaginar
 como seria a música,
 sem o sussurro das estrelas.

Mas nunca poderei imaginar
 como seria a minha vida,
 sem a sua.

Sinais Vitais

Gabriela Neves-14 anos

Eis aqui, o relato da vida:
 De um ser nascemos
 Como seres vivemos
 E como todo ser humano,
 Amamos...
 Amamos o impossível,
 O irreal,
 Aquilo que de mais difícil existe.
 Por quê?
 É a lei da vida?
 Sofrer por amor?
 E assim quando conseguimos...
 Barreiras e obstáculos
 nos contradizem; NÃO!
 Não, não porque não?
 Por que alguém não quer?!
 É inoportuno?
 Porque o mundo esbarra no futuro!
 Globalização, tecnologia, modernismo...
 Isso é viver?
 Nada seremos
 se o nosso coração não amar,
 se não nos entregarmos ao amor,
 mesmo entre conflitos,
 certos e errados,
 É preciso amar!
 Se o amor é tão complicado,
 por que todos amam?
 A incógnita da vida
 É ser como a matemática:
 O x, talvez sejamos nós,
 O y, um novo amanhã,
 E o resultado?
 O resultado...
 Ame, sofra, lute...
 Somente quem realmente amou,
 Conseguirá resolver
 Esta equação da vida.

Devaneios Insóbrios

Tiago Hoerbe Degrandi- 17 anos

Sustentando por magníficas asas
 Um pássaro desce dos céus.
 Um pássaro
 Ou meus olhos me traem?
 Com graça e beleza nunca vistas.
 Uma moça isenta de gravidade
 Paira diante de mim.

Seu andar é tão suave
 Que o solo mal sente seus toques,
 Ela se aproxima inocente como uma criança.
 Seu derme facial é aveludada como pêssego.
 Seus lábios são vermelhos e carnudos como ameixa.
 Seus olhos...Oh, seus olhos
 Estão olhando para mim!

Por um instante e não mais que por um instante
 Tive a convicção de ter visto
 um anjo de verdade.
 Mas não era...
 Ela é muito mais...
 Ela é a menina por quem me apaixonei,
 Ainda que eu tente esquecê-la
 jamais conseguirei,
 pois seus encantos
 encrustaram-se em meu coração.

Decadência

Rodrigo Bastos- 17 anos

Preso a um sistema mutante, seletivo,
 um povo anda algemado pelas ruas, sem motivo,
 bocas caladas, para garantir direito à vida,
 como numa senzala contemporânea, que aos subordinados abriga,
 uma neo-escravidão moderna, da qual uma espécie luta para encontrar a saída.

Dos inocentes dominantes corre sangue quente,
 da injustiça nacional, uma impunidade insistente,
 pessoas acorrentadas por uma política estúpido-social,
 onde manipular seres humanos é atividade vital,
 a chibata agora é o cacetete de homens fardados,
 que fingem representar a salvação; cena banal.

Pais de família desesperados, abraçados pelo desemprego,
 vendo seus conhecimentos ultrapassados, perseguidos pelo medo,
 gente que batalha uma vida inteira, e seu lugar uma máquina roubou,
 convivendo com um capitalismo selvagem, que tudo que lhes restava levou,
 é normal, é moderno, é globalização,
 tão global quanto a miséria, que o mundo conquistou.

E as origens, e o passado, ofuscados por aparente progresso,
e a sociedade, e a educação, enfrentando incontrolável regresso,
no alto da pirâmide, assiste de camarote a elite acomodada,
sem cultura ou dignidade, a grande maioria é explorada,
nem ao menos interferem nesta realidade,
onde nas escolas, em vez de doces, vende-se droga embalada,
uma história decadente, de uma civilização alucinada.

Cansei de ser vítima da brutalidade,
e ver o meu orgulho sendo violado,
me calar perante tanta crueldade,
e ter a violência caminhando ao meu lado.

Cansei de promessas não cumpridas,
e de ser punido pelo preconceito,
ver minhas esperanças sendo destruídas,
e ter a miséria estampada em meu peito.

Estou farto de ser alvo do racismo,
e viver na mais completa precariedade,
ter a vingança como sentimentalismo,
me tornar um cúmplice da impunidade.

Estou farto de ver guerras e matanças,
e o homem sendo tratado como um animal,
encontrar revolta nos olhos de crianças,
e ser encarado como uma vergonha nacional.

Somos bonecos, controlados pela aristocracia nacional,
ou simples marionetes encenando uma comédia teatral,
somos sucata, apenas o resto do que restou,
ou sobreviventes que a guerra cotidiana poupou.

Nada mais a realeza soberana comanda os subordinados,
o escambo agora deu lugar ao assalariado,
mas a minoria ainda dita as regras sem que nada a impeça.

E o povo, leigo aos verdadeiros direitos e razões,
como no Xadrez: o rei, a dama e os peões,
vive de brincadeirinha, enquanto a verdadeira vida não começa.

Diante dos textos poéticos dos alunos da Ed. Infantil a Ensino Médio aqui apresentados, ousamos questionar que produção textual faria com que o aluno se revelasse tanto, ajudaria o professor a conhecer, a compreender o seu aluno e principalmente possibilitaria ao aluno que ele conhecesse a si mesmo.

Nesse sentido, acreditamos que a poesia é um dos viés importantes da produção textual, porque poesia é arte de emergir a alma, sendo assim, as

incursões poéticas são caminhos possíveis para a produção do conhecimento e a superação da fragmentação do ser.

6 O ESPELHO QUE A PESQUISA REVELA

Uma reflexão atenta sobre a apropriação do conhecimento, levando em conta a poesia com elemento articulador no Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Superior, teve como princípio de análise um questionário aplicado na I Fase e na VII do Curso de Pedagogia – UNERJ (Centro Universitário de Jaraguá do Sul).

Os motivos que levaram a pesquisadora a querer atuar *in loco* nessas duas esferas, foi o distanciamento que as fases possuem para que a mesma pudesse constatar se há ou não mudança paradigmática quando o educador participa e atua ativamente no processo.

Nesse sentido, foram encaminhados 30 questionários aos alunos do Curso de Pedagogia da I Fase e 21 questionários para os alunos da VII Fase. As 4 perguntas abertas foram reunidas num mesmo bloco, tanto a primeira fase como a sétima fase do período noturno responderam as mesmas questões para podermos fazer uma análise comparativa das respostas, verificamos que tanto a I fase quanto a VII fase apresentavam as mesmas dúvidas e aspirações. A partir da análise realizada pudemos contribuir com sugestões para o exercitar poético. contribuíram para constataremos as diferenças e as semelhanças que contribuem ou dificultam no processo educativo.

6.1 O DESCORTINAR DA POESIA

No dicionário AURÉLIO (1993, p.172), encontramos **descortinar**, significando “mostrar, correndo a cortina; enxergar, avistar; tornar manifesto, revelar”.

Nesse sentido, intencionamos mostrar o deslizar da cortina na poesia, que perpassa sobre as problemáticas e superações de sua aplicabilidade em sala de aula. Mais do que nunca faz-se necessária uma prática educacional que revele o ser na sua amplitude, porque: “se a pesquisa é sempre resposta a um problema da realidade, do qual decorre um conhecimento novo, e a tarefa de pesquisar e produzir novos conhecimentos é essencialmente social, humana, histórica, a comunicação da síntese obtida passa a ser o ponto de partida para novas construções que os alunos farão.” (ANASTASIOU, 1998, p.163).

Diante disso, para esta pesquisa, foram envolvidos 51 alunos-universitários do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Jaraguá do Sul- UNERJ. Nessa etapa da pesquisa, consideramos relevante saber o tempo de qualificação profissional, para verificarmos se a experiência profissional influi ou não no processo da aplicabilidade da poesia como elemento metodológico. A título de visualização, seguem abaixo gráficos que resultaram da pesquisa.

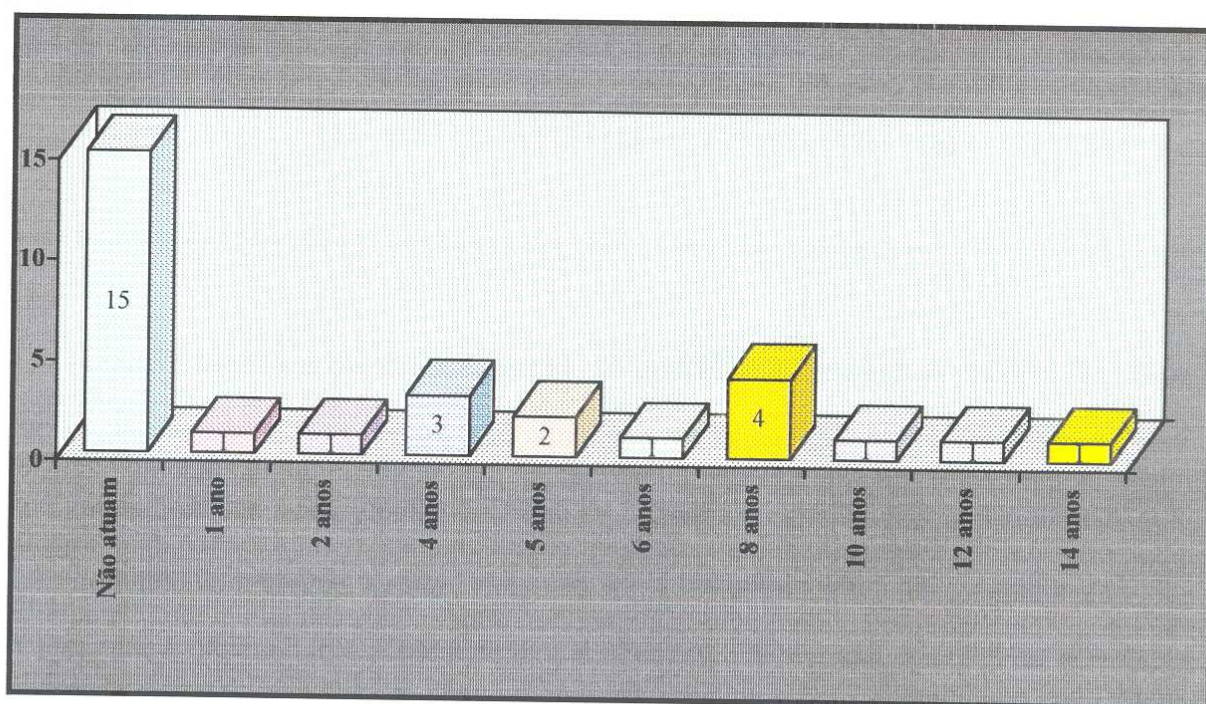
Tal questionamento foi realizado, porque no início da pesquisa pelas respostas recebidas nas propostas realizadas dos sujeitos, surgiu a dúvida por parte da pesquisadora se o tempo de experiência profissional ajudava ou atrapalhava o fazer poético. Constatamos que o tempo de experiência profissional era um auxiliar para os sujeitos que não pararam no tempo e no espaço educacional.

A I Fase com:

- 15 sujeitos que nunca atuaram em sala de aula,
- 1 sujeito que atua há 1 ano
- 1 sujeito que atua há 2 anos
- 3 sujeitos que atuam há 4 anos
- 2 sujeitos que atuam há 5 anos
- 1 sujeito que atua há 6 anos
- 4 sujeitos que atuam há 8 anos
- 1 sujeito que atua há 10 anos
- 1 sujeito que atua há 12 anos
- 1 sujeito que atua há 14 anos

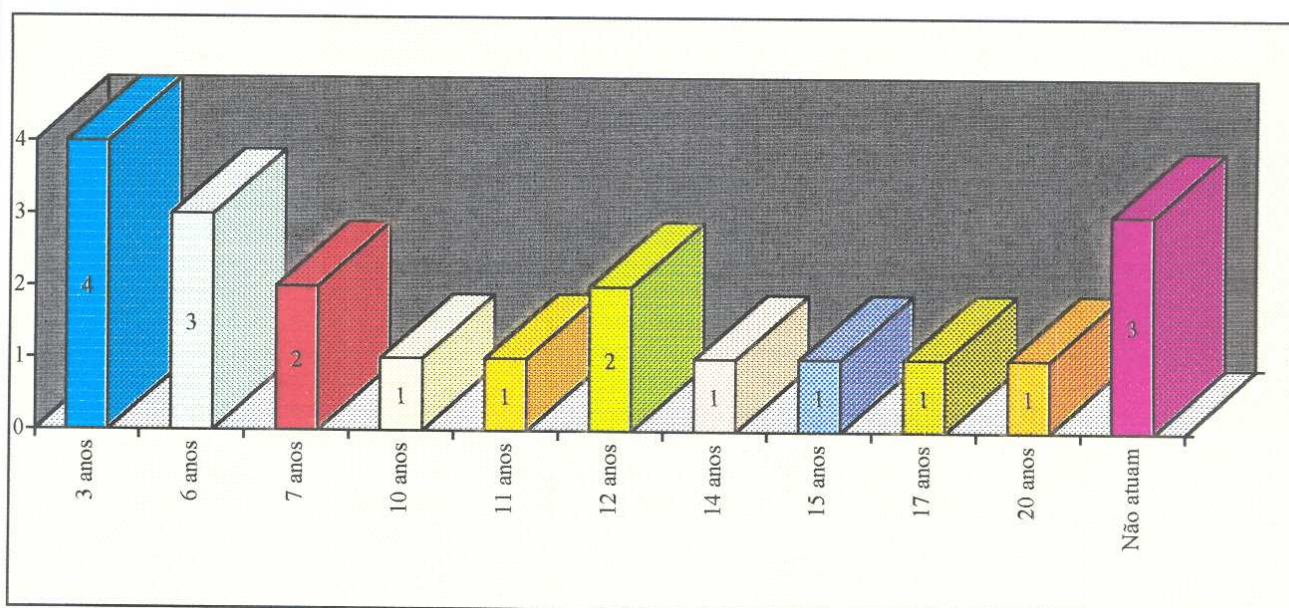
Revelaram durante a pesquisa que o pouco tempo de experiência profissional retirava dos mesmos ranços educacionais, medo de romper com paradigmas.

Clientela Envolvida- 1ª Fase do Curso de Pedagogia – UNERJ
 (Centro Universitário de Jaraguá do Sul)
 Número de Entrevistados: 30 Sujeitos
 Experiência Profissional - Magistério



Na VII o tempo de experiência profissional era maior, para alguns sujeitos o tempo foi positivo porque esses profissionais renovaram seu saber com fundamentação teórica, cursos e troca de experiências.

Clientela Envolvida _ VII Fase do Curso de Pedagogia – UNERJ
(Centro Universitário de Jaraguá do Sul)
Número de Entrevistados: 21 Sujeitos
Experiência Profissional – Magistério



Dos 51 sujeitos entrevistados através de questionário de pergunta aberta, da I fase (30 sujeitos) e da VII fase (21 sujeitos) do curso de Pedagogia, 100% consideraram ser importante trabalhar com Poesia no Ensino da Língua Portuguesa, por acreditarem que a poesia ensina as pessoas a serem mais críticas, a compreenderem melhor a fala implícita, a estimular a originalidade, a sensibilidade e a leitura. Os sujeitos da pesquisa acreditam que a poesia desperta o interior da criança e do adolescente com os quais trabalham em sala de aula. Acreditam também que a poesia expõe dualidades que refletem a realidade do educado, porque ela é descoberta e construção, imaginário e real. A poesia é como um quebra-cabeça de palavras que para montar se faz brincando, atingindo dessa forma a

seqüência lógica de idéias, desenvolvendo a imaginação , a expressão dos sentimentos. Os sujeitos acrescentaram que a poesia auxilia o crescimento intelectual, o aprendizado produtivo e dinâmico por meio de uma forma prazerosa de aprender, porque, para que a poesia aconteça, necessitamos perpassar pelos estágios de conhecimento do mundo, de nós no mundo, de nós mesmos, para podermos atingir o autoconhecimento do todo. Seguem abaixo, algumas considerações dos sujeitos da pesquisa:

A poesia ensina as pessoas a serem mais críticas, desenvolve a criticidade, criatividade, faz que possamos transformar em versos nossos sentimentos. (Sujeito 07-Experiência Profissional: 1 ano Área: Educação Especial)

A poesia na minha visão, faz aflorar sentimentos e melhora a sensibilidade das pessoas. Além de que o próprio estudo da poesia, ou a prática do escrever poético possibilita ao estudarmos e aprendermos de forma prazerosa a nossa língua materna.(Sujeito 09 – experiência Profissional: 5 anos Área: Educação Infantil e Ensino Fundamental)

A poesia é uma forma de expressão que desperta sensibilidade, emoção e sobretudo uma visão mais aprofundada de combinação dos elementos da língua. Então, é importante na medida em que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir mais sobre aquilo que está lendo, ajuda a aprender a ver além das palavras. Enfim, nada como um Camões, Fernando Pessoa, Drummond para fazer um aluno ver a beleza que pode-se construir com palavras. (Sujeito 37- Experiência Profissional: 3 anos Área: Séries Iniciais)

Oportunizar os momentos de ouvir histórias através de poemas, organizar rimas com palavras e depois montar as frases, os versos. É importante fornecer outros tipos de contos às crianças e também deixar que elas tenha a oportunidade de criar seus seus próprios poemas para sentir-se criadora de algo. (Sujeito 46- Experiência Profissional:10 anos Área: Ensino Fundamental –séries iniciais)

O primeiro estágio do descortinar fora atingido. Os alunos-universitários correram a cortina, enxergaram além dos bancos universitários uma nova forma de poder ensinar a Língua Portuguesa. Entretanto, para que o ato de vislumbrar não fosse desfraldado no tempo, chegamos à conclusão de que precisaríamos elencar metas para o educador poder contribuir, auxiliar que seus alunos criem poesias..Por meio de fundamentação teórica, troca de experiências, exposições individuais e em grupo, o educador precisa ser afetivo, sensível, criativo, capacitado, promover autonomia, ser um provocador/instigador no ato de apresentar a poesia. O educador não pode ser individualista, porque a troca de experiências , a atualização pedagógica faria atingir o seu objetivo de auxiliar o educando no contato com a

poesia. Sendo assim, ele tem condições de propiciar a almejada liberdade de expressão, oportunizar momentos lúdicos, apresentar diferentes estilos de poesia, explorar o vocabulário, procurar subsídios técnicos. Essa fundamentação teórica o instrumentalizaria para que ele pudesse ter consciência de que o aluno traz consigo o seu conhecimento, e este tem que ser valorizado e respeitado, para que a poesia pudesse fluir dos seus alunos. Dessa forma, pode-se contribuir consideravelmente para que o aluno crie suas verdades, seus conceitos, suas idéias com auxílio da poesia.

Pudemos constatar com as falas dos sujeitos o seguinte:

O professor precisa ler bastante sobre o assunto, para ser algo acessível de seu conhecimento a fim de transmitir com clareza. Explorar bastante idéias antes de propor a elaboração de um texto poético. Incentivar tudo o que a criança produz. Quando um professor fazer as correções, fazê-las individualmente, procurando de uma forma singela dizer-lhe onde poderia melhorar, instigá-lo a despertar seus sentimentos. (sujeito 04)

Deixar que criem poesias sem estipular quantidade, tema ou rimas. É através de pouco que começa a criar-se mais, ou seja, depois que eles estão mais íntimos, pode estipular (sem impor) temas. Acho que assim, os alunos se sentiram menos angustiados, menos obrigados a fazer, porque se sentiram mais livres. (sujeito 14).

Compreender o que é poema. Ouvir, ler, interpretar poemas. Criar o gosto por poemas através de poesias que podem ser contadas, um bom exemplo disso é Vinícius de Moraes. Criar poemas através de temas plausíveis. Só compreendendo, lendo, interpretando e gostando da poesia, a criança conseguirá inteirar-se de sua importância. (sujeito 16).

Deixar a vontade. Respeitar os sentimentos expostos. Estimular, incentivar sempre a produção de poesias. Muitas vezes quando a criança se revela, cria poesias o professor ri, faz chacota, não valoriza a produção do aluno fazendo com que ele crie um bloqueio para todo o sempre. Pelo menos, foi isso, que aconteceu comigo quando era criança. (sujeito 30).

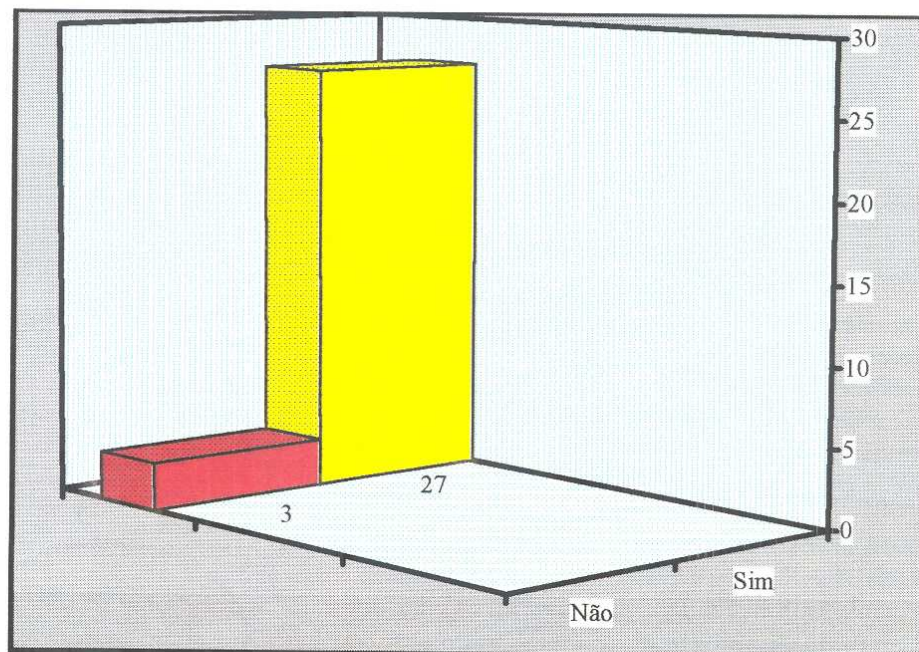
Criar um ambiente favorável para que a criança sinta-se segura e conseqüentemente liberta de constrangimentos e vergonhas, podendo com isso expressar-se livremente. Ao professor cabe o papel fundamental de motivar a apreciação do belo, de perceber pequenos detalhes que talvez na dinâmica do dia a dia passem despercebidos, viabilizando um espaço lúdico e prazeroso, trabalhando o ritmo e respiração, propiciando brincar com as palavras, o brincar com os sons.(sujeito 33).

A seguir, cita-se MORIN (1999, p.25):

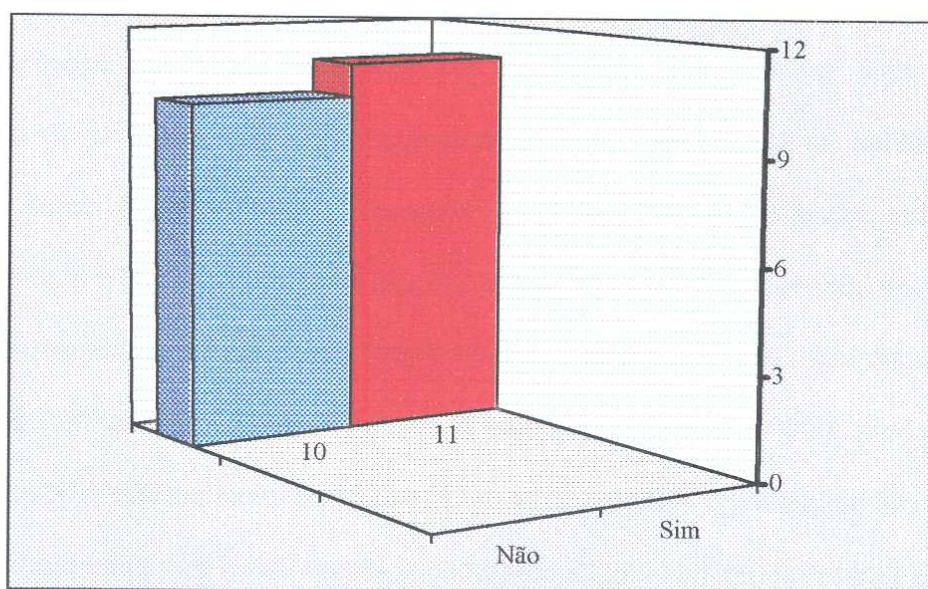
Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversas individuais e culturais, as diversas individuais e culturais em meio à unidade humana. Enfim, um pensamento unificador abre-se de si mesmo para o contexto dos contextos: o contexto planetário. Para seguir por esse caminho, o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento. (MORIN, 1999, p.25).

Diante disso, questionamos: Os sujeitos encontram dificuldades ao longo da sua caminhada pedagógica para colocarem em prática o fazer poético?

I FASE – 30 SUJEITOS



VII FASE
21- SUJEITOS

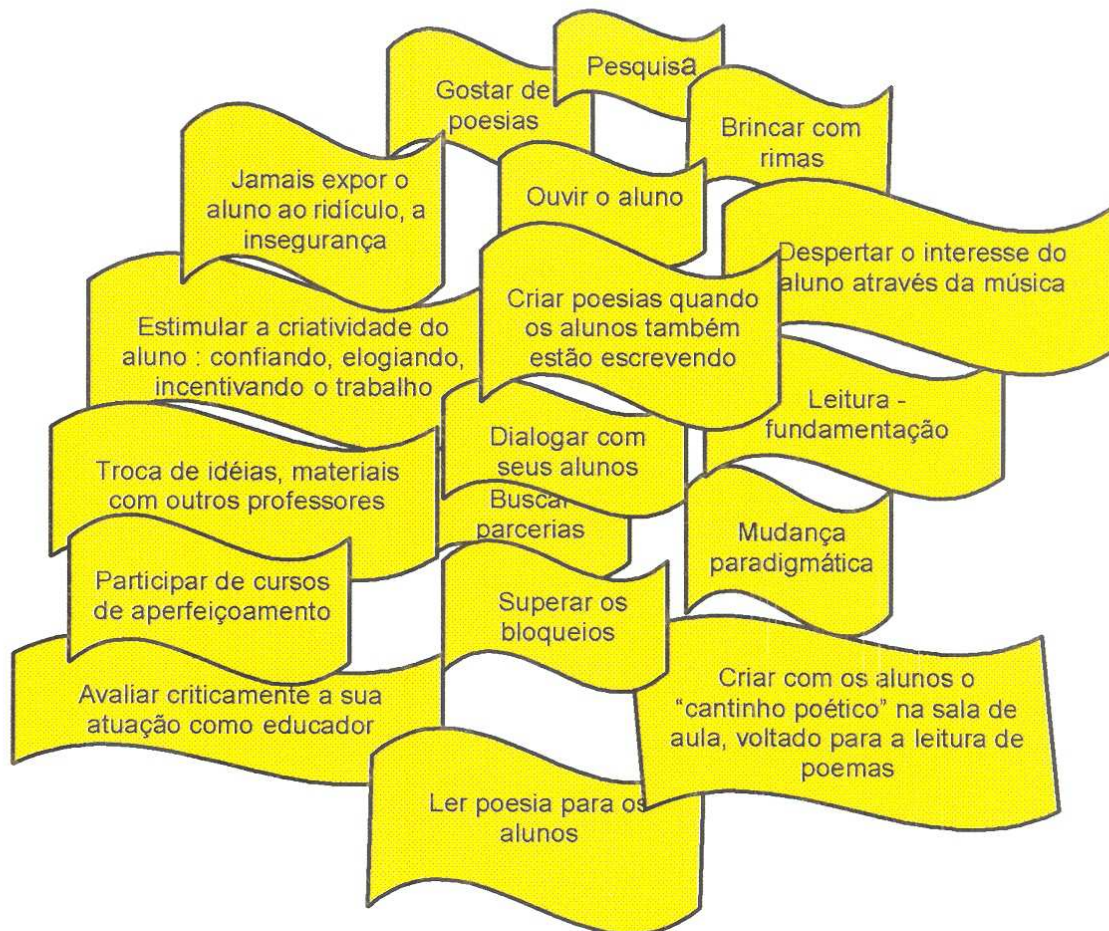


A afirmativa ecoa como um desafio a ser ultrapassado. Desafios esses, que os sujeitos enumeraram como sendo mais relevantes na dificuldade de aplicar a prática poética em sala de aula:



Conforme pudemos visualizar no gráfico anterior, existe falta de apoio, incentivo na Unidade Escolar para desenvolverem esse trabalho. Muitas vezes, o espaço físico é inadequado, bloqueios advindos da experiência quando eram crianças com o fazer poético são alguns dos agravantes enumerados pelos sujeitos. Dificuldades existem para os professores que objetivam muito mais do que apenas transmitir conteúdos. Acreditamos que a superação destes e de outros obstáculos ocorre com o ensino com pesquisa porque ultrapassa as dificuldades na prática poética, haja vista que todas essas superações dependem em primeira instância dos seres que estão envolvidos diretamente no processo educacional: professor e aluno.

Um exemplo disso, está nas palavras-chaves que os sujeitos disseram serem necessárias para essa superação:



A superação das dificuldades na prática poética elencadas acima:

- superar bloqueios
- gostar de poesias
- brincar com as rimas
- ser pesquisador
- ouvir o aluno

- despertar o interesse do aluno
- estimular a criatividade do aluno, confiando, elogiando, incentivando o trabalho do mesmo
- criar poesias quando os alunos também estão escrevendo
- ler poesias para os alunos
- trocar idéias , materiais com outros profissionais
- dialogar com seus alunos
- leitura-fundamentação
- avaliar criticamente a sua atuação como educador
- mudança paradigmática
- criar com os alunos o “cantinho poético” na sala de aula, voltado para a leitura de poemas
- buscar parcerias; são elementos significativos para a obtenção de um bom resultado nesse caminhar poético. Ficamos felizes durante a pesquisa, quando verificamos por parte dos sujeitos que o que fora elencado não ficou apenas no papel.

b) palavras-chaves que os sujeitos elencaram, sendo necessárias para o educador contribuir na formação de crianças produtoras de poemas.

O professor precisa:

- Ser leitor
- Ter contato com a poesia
- Estimulador
- Exercitar o ato de escrever poesias com os alunos
- Gostar de poesias
- Ler poesias para seus alunos
- Propiciar liberdade de expressão
- Oportunizar momentos lúdicos
- Apresentar diferentes estilos de poesia
- Valorizar e respeitar as produções poéticas dos alunos
- Procurar subsídios técnicos
- Pesquisador
- Incentivador
- Ser criativo
- Afetivo
- Ter consciência de que o aluno traz consigo o seu conhecimento
- Valorizar e aproveitar esse conhecimento do aluno
- Explorar o vocabulário Instigador
- Valorizar
- Explorar o vocabulário
- Instigador

Esses itens enumerados revelam que não há indícios de aspirações maternalistas e nem tampouco materialistas, mas sim ampla visão crítica e comprometimento profissional.

Precisamos ensiná-los a criarem opinião própria a respeito das coisas. Assim as mesmas poderão transcrever suas visões , seus pensamentos. (sujeito 7)

Uma apresentação otimista desse tipo de texto. Apresentando a poesia através de várias formas; teatro, fantoche, desenhos... e principalmente valorizar as produções poéticas das crianças. Estimular o gosto pela poesia através dessas formas. O professor precisa gostar de poesia para poder passar esse gostar para seus alunos. (sujeito 9)

Deixar que criem seus próprios conceitos, suas verdades, suas idéias. Sem que seja tudo imposto pelos professores. Hoje vejo o quanto as opiniões da professora Ivana ajudou na elaboração de textos e principalmente nos poemas. Porque ela nos fez pensar, refletir. (sujeito 14)

Promover o dia da poesia na escola, pedir (não impor) para que eles façam poesias e entre eles se presenteiem com as poesias que eles criaram. (sujeito 15)

c) Atuação do Professor



A atuação do professor visando uma prática pedagógica inovadora tendo a poesia como elemento articulador no ensino da Língua Portuguesa requer atitudes. Atitudes essas, que precisam privilegiar a construção e a reconstrução do conhecimento do aluno através da consciência individual e coletiva, tais fatores acontecem quando o professor o professor utiliza na sua prática profissional alguns dos itens elencados no gráfico acima.

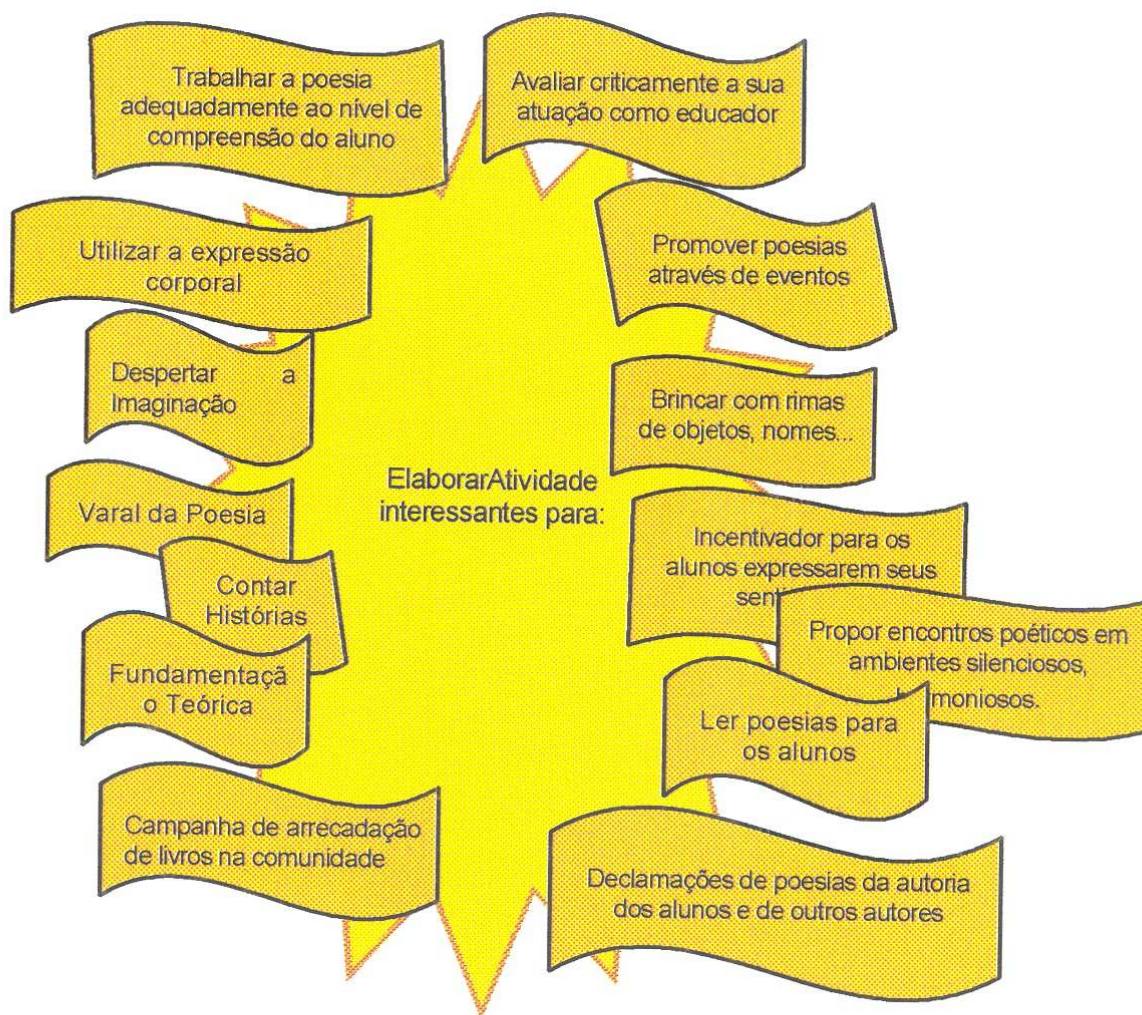
c) Os sujeitos pesquisados consideraram que o professor precisa elaborar atividades interessantes para:

Compreender o que é poema. Ouvir, ler, interpretar poemas. Criar o gosto por poemas através de poesias que podem ser contadas, um bom exemplo disso é Vinícius de Moraes. Criar poemas através de temas plausíveis. Só compreendendo, lendo, interpretando e gostando da poesia, a criança conseguirá inteirar-se de sua importância. (sujeito 16)

Dar livros de figuras para recortar, inventar formas, brincar com letras avulsas, formar frases, palavras, desenhos. Pedir para os alunos contarem, criarem e recriarem outra história a partir da história inicial, respeitando o interesse do aluno. Pelo exemplo de minha filha, a forma dela fazer poesia é tudo isso que escrevi acima e mais; a representação poética que ela mais gosta é em forma de desenho. (sujeito 26)

Deixar a vontade. Respeitar os sentimentos expostos. Estimular, incentivar sempre a produção de poesias. Muitas vezes quando a criança se revela, cria poesia o professor ri, faz chacota, não valoriza a produção do aluno fazendo com que ele crie um bloqueio para todo o sempre, Pelo menos foi isso que aconteceu comigo quando era criança. (sujeito 30)

Criar um ambiente favorável para que a criança sinta-se segura e conseqüentemente liberta de constrangimentos e vergonhas, podendo com isso expressar-se livremente. Ao professor cabe o papel fundamental de motivar a apreciação do belo, de perceber pequenos detalhes que talvez na dinâmica do dia a dia passem despercebidos, viabilizando um espaço lúdico e prazeroso, trabalhando o ritmo e respiração, propiciando brincar com as palavras, o brincar com os sons. (sujeito 33)



Acreditamos que esse aluno-universitário participante da pesquisa, ao propor metas a serem atingidas pelo docente está colaborando para uma prática pedagógica inovadora e providencial na atualidade, porque o fato desses sujeitos terem relacionado metodicamente o que o professor precisa ser, o que o professor fazer, revelam clareza de objetivos no trabalho docente.

Nesse sentido, concordamos com ANASTASIOU (1998, ps.165,166), quando diz que ensinar não se resume à passagem de informações e que a pesquisa se constitui em um substrato fundamental do trabalho docente. Alertando-nos de que a pesquisa deve ir muito além daquela realizada pela exigência meritocrática que o sistema impõe ao professor, valorizando a pesquisa enquanto busca de respostas aos problemas que a realidade nos põe. E, quanto a isto, a sala de aula é de uma riqueza intensa.

Por isso, pelas palavras, pelos gestos, pelas emoções implícitas e explícitas ao longo desta pesquisa, pela pesquisadora, pelos sujeitos pesquisados, acreditamos que :

uma janela quando aberta
sempre deixará a luz do sol entrar
o cheiro da terra molhada fluir
e mesmo que a fechemos novamente
mesmo que puxemos a cortina
sempre ficará a lembrança
da fagulha de luz
O que intencionamos
é tornar perene o descortinar...
porque uma janela quando aberta
sempre será uma forma possível de revelar
a língua materna através da poesia.

(Ivana Cavalcanti)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema de pesquisa aqui apresentado, surge como um elemento essencial no Ensino da Língua Portuguesa na Educação Superior para viabilizar a concretização de valores, sentimentos trabalhados com o intuito libertador do ser. Se queremos educar o todo, é necessário assimilarmos as partes, os seres nas suas singularidades.

A poesia é uma forma de expressão que desperta a sensibilidade, emoção e sobretudo uma visão mais aprofundada de combinação dos elementos da língua. Então, é importante na medida em que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir mais sobre aquilo que está lendo, ajuda a aprender a ver além das palavras. Sujeito 38

Na minha visão, a poesia faz aflorar sentimentos e melhora a sensibilidade das pessoas. Além de que o próprio estudo da poesia, ou a prática do escrever poético possibilita ao estudarmos e aprendermos de forma prazerosa a nossa língua materna. Sujeito 09

A poesia é fundamental para que o aprendizado seja produtivo e dinâmico. Estimula o sentimento, o emocional do indivíduo fazendo com que ele desperte para expor suas idéias, suas emoções. Sujeito12

Assim, a poesia na escola não tem valor pelo que pretendemos extrair dela; a essência de vida que pulsa em cada ser, um meio de compensação e equilíbrio, ofertado aos alunos pelas ressonâncias poéticas.

No decorrer da pesquisa, a pesquisadora e os alunos que dela participaram aprenderam, reafirmaram seus conceitos com relação a sua prática docente, os objetivos traçados pela pesquisadora foram atingidos porque o fato de constatarmos que o prazer pelo fazer poético fora internalizado pelos sujeitos, superou toda e qualquer angústia durante o processo da pesquisa.

Com a pesquisa foi repensado a necessidade vital de recuperarmos a capacidade de percepção- livre, pessoal, autônoma, a percepção criadora. Permitiu-nos redescobrir o olho, o tato, o ouvido, o olfato. Precisamos redescobrir nossa relação sensível com o mundo, com o nosso educando. Redescobrir as coisas, redescobrimo o nosso próprio corpo e nossas possibilidades de percepção. A

poesia precisa desse renascimento da sensibilidade e ao, mesmo tempo, engendra essa redescoberta dos sentidos.

A pesquisa não teve a intencionalidade de propor uma cartilha metodológica, mas sim, de mostrar que poesia pode e deve ser trabalhada na escola, porque a reflexão da produção do conhecimento estabelece vínculo perene com o aluno. A palavra deixa de ser vista como algo estanque passando a ser vivenciada no dia-a-dia do aluno com o exercício do fazer poético. Os textos produzidos pelos sujeitos e pelos seus alunos revelaram que quando estabelecemos objetivos e estratégias a poesia desnuda o ser na sua real e profunda beleza de existência.

É preciso redescobrir o gosto de ver, a alegria de sentir, o prazer da percepção, o entusiasmo da sensibilização, a convivência com poesia possibilita o ressurgimento dessas paixões. Esse resgatar da sensibilidade acontece a cada poema, sempre recomeçando. Acontece em cada atividade: a cada varal da poesia, cantinho da leitura criado, campanhas de arrecadação de livros na comunidade, brincadeiras de rima de objetos e nomes, leitura de poesias, confecção e elaboração de livros de poesias, a cada proposta de encontros poéticos .

Acreditamos que conviver com a poesia como elemento metodológico no ensino da Língua Portuguesa estimula, desinibe e cria, articula a palavra com a ação, com as emoções. Propicia uma educação mais abrangente para a atualidade.

Nesse sentido, propomos a inclusão da poesia no ementário da disciplina de Português do curso de Pedagogia na I e nas VI e VII fases, culminando com o evento poético proposto pelos sujeitos dessa pesquisa.

Concluindo, a “linguagem da ciência é necessariamente poética, pois serve para dar nome a coisas que são indescritíveis em palavras comuns ”(HUFFMAN, outubro 1999,p.106) e a “ linguagem poética também é científica, pois serve para

nominar as coisas da ciência que são indescritíveis em palavras científicas.”

(MESQUIDA,1998).

Por esse motivo, acreditamos que:

Pensamentos absortos apreendem/aprendem

A navegar no mundo mágico do sonho, da imaginação, da criação.

Mas... afinal de contas,

O que é magia?

O que é sonho?

O que é inteligência?

O que é criatividade?

O que autonomia?

São palavras que na profundidade do ser

se descobrem

se desnudam

se entrelaçam!

Imergindo... emergindo,

na sublime alquimia do encontro

do homem

com

a

poesia.

Ivana Cavalcanti

ANEXOS

ANEXO 1 – REGISTRO DAS RESPOSTAS OBTIDAS NO QUESTIONÁRIO COM PERGUNTAS ABERTAS- I e VII FASE DO CURSO DE PEDAGOGIA CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JARAGUÁ DO SUL - UNERJ

Clientela envolvida: 1ª fase

A) Você considera importante trabalhar com Poesia no Ensino da Língua Portuguesa?

sim não

Por quê?

1. Experiência de magistério _ não

Sim. Porque estimula a criatividade e a leitura. Cria uma sensibilidade e faz com que possamos compreender melhor a fala implícita que existe nas coisas.

2. Experiência de magistério – 6 anos Educação Infantil

Sim, porque não gostaria que as crianças de hoje tivessem a mesma dificuldade que tive, por falta de incentivo.

3. Experiência de magistério – 4 anos Ens. Fundamental (séries iniciais)

Sim. Porque a poesia desperta o interior da criança e do adolescente. Expõe o real e o imaginário, a prática e a conquista, a descoberta e a construção. Os alunos aprendem a ver a própria vida escolar de forma diferente e desejada.

4. Experiência de magistério – 8 anos Ens. Fundamental (séries iniciais)

Sim. Minha experiência pessoal em sala fez acreditar que a poesia é um momento de fazer pensar, é um quebra cabeça para montar, ter seqüência lógica de idéias, rima... A mesma importância vejo com meus alunos, eles precisam concentrar-se, pensar, organizar idéias, ter seqüência lógica, concordância verbal e nominal, paciência.

5. Experiência de magistério – 5 anos Educação Infantil

Sim. Acho que sim, porque se aprende muito e desenvolve a criatividade que não se tem em outra disciplina a mesma chance.

6. Experiência de magistério – 10 anos Educação Infantil

Sim. A Língua Portuguesa deve trabalhar textos diversificados e a Poesia é muito importante pois desenvolve a imaginação, a expressão do sentimento.

7. Experiência de magistério - 1 ano Educação Especial

Sim. A poesia ensina as pessoas a serem mais críticas, desenvolve a criticidade, faz com que possamos transformar em versos nossos sentimentos.

8. Experiência de magistério – não

Sim. A poesia sai de dentro da pessoa. Mesmo que a pessoa não queira colocar no papel na forma de poesia, quando ela faz está introspeção, a poesia acontece. Um desabafo por escrito se torna uma poesia triste, alegre, isto já aconteceu comigo nas primeiras poesias que a professora Ivana nos instruiu para escrever.

9. Experiência de magistério – 5 anos Educação Infantil e Ens. Fundamental (série iniciais)
Sim. Porque na minha visão, a poesia faz aflorar sentimentos e melhora a sensibilidade das pessoas. Além de que o próprio estudo da poesia, ou a prática do escrever poético possibilita ao estudarmos e aprendermos de forma prazerosa a nossa língua materna.
10. Experiência de magistério – não
Sim. Acho que sim, é uma forma das pessoas expressarem seus sentimentos.
11. Experiência de magistério – não
Sim. Porque eu acho que a poesia é um tipo de redação que a criança consegue expressar seus sentimentos mais escondidos , elas colocam pra fora, para o mundo e chegam até a emocionar os que lêem.
12. Experiência de magistério – 4 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)
Sim. Porque é fundamental para que o aprendizado seja produtivo e dinâmico. Estimula o sentimento, o emocional do indivíduo fazendo com que ele desperte para expor suas idéias, suas emoções.
13. Experiência de magistério – não
Sim. Porque através da poesia também é possível expressar sentimentos que às vezes estão escondidos lá no fundo, e que muitas vezes desconhecemos. A poesia possibilita o despertar dos sentimentos.
14. Experiência de magistério – não
Sim. Porque o aluno tem o dom de escrever poeticamente, porque a poesia está diretamente relacionada a sensibilidade me expressão os sentimentos, as emoções que acontecem ao nosso redor. Se a criança for motivada , ele se sentirá realizada e entusiasmada a escrever cada vez mais torço para isso acontecer efetivamente nas escolas, pois eu particularmente adoro poesias e gosto...escrevo porque fui motivada o suficiente para tal.
15. Experiência de magistério – não
Sim. Porque através da poesia podemos expressar nossos sentimentos. Sentimentos estes, desde o mais ingênuo , singelo até o mais irado...revoltado.
16. Experiência de magistério-8 anos Educação Infantil- Ensino Fund.(séries iniciais)
Sim. Porque a poesia libera os sentimentos mais profundos que se encontram escondidos, muitas vezes, em nosso subconsciente. A poesia é uma forma de expressão que desperta a criatividade e originalidade.
17. Experiência de magistério- 4 anos Educação Especial
Sim. É importante trabalhar com poesia no Ensino da Língua Portuguesa para as crianças terem mais criatividade e mais uma maneira para expressarem seus sentimentos em relação ao mundo e a tudo que lhes rodeia.
18. Experiência de magistério-8 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)

Sim. Acho importante trabalhar com a poesia porque a criança que tem contato com a poesia desde as séries iniciais terá mais facilidade para expor seus sentimentos, expressar-se através da escrita. Na poesia colocamos elementos naturais(natureza), sentimentos, valores e com certeza se bem trabalhada a criança aprenderá a respeitar e preservar de uma maneira gostosa e não apenas repassada em forma de repetição e cópia.

19. Experiência de magistério – não

Sim. Acho importante que as pessoas possam ter contato com a poesia, por que é através dela que podem expressar seus sentimentos na escrita. Apesar de achar um pouco difícil expressar-me na forma poética.

20. Experiência de magistério – não

Sim. Com a poesia os alunos expressam seus sentimentos e com isso suas idéias melhoram.

21. Experiência de magistério – não

Sim. Talvez através do que as crianças escrevem a gente percebe os problemas das crianças e assim também fazendo com que elas se interessem pela construção do texto e estimulando sua criatividade e seus sentimentos.

22. Experiência de magistério – não

Sim. A poesia ajuda a formação, a sensibilidade das crianças. Eu não tive essa formação e tenho dificuldades até hoje com a poesia.

23. Experiência de magistério-8 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)

Sim. Porque a poesia faz a criança criar, pensar, possibilita o crescimento intelectual . Estimula a imaginação e a criatividade.

24. Experiência de magistério - 2 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)

Sim. Descobre-se crianças que tem a capacidade grande de se identificar com a língua portuguesa, ou mesmo de usar as palavras.

25. Experiência de magistério – não

Sim.. A poesia esta ligada diretamente com os sentimentos. É mais uma forma de expressão, de desenvolver de forma diversificada a linguagem.

26. Experiência de magistério – não

Sim. Como tenho um pouco de interesse pela poesia acho que todos deveriam ter este acesso a poesia, para desenvolver a criatividade e muitas vezes desenvolver um dom que se encontra escondido e alguém (o professor) te auxilia a desenvolver.

27. Experiência de magistério – não

Sim. Faz com que a criança seja criativa e pense um pouco mais nas pessoas , pois a poesia faz você expressar ou demonstrar um lado mais sensível.

28. Experiência de magistério – não

Sim. Porque a poesia é uma fala suave, envolve muita criatividade que é despertada no aluno.

29. Experiência de magistério – 12 anos Educação Infantil

Sim. As crianças conseguem se desinibir, vão perdendo o medo de se expressarem. A poesia trabalha também com a concentração e a criatividade. Tenho uma aluna de 3 anos que se o maior prazer em declamar a poesia “convite” de José Paulo Paes, porque ela escutava os colegas ensaiando para a noite da poesia.

30. Experiência de magistério – 14 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)

Sim. Acredito que através da poesia muitos sentimentos são expostos e a partir daí podem ser trabalhados. Sentimentos esses muitas vezes profundos e complicados de entendê-los, interpretá-los apenas com a convivência em sala de aula.

Clientela envolvida: VII Fase

1) Você considera importante trabalhar com Poesia no Ensino da Língua Portuguesa?

sim não

Por quê?

31) Experiência de Magistério: 6 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)

Sim. Porque a poesia tem compromisso apenas com as emoções, com o belo e agradável. É mais humana e flexível. Contudo, poesia não se resume a buscar rima para as palavras no final dos versos, a poesia exige conhecimento do mundo, de nós mesmos e de nós no mundo, exige vocabulário e a capacidade de transformar o comum em novo. Poesia exige contato com poesia e muita leitura.

32) Experiência de Magistério: 3 anos Ensino Fundamental (séries iniciais)

Sim. A poesia é uma forma de expressão que desperta sensibilidade, emoção e sobretudo uma visão mais aprofundada de combinação dos elementos da língua. Então, é importante na medida em que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir mais sobre aquilo que está lendo, ajuda a aprender a ver além das palavras. Enfim, nada como a leitura de uma poesia que tenha sentido para o aluno para fazê-lo ver a beleza que pode-se construir com palavras.

33) Experiência de Magistério: 11 anos Educação Infantil

A vida da criança é permeada de imagens, fantasia e sentimentos. A poesia também carrega em si tais propriedades. Nada mais convincente do que o trabalho com poesia, pois a mesma brota naturalmente. Basta o cuidado de não utilizar recursos moralistas ou com fins comemorativos apenas, pois a poesia precisa de liberdade de expressão.

Não somente o trabalho no Ensino da Língua Portuguesa, mas tornar a poesia íntegra, independente de qualquer disciplina.

34) Experiência de Magistério: 15 anos Educação Infantil

Devemos oportunizar várias formas de linguagem para os alunos. A poesia propicia a imaginação corporal, a entonação da voz, desperta o gosto por vários textos literários, a criatividade entre outros aspectos.

35) Experiência de Magistério: 12 anos Ensino Fundamental – Séries Iniciais
Faz com que a criança desenvolva sentimentos pelos quais ela tem e muitas vezes é esquecido pelas pessoas que trabalham com as mesmas. A poesia desenvolver e revela muitas habilidades que temos: tonalidade da voz, desenvoltura facial, física e principalmente sentimentos abstratos que apenas como pessoa posso sentir e fazer-me sentida. Ex: Quando declamo alguma poesia, posso tanto fazer as pessoas rirem ou chorarem.

36) Experiência de Magistério: 20 anos Ensino Fundamental – Séries Iniciais
Todas as formas de expressão através da arte humaniza e completa o ser humano. Trabalhar com a poesia no ensino da língua portuguesa e mostrar às crianças a beleza das palavras, seu poder, seu fascínio...Trabalhar com a poesia é sensibilizar à expressão criadora.

37) Experiência de Magistério: 3 anos Ensino Fundamental – Séries Iniciais (pós graduada)
A poesia é uma forma de expressão que desperta sensibilidade, emoção e sobretudo uma visão mais aprofundada de combinação dos elementos da língua. Então, é importante na medida em que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir mais sobre aquilo que está lendo, ajuda a aprender a ver além das palavras. Enfim, nada como um Camões, Fernando Pessoa, Drummond para fazer um aluno ver a beleza que pode-se construir com palavras.

38) Experiência de Magistério: 14 anos Educação Infantil e Ensino Fundamental – Séries Iniciais (pós graduada)
O trabalho com poesias oportuniza aos alunos o autoconhecimento, a troca de sentimentos entre parceiros, o exercício de lidar/brincar com as palavras em seus mais diversos sentidos...Considero que a poesia é uma produção textual que transcende os signos, a escrita...

39) Experiência de Magistério: 7 anos Educação Infantil.
Primeiro selecionar bons autores de poemas, depois levar estes livros para a criança ver. Incentivar este tipo de material na sala de aula, poema também é cultura e aprendizagem. Trabalhar com poemas é deixar a criança colocar no papel ou oralmente o que ela está sentindo. Poema é reflexão, sentimentos e emoções.

40) Experiência de Magistério: 6 anos Educação Infantil e Ensino Fundamental – 5ª a 8ª séries
Acesso a diversos tipos de livros, revistas, jornais e até mesmo a televisão. Estimular a fazer pequenos textos com frequência em sala. Quando fazemos com que a criança tenha acesso a estas informações acima citadas, estamos incentivando e oportunizando a ela um conhecimento que fará com que ela sinta prazer em escrever, e este é o primeiro passo para tornar-se produtora de poemas.

41) Experiência de Magistério: 7 anos e meio Educação Infantil

- Incentivar

- Dar oportunidade para que possam conhecê-los.

Quem não tem um incentivo ou uma motivação não produz nada, também para produzir tem que conhecer para terem uma idéia de como é, e como se faz.

- 42) Experiência de Magistério: Nunca atuou
A prioridade é fazer a criança pensar pois elas estão acostumadas a receber tudo pronto. A criança para fazer um poema deve começar com algo que goste muito. Buscar na criança a sensibilidade, para que possa criar seu poema naturalmente.
- 43) Experiência de Magistério: 3 anos Ensino Fundamental (Séries Iniciais)
Mostrar o que já possuímos em nossa literatura, oportunizá-los de como se constrói, mostrando os diversos caminhos, fazendo emergir a criatividade de cada um. Um professor interessado na diversidade de textos, é capaz de levar o aluno a criar todas as possibilidades.
- 44) Experiência de Magistério: 3 anos Ensino Fundamental (Séries Iniciais)
Propiciar as mesmas livros de poesias, bem como os mais variados gêneros infantis. A leitura leva a criança a um mundo de magia e imaginação, sendo assim aguçar as mesmas, sua criatividade vai florir.
- 45) Experiência de Magistério: 6 anos Educação Infantil
Acredito que a criança deve ter contato com a leitura e conto de histórias e de poesias. Procurar conhecer o que elas sentem ou pensam ao ouvir uma poesia. Temos que levar em conta o fator idade para produção de poesias, mas o que não impede que as mesmas tenham contato com a literatura. Acredito que ninguém cria do nada é preciso vivenciar para a partir da experiência criar e transformar. Se a criança não for estimulada provavelmente e dificilmente gostará de escrever, pois isso depende do pensar e imaginar.
- 46) Experiência de Magistério: 10 anos Ensino Fundamental (Séries Iniciais)
Oportunizar os momentos de ouvir histórias através de poemas. Organizar rimas com as palavras e depois montar as frases, os versos. É importante fornecer outros tipos de contos às crianças e também deixar que elas tenham a oportunidade de criar seus próprios poemas para sentir-se criadora de algo.
- 47) Experiência de Magistério: Não leciono
Conhecimento de livros de literatura infantil variados. Construção de textos a partir da realidade da criança. A criança precisa de conhecimento de literatura infantil e deve divertir-se com isso.
- 48) Experiência de Magistério: 8 anos Educação Infantil
A criança precisa estar em contato com a literatura infantil e livros que contenham poesias. A produção da criança deve ser valorizada. Através do contato e da valorização do que ela produz é que a criança despertará para a produção de poemas
- 49) Experiência de Magistério: Não atua.
O primeiro passo a criança deve ter o contato com a leitura, e ser estimulada para isso. Quando a criança passa a gostar da leitura consequentemente ela irá se apaixonar por poemas.
- 50) Experiência de Magistério: 12 anos Ensino Fundamental (Séries Iniciais)
- Ser leitora
- Criatividade

- Poemas de acordo com a idade da criança

Quando a criança é leitora com certeza ela será criativa nas suas produções

51) Experiência de Magistério: 17 anos Educação Infantil

Oportunizar as crianças um trabalho com poesia, para que elas tenham gosto pelos poemas. Não só as poesias mas também as rimas, parlendas, trava-línguas, quadrinhas e textos poéticos em geral. Devem ser poesias gostosíssimas de ouvir, com ludicidade verbal e sonora, também musical, engraçadas e que mexam com os sentimentos e sobre assuntos que as crianças entendam e vivam no seu cotidiano. É importante que o professor use material concreto para ilustrar a poesia. O uso de poesias para desenvolver a linguagem oral e escrita faz com que a aprendizagem ocorra de uma forma gostosa, divertida e muitas vezes passa despercebida e vista pelas crianças como forma de brincadeira e de jogos ocorridos espontaneamente

I FASE

B) Quais as prioridades que você elenca para auxiliar as crianças a serem criadoras de poemas? Justifique

1. Serem sensíveis, criativas, gostarem de escrever, ler bastante, pois a leitura enriquece.
2. Ler bastante poemas e histórias infantis desde muito cedo, isto é, desde quando eles comessem a freqüentar os centros de Educação Infantil.
3. Para iniciar, é preciso que tenhamos alunos aptos à leitura e a interpretação textual. Depois é necessário ter em mãos livros sobre o tema. Devemos ter tempo ...criar tempo para as atividades da arte poética. Porque sem leitura não há interpretação textual. É preciso que eles leiam o criaram e o que os outros alunos criaram. Importante também é o contato desses alunos com obras poéticas.
4. Primeiramente, o professor precisa ler bastante sobre o assunto, para ser algo acessível de seu conhecimento a fim de transmitir com clareza. Explorar bastante idéias antes de propor a elaboração do texto poético, incentivar tudo o que a criança produz. Quando o professor fazer as correções, fazê-las individualmente, procurando de uma forma singela dizer-lhe onde poderia melhorar, instigá-lo a despertar seus sentimentos. O exemplo da professora Ivana quanto a essa prática é ótimo.
5. Desenvolver leituras e provocar a criatividade através de questionamentos. Apresentar a poesia para os alunos para que ele conheça o jogo das palavras através da rima, brinque de dramatização poética. Acredito que as etapas citadas, devem ser valorizadas para que o aluno aprenda que qualquer palavra pode se tornar um ato poético que o faz expressar seus sentimentos.
6. Com certeza o contato com este tipo de leitura. É fundamental para que as crianças construam, conheçam aos poucos esta forma de expressão da língua.
7. Precisamos ensiná-los a criarem opinião própria a respeito das coisas. Assim as mesmas poderão transcrever suas visões , seus pensamentos.
8. A criança tem que escolher o próprio tema e colocar tudo o que ela pensa no pedaço de papel. Com a ajuda do professor o aluno ele sentir-se-a encorajado para escrever o que deseja.
9. Uma apresentação otimista desse tipo de texto. Apresentando a poesia através de várias formas; teatro, fantoche, desenhos... e principalmente valorizar as produções poéticas das crianças. Estimular o gosto pela poesia através dessas formas. O professor precisa gostar de poesia para poder passar esse gostar para seus alunos.

10. Não sei, não tenho experiência com poesias, não tenho idéia de como poderia auxiliar a formar crianças poetas.
11. Deixar as crianças sempre livres para poderem exprimir seus sentimentos sem medo. Porque deixando-as livres elas não terão medo de expor tudo o que sentem.
12. Oportunidades, chances para expor suas idéias. Compreensão para com os alunos e muito....muito estímulo, para que o fazer poético seja um trabalho produtivo e gostoso.
13. Deixar que criem poesias sem estipular quantidade, tema ou rimas. É através de pouco que começa a criar-se mais, ou seja, depois que eles estão mais íntimos, pode-se estipular (sem impor) temas. Acho que assim os alunos sentiram-se menos angustiados, menos obrigados a fazer, porque sentiram-se mais livres.
14. Deixar que criem seus próprios conceitos, suas verdades, suas idéias. Sem que seja tudo imposto pelos professores. Hoje vejo o quanto as opiniões da professora Ivana ajudou na elaboração de textos e principalmente nos poemas. Porque ela nos fez pensar, refletir.
15. Promover o dia da poesia na escola, pedir (não impor) para que eles façam poesias e entre eles se apresentem com as poesias que eles criaram.
16. Compreender o que é poema. Ouvir , ler, interpretar poemas. Criar o gosto por poemas através de poesias que podem ser contadas, um bom exemplo disso é Vinícius de Moraes. Criar poemas através de temas plausíveis. Só compreendendo, lendo, interpretando e gostando da poesia, a criança conseguirá inteirar-se de sua importância.
17. O professor tem que apenas expor seus objetivos e depois fazer com que o resto seja tudo do gosto da criança.
18. Escolher poesias que tenham assuntos do interesse, da realidade do aluno. Trabalhar de maneira divertida e prazerosa. Trazer para a sala de aula livros com poemas. Ler poemas. Só gostamos daquilo que aprendemos com prazer e não de forma imposta.
19. Deixar as crianças escolherem os temas. Estimular o interesse. Trazer poemas para serem lidos em sala de aula.
20. Respeitar os sentimentos das crianças. Deixar as crianças a vontade. Estimular com leituras de outras obras.
21. O aluno tem que escolher o próprio tema. E às vezes, por vontade da criança, expor sua produção para todos. É essencial que o professor tenha a sensibilidade para que o aluno não se sinta envergonhado por produzir um texto que lhe pertence.
22. O incentivo a leitura, trabalhar com poesia, dependendo da idade da criança, pode ser com desenho ou escrita.

23. Leitura, música, arte. Autonomia , permitir-se ousar, deixando que o aluno use sua criatividade e imaginação.
24. O desenvolvimento da leitura. Teatro, arte, produção simples de colocar os pensamentos em papel, ou mesmo em material reciclados. Dar liberdade para o aluno criar.
25. Para iniciar apresentar alguns escritores, contar sua história e seus estilos de escrever e a partir daí pedir aos alunos que escrevam, primeiramente as crianças iriam escrever muito parecido com os autores que mais gostavam e depois de algum tempo criariam em estilo próprio.
26. Dar livros de figuras para recortar, inventar formas, brincar com letras avulsas, formar frases, palavras, desenhos. Pedir para os alunos contarem, criarem e recriarem outra história a partir da história inicial, respeitando o interesse do aluno. Pelo exemplo de minha filha, a forma dela fazer poesia é tudo isso que escrevi acima e mais; a representação poética que ela mais gosta é em forma de desenho.
27. Livros, apresentações de teatros, leitura.
28. Professores capacitados para a formação do aluno, através da reciclagem e troca de experiências. É preciso que os professores tenham condições (fundamentação) para poder contribuir com o aluno na expressão de seus sentimentos, na formação de seus valores.
29. Boa leituras. A partir das leituras o aluno vai se tornando criativo. Somos nós educadores que temos que passar para o aluno a sentir prazer pela leitura. Somente quem é bom leitor conseguirá produzir. Assim terá criatividade e originalidade.
30. Deixar a vontade. Respeitar os sentimentos expostos. Estimular, incentivar sempre a produção de poesias. Muitas vezes quando a criança se revela, cria poesia o professor ri, faz chacota, não valoriza a produção do aluno fazendo com que ele crie um bloqueio para todo o sempre, Pelo menos foi isso que aconteceu comigo quando era criança.

VII Fase

B) Quais as prioridades que você elenca para auxiliar as crianças a serem criadoras de poemas? Justifique

31) – Leitura

- Contato com poesia
- Estímulo para a leitura e produção de poesias por parte dos pais e dos professores.

A primeira leitura de mundo, contato com o mundo, a criança terá em casa com os pais. A criança se espelha nos pais que estimulam o hábito de ler e escrever, lendo e escrevendo. O professor deve enriquecer essa habilidade ou até mesmo iniciá-la.

32) 1º Ler poemas, fazer atividades de interpretação, 2º Escrever poemas.
Para você ter vontade de produzir poemas é necessário que você goste deles, então através de leituras e atividades pode-se despertar os alunos para o gosto pela poesia. E há, sem dúvida, a necessidade de que se escreva sempre poemas para que seja criado o hábito.

33) Criar um ambiente favorável para que a criança sinta-se segura e conseqüentemente liberta de constrangimentos e vergonhas, podendo com isso expressar-se livremente. Ao professor cabe o papel fundamental de motivar a apreciação do belo, de perceber pequenos detalhes que talvez na dinâmica do dia a dia passem despercebidos, viabilizando um espaço lúdico e prazeroso, trabalhando o ritmo e respiração, propiciando brincar com as palavras, o brincar com os sons.

34) – Apresentar vários tipos de poemas

- Dar liberdade de expressão
- Interpretar poesias (rescrever, desenhar...)
- Propiciar momentos de produção literária.

Além de apresentar as poesias já escritas como forma de conhecimento, devemos também permitir que nossos alunos produzam as suas “sem medo”, dando asas à imaginação, à liberdade de expressão.

35) – Trabalhar todos os nossos sentimentos: tristeza, alegria, agonia, exuberância perante algo ou um fato, silêncio, etc.

- Após fazer com que a criança inicie escrevendo o que ela sente diante essas diversas situações ou sentimentos.

Se nós trabalharmos os nossos sentimentos, estaremos desenvolvendo em nós mesmos a vontade de expressarmos através da escrita o que sentimos.

36) – Oportunizar momentos lúdicos com a poesia

- Oportunizar descoberta de diferentes formas de expressão
- Apresentar diferentes estilos de poesia
- Exercitar a sensibilização e a criação
- Valorizar e respeitar as produções das crianças

A criança deve descobrir que a poesia também é o brincar com as palavras para dizer das coisas que percebemos, sentimos, desejamos...Trabalhar a poesia com as crianças e oportunizar a descoberta da magia das palavras ao dizer de nossos sentimentos.

37) 1º Ler poemas, fazer atividades de interpretação, 2º Escrever poemas.

Para você ter vontade de produzir poemas é necessário que você goste deles, então através de leituras e atividades pode-se despertar os alunos para o gosto pela poesia. E há, sem dúvida, a necessidade de que se escreva sempre poemas para que seja criado o hábito.

38) 1- Atividades para encontro consigo

2 – Leituras diversificadas de poemas/poesia de autores com diferentes estilos

3 – Ouvir os amigos em relação aos mais variados sentimentos (espécie de oficinas)

4 – Trabalho/jogo com palavras (sentido conotativo e denotativo).

Acredito que seja essenciais atividades que forneçam subsídios técnicos (estudo da língua) e também as que promovam o desvelar de “subjetividades”...

39) Porque na escola onde trabalho o poema não é visto como integrante no processo de ensino aprendizagem

40) Porque para que estas práticas funcionem, elas não podem limitar-se apenas à sala de aula; as crianças devem ter esse mesmo incentivo em suas casas com as suas famílias; e isso é um pouco difícil de conseguir, muitos pais não ligam para esse tipo de informação, outros não podem ter esses materiais em suas casas

41) Porque também não tive incentivo e não foi trabalhado dentro dos cursos que fiz. E sem ajuda fica difícil para entendermos e até expor para nossos alunos. Mesmo buscando sozinha as vezes torna-se difícil

42) Nunca trabalhei em sala de aula

43) Não sei onde começar.

44) Não. Tenho na minha sala o cantinho da leitura, com muitos livros. Sempre que elas acabam as tarefas vão para lá e se divertem.

45) Não. Porque para a criança pequena o conto e leitura de histórias é um prazer. Embora acredito ser difícil para elas na idade de três anos produzirem poesia. Mas através de estímulos poderão desenvolver o gosto pela literatura, e terão facilidade em criar pois já vivenciaram momentos em que puderam ouvir e criar com a mediação do educador

46) Não. As crianças gostam de literatura, não importando qual o tipo. As frases rimadas em poemas fazem as crianças perceberem a ligação que existe nas palavras

47) Não leciono

48) As crianças trazem pouco conhecimento sobre o assunto e as escolas tem um precário acervo bibliográfico

49) Pois a criança gosta de ouvir leitura e quando consegue ler gosta de participar

50) Pois é difícil encontrar muitas poesias de acordo com a idade da criança. Também é pouco investido por parte da escola em livros de poesia

51) O trabalho com poesias, rima, parlendas, trava-línguas é feito pelo aluno de forma descontraída e divertida. Usando criatividade o professor pode explorar o vocabulário de diferentes e variadas poesias, as crianças estarão conhecendo novas palavras e aumentando suas possibilidades de expressão verbal o que na verdade não é dificuldade mas sim, ajuda a criança no seu desenvolvimento e paixão pela poesia.

I FASE**C) Você encontra dificuldades par por essas prioridades em prática?****() SIM () NÃO**

1. Sim. Por que ultimamente não tenho tido tempo de ler muito. Mas penso que sou uma pessoa com muita sensibilidade para escrever e transmitir textos poéticos.
2. Sim. Pelo fato de Ter estudado muito pouco quando criança e por falta de incentivo, tenho muitos bloqueios com a poesia.
3. Sim. Falta de livros para cada série ou faixa etária. Alunos com dificuldades em interpretar um texto poético.
4. Sim. A maior dificuldade em sala de aula é de poder atender individualmente cada aluno, muitas vezes os outros ficam dispersos. Às vezes o tema sugerido pode ferir o aluno, trazendo-lhe lembranças tristes, ele poderá apresentar reações diversas, até mesmo com agressividade. Falta de concentração de alguns alunos atrapalham.
5. Sim. Por não ter praticado anteriormente. Nunca fui orientada para despertar, escrever poesias. Talvez por isso encontre dificuldades.
6. Não. O poema é muito gostoso de ser trabalhado. O que falta é a prática da leitura, do contato da poesia com a realidade do aluno. Procuro através de leituras fazer as interpretações junto com os alunos, para que eles despertem a imaginação. Fator que considero ser um dos caminhos para o escrever, sentir poético.
7. Sim. É difícil reter a atenção das crianças.
8. Sim. O início, o proporcionar prazer para os alunos através da produção poética, é bastante difícil.
9. Sim. Apesar de me sentir melhor escrevendo, possuo um grande bloqueio em me expressar oralmente e isto é um ponto muito importante no trabalho docente com poesia.
10. Sim. Tenho muita dificuldade par fazer poesia, tenho a idéia fixa que para criar poesias tenho que fazê-la com rima, isso me bloqueia impedem que expresse meus sentimentos. Por Ter essa dificuldade, meu trabalho fica defasado.
11. Sim. Não é tão fácil assim, também devido a idade que trabalho que são de 3 a 6 anos. Eles até produzem, mas induzidos por mim. Por exemplo eu começo uma frase eles rimam com a última palavra.

12. Sim. Porque existem alunos que possuem enormes dificuldades para se abrir, esquecem que podem aprimorar seus conhecimentos. Até mesmo por eu querer mudar o modo de pensar de alguém num piscar de olhos.

13. Sim.

14. Sim. Acredito que encontraria dificuldades no início, até pela falta de prática nesta área. Seria difícil fazer com que as crianças entendam a importância das poesias.

15. Sim. Porque tem que vir da parte, da direção do colégio, abrir bagas ligadas a esse ramo da poesia e fazer os alunos se dedicarem de corpo e alma.

16. Sim. Porque a maioria dos alunos vêm de casa e da própria sociedade com o pensamento de que poesia coisa careta.

17. Sim. Acho que terei um pouco de dificuldade em fazer com que todos se expressem.

18. Não encontro dificuldades porque trabalho num centro de Ed. Infantil, onde temos materiais de apoio, inclusive, temos livros de poesias. Os alunos desde cedo tem contato e trabalhamos com rimas do nome, puxa- rimas que podem resultar em poemas ou não.

19. Sim. Ainda não trabalho com crianças, mas teria um pouco de dificuldade porque sinto que não consigo expressar os meus sentimentos, meus anseios no papel.

20. Sim. Acho a colocação de idéias muito difícil. A forma de explorar os sentimentos para por numa folha de caderno, transformando em poesia é difícil, talvez porque a falta de material de apoio para auxiliar é muito pouca.

21. Sim. Talvez terei dificuldade pois nem todos os alunos tem facilidade de expor, criar seus poemas.

22. Sim. Ainda não sou pedagoga, mas tenho minhas dificuldades para escrever, para criar, soltar meus sentimentos. Diante disso, acredito que terei dificuldades para por em prática o fazer poético.

23. Sim. Porque nem eu mesma quando estudei, aprendi a fazê-lo, por isso encontro um pouco de dificuldades em trabalhar na classe. E até quando preciso escrever minha própria poesia encontro dificuldades, mas penso que conseguirei superar, pois tenho ou acredito Ter isso dentro de mim, só falta resgatar, ampliar o que não foi feito no passado.

24. Sim. Porque é difícil você por em prática até o que você não desenvolveu no início quando era você o aluno, no meu tempo não tínhamos liberdade de expressão. Hoje o aluno é muito mais criativo, por ter liberdade de expressão.

25. Sim. Naturalmente sempre haverá alunos que se interessam e os desinteressados e o mais difícil é fazer alguém gostar de algo que não chamam sua atenção.

26. Não. Acho que sou um pouco privilegiado pois adoro ler e escrever, as idéias fluem com facilidade. Sei que o meu gostar influencia no escrever dos meus alunos.

27. Não. Gosto de produzir textos, e leio bastante poesias, talvez porque fui educado de maneira a ler vários livros e a sempre buscar, pesquisar. Tento passar esse gosto para meus alunos e o resultado é muito positivo.

28. Sim. O espaço físico, salas apropriadas para poder produzir, criar, expressar-se é uma realidade muito difícil de encontrar na escola.

29. Sim. Encontrar material apropriado para as diferentes idades, realidades é muito difícil. Outro fator que dificulta meu trabalho é que nunca consigo trabalhar o suficiente a poesia de forma prazerosa porque na minha infância meu lado de criação poética foi totalmente esmagado na escola.

30. Sim. Porque eu tenho dificuldade em fazer poesias e acho elas muito profundas, é delicado comentar ou estimular a produção da mesmo, no meu caso pelo menos. Como poderei interferir se eu não consigo, tenho dificuldades tremendas em praticar?

VII Fase

C) Você encontra dificuldades para por essas prioridades em prática?

31) Sim. Hoje as crianças não têm hábito de leitura. Elas assistem televisão, jogam videogame, têm centenas de outras formas de se distrair. Seus pais trabalham fora, ninguém lhes cobra leitura, então o livro fica de lado. Poesia então, vira um bicho-de-sete-cabeças. O vocabulário dessas crianças é pequeno e em muitos casos se restringe às frases interjetivas dos gibis.

32) Não. Em geral as crianças são bem receptivas à prática de produção de poemas. Principalmente quando o professor tem tempo para elaborar atividades interessantes tanto para produção quanto para a interpretação.

33) Não. A forma como a estrutura física está disposta e a proposta pedagógica da instituição de ensino a qual atuo, favorecem os elementos acima citados. É claro que muitas vezes devemos nos perceber e nos auto-avaliar afim de priorizar todos os conteúdos necessários, dentre eles o trabalho com poesia.

34) Sim. Pois encontro poucas poesias a nível de educação infantil (as mais conhecidas são de Vinícius de Moraes – A Arca de Noé) e por muitas vezes tenho que encontrar maneiras mais atraentes para criar nas crianças o gosto pela poesia (pouca concentração das crianças)

35) Às vezes. Pois o ambiente externo querendo ou não de uma escola influência muito. Ex: Você está desenvolvendo com os seus alunos uma técnica, onde elas devem tentar colocar suas angustias ou tristezas para fora. Aí inicia do lado externo da sua sala conversas, músicas alta, pessoa batendo bola na parede. Isto faz com que a criança se desconcentre e dificilmente ela consegue expressar seus sentimentos.

36) Não trabalho diretamente com alunos.

37) Não. Em geral as crianças são bem receptivas à prática de produção de poemas. Principalmente quando o professor tem tempo para elaborar atividades interessantes tanto para produção quanto para a interpretação.

38) Não. Pôr em prática não, encontro dificuldades para os alunos libertarem-se... Mas este é o sentimento inicial, no decorrer das atividades isto acaba se esvaindo!

39) Às vezes leio poemas e poesias e deixo as crianças criarem livremente em cima deles, se necessário leio o poema que mais gostaram várias vezes, até notar que os alunos entenderam o seu significado

40) Fazer campanha de arrecadação de livros, revistas e jornais na comunidade, antes porém informá-los e conscientizá-los da importância que isto tem para seus filhos; porque nem sempre o que a escola solicita é visto com bons olhos pelos pais. Justamente por falta de informação e conhecimento daquilo que seus filhos necessitam e é importante aprender

41) Penso que já respondi na questão anterior

42) Eu incentivaria as crianças a expressarem seus sentimentos. Pediria que fizessem de forma simples e sincera. Pois nas coisas simples, que encontramos a verdadeira beleza

43) O que aprendo com meus mestres – o que é quase nada. E pesquisas e faço

44) Não respondeu

45) Não respondeu

46) Não respondeu

47) Não respondeu

48) Utilizamos o pouco material que temos e muita criatividade

49) Não respondeu

50) Busco em outras entidades vários livros e peço ajuda aos colegas de trabalho

51) O trabalho com a poesia gera muitos tipos de brincadeiras. As rodas cantadas são também verdadeiras poesias, são rimas cantadas. A crianças brinca e ao

mesmo tempo que canta está recitando poesias, fazendo rimas. Trabalhar com quadrinhas e fazer mímicas e dramatizações para a descoberta da palavra chave, também é um trabalho bom. Trabalhar com rimas de nome de objetos, trabalha com a imaginação, com o vocabulário e a descontração em sala de aula. Conhecer alguns poetas que apresentam inúmeros poemas para as crianças, auxiliam o professor para realizar um bom trabalho com poesias. “A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado.” (José Paulo Paes).

I FASE**D) Quais os caminhos que você utiliza para superar essas dificuldades?**

1. fazer refazer os textos para aperfeiçoar.
2. Procuo ler bastante.
3. Buscar livros novos, ir a biblioteca, trocar materiais com outros professores. Utilizar revistas e jornais. Alfabetizar e ensinar-lhes a ler nas entre linhas.
4. Conversando com eles. Reestruturando o texto. Dando elogios do que produziram.
5. Tento me concentrar e observar, para que na próxima vez possa fazer melhor a minha prática docente.
6. -x-
7. É preciso conquistá-las.
8. Fundamentando a minha prática.
9. Ainda não as superei. Mas não desisto.
10. Bem acho que para superar essas dificuldades é preciso buscar parcerias, é preciso que alguém ajude, alguém que saiba como fazer e goste de fazer.
11. Eu não sei se é bem uma dificuldade, mas o método que eu uso é aquele que citei na pergunta da letra "C".
12. Estimulando seu espírito de criatividade. Fazendo com que possa se sentir satisfeito e gratificante pelo seu trabalho realizado com muita dificuldade e persistência.
13. Acho que superação, concentração e liberdade.
14. Deixando os alunos livres, expondo aos poucos, por etapas as várias formas de fazer poemas. Fazendo-os pensar no que mais toca seus sentimentos, pois poesia é isso: expressão de sentimentos.
15. Ter apoio dos professores e principalmente da direção do colégio. Ter uma pessoa para trabalhar o empenho do aluno ligado a essa área.
16. Fazer com que a criança perceba que está cercada de poesia, que inclusive as músicas que cantam (infantis, rock, paz, etc.) são poesias.
17. Acho que o que precisa é despertar o interesse da criança, fazendo com que ela tenha vontade de se expressar.

18. -x-
19. Procuo sempre que posso ler vários livros.
20. Com a elaboração de poesias, através de leituras de outros autores, só com a prática.
21. Nunca expondo o aluno a insegurança, ao ridículo. De início ir do jeito dele e depois fazer com ele se adapte as processo. Nunca obrigá-lo.
22. Procuo fazer leitura, ouvir música que de certa forma tem poesia, ler poesia, brincar com rimas, não sei se é o caminho certo, mas espero conseguir, trabalhar e superar essas dificuldades.
23. Procuo ler bastante, ler outras poesias de outros autores. Aprender valorizar as pequenas coisas que faço.
24. Os caminhos que eu utilizaria para essas dificuldades na minha realidade são os que estou fazendo, voltando aos bancos escolares (UNERJ) para me aperfeiçoar e poder transmitir aos meus alunos o saber apreendido.
25. Demonstrar o quanto é legal este mundo da poesia, e ter bastante material par poder trabalhar.
26. Eu leio, releio, corrijo e tento melhorar alguma idéia.
27. Como já falei a leitura é a coisa mais importante, pois é através dela que descobrimos novas formas de pensar e escrever.
28. Dispor de tempo para que os alunos superem essas dificuldades.
29. Pesquisas. Troca de experiências com outros professores. Incentivar as crianças a declamar. Trabalho com as poesias de José Paulo Paes.
30. Às vezes sozinha eu faço, escrevo poesia, mas as destruo por achá-la patética, ridícula e na maioria das vezes tento fugir desse modalidade da língua. Se não der pra fugir eu faço, mas sabendo e não acreditando que há beleza na poesia que faço. Tento não passar de a poesia de uma forma gostosa para que meus alunos nunca acreditem que o seu escrever é vazio.

VII Fase

D) Quais os caminhos que você utiliza para superar essas dificuldades?

- 31) – Conto histórias
- Leio poesias
 - Comento diferente tipos de poesias e autores de diferente épocas. Reforço a idéia de que a palavra tem poder, através da própria palavra.
 - Produzimos poesia

- Ouvimos e cantamos músicas, afinal, a letra de muitas delas é poesia.

32) Não respondeu

33) Muitas leituras, pois as mesmas nos desacomodam, nos fazem buscar cada vez mais a melhoria da prática pedagógica. Para isso necessitamos de tempo e da troca de idéias com coordenadores e/ou colegas de trabalho, o que atualmente está faltando.

34) – O debate (a compreensão de que fala a poesia)

- A dramatização
- A música
- A repetição, a expressão corporal e facial (tornando-a mais atraente)

35) – Um deles é encontrar ambientes mais silenciosos e harmoniosos. Ex: perto do rio, árvores ou andar por uma rua calma

- Colocar músicas clássicas onde muitas vezes expressam agonia, tristeza ou alegria

36) Não respondeu

37) Não respondeu

38) 1- Não desisto! Promovo sempre e sempre!

2 – Procuro me informar e me formar cada vez mais!

3 – Leio muitas poesias para eles! (Textos diversos)

4 – Encontros para declamações de poesias suas e de outros autores

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Eunice Soriano. **Psicologia da Criatividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALVES, Rubem. **A gestão do futuro**. Campinas: Papyrus, 1987.
- _____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica, 1995.
- _____. **Cenas da vida**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1998.
- AMARAL, Emília. ANTÔNIO, Severino. PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Redação, gramática, literatura**. São Paulo: Nova Cultural, 1993.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Metodologia do Ensino Superior**. Curitiba: IBPEX Autores Associados, 1998.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha. 2. ed. Difel.
- _____. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professor e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.
- _____. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1999.
- BELTRAN, José Luiz. **O ensino de português. Intenção ou realidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- BENJAMIM, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. In Os Pensadores. São Paulo. SÃO Paulo, 1993.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1991.
- BUARQUE, Cristóvan. **A aventura da Universidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- BRANDÃO, C.R.(org.) **O educador, vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

- BRANDÃO, Helena. MICHELETTI, Guaraciaba. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. Vol.2. São Paulo: Cortez, 1997.
- CANGNETI, Sueli de Souza. ZOTZ, Werner. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da Inteira. Uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Como ensinar Literatura Infantil**. São Paulo: Discubra, 1976.
- CUNHA, Maria Isabel. In: Morosini, Marília & Leite, Denise(Orgs.). **Universidade Futurante**. São Paulo, Papirus, 1997.
- CREMA, Roberto. **V Congresso sul brasileiro de qualidade na Educação**. Joinville, 1998.
- DRYDEN, Gordon & VOSS, Jeanette. **Revolucionando o aprendizado**. São Paulo: Makron Books, 1996.
- FAZENDA, Ivani. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- _____. **Arte, mente e cérebro**. Uma abordagem cognitiva da criatividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- _____. **O verdadeiro, o belo e o bom**. Os princípios básicos pra uma nova educação. Rio de Janeiro, 1999.
- GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultura**. São Paulo: Cortez, 1988.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. **O poema, um texto marginalizado**. In: BRANDÃO, Helena & MICHELETTI, Guaraciaba. Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos. São Paulo: Cortez, v. II, 1997.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

- HUFFMAN, Roald. **Nobel de química**. Super Interessante. São Paulo, nº 10, p.106, outubro, 1999.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Aula da disciplina de Mestrado em Educação: Filosofia e Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC, agosto, 1998.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre ; Artes Médicas, v. I, 1994.
- KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/ Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- McLAREN, Peter. **A vida nas escolas. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos na educação**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MESQUIDA, Peri. **História da Educação no Brasil**. 1999, Curitiba.
- MORAES, Maria Cândida. **Paradigma emergente**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita; repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: R.J. Bertrand. Brasil, 1999.
- NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- NETO, António Gil. **A produção de textos na escola**. São Paulo: Loyola, 1998.
- ORTEGA Y GASSET, José. El Quijote en la escuela. In: **Obras Completas**. Vol.2. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

- RICHE, Rosa. HADDAD, Luciane. **Oficina da Palavra**. São Paulo:FTD, 1988.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Crise na Linguagem**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.
- SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. SILVA, Eurides Brito da. **Como entender e aplicar a Nova LDB**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- STEINER, George. **Alfabetização Humanista**. In: Linguagem e silêncio. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- WEIL, Pierre In: Brandão, Denis & Crema, Roberto. **O novo paradigma holístico. Ondas a procura do mar**. São Paulo: Summus, 1991.
- STERNBERG, Robert. **Inteligência para o sucesso pessoal**. São Paulo: Editora Campus, 1985.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia: da pesquisa – ação**. São Paulo: Cortez, 1988.
- UNGARETTI, Giuseppe. **Razões de uma poesia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imaginário, 1984.
- VEIGA, Ilma Alencastro. **Metodologia do ensino no contexto do trabalho pedagógico**. In: Morosini, Marília & Leite, Denise. Universidade Futurante. Produção do ensino e inovação. Campinas, SP: Papyrus, 1997.